

**50 anos**  
de  
*Igreja-em-Diálogo*

*Deus*  
*é o existirmos,*  
*e isto não ser tudo*

1

**Graal**  
(1965-1977)

Autoria: Colectiva.

Responsáveis pela Edição: Teresa Vasconcelos, Isabel Allegro de Magalhães.

Título: Fernando Pessoa. *Livro do Desassossego*. Composto por Bernardo Soares, Ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, fragmento 22.

Capa: .

Traduções: I. Allegro de Magalhães

Editora: Paulinas

Lisboa, 2016

## ÍNDICE

Nota Liminar

Para fora do Império -----	Alison Healey
Criação por amor e os milagres da liberdade humana -----	Andrés Torres Queiruga
Salvar a criação divina, tão ameaçada, é algo central à fé -----	Marian Ronan
De uma fé idealista a uma fé transformadora -----	Anita Saisi
<i>“Não maltratateis nem oprimireis nenhum estrangeiro, pois vós mesmos fostes estrangeiros”</i> ou o desafio à intolerância -----	Teresa Toldy
<i>Training for Transformation: TFT,</i> um processo de formação para liderança(s) --	Anne Hope
Evangelização num mosaico intercultural: percurso de um diálogo ( <i>des</i> )conseguido? --	Ida Alvarinho
A religião não é para mulheres -----	Frei Bento Domingues OP
Os lugares das mulheres -----	Pearl Drego
Eco-justiça e cuidado, em verde e violeta -----	Lucia Ramón Cardonell
O Espírito sopra onde (Ela] quer -----	Lorna Bowman
O Graal no contexto dos Movimentos de Apostolado Emergentes -----	Maria Carlos Semedo Ramos



## NOTA LIMINAR

*Se não respondo por mim, quem responderá por mim?  
Mas se só respondo por mim, serei ainda eu?*

- Talmud da Babilónia -

### **1. Igreja-em-Diálogo : 50 anos depois**

Neste ano de 2015, o boletim *Igreja-em-Diálogo* cumpre cinquenta anos do seu nascimento. Para assinalar esta data, o Graal propôs-se lançar um número extra, fora da série dos seus doze volumes: um *Número Único* que aqui se apresenta, como homenagem a essa iniciativa de significado eclesial e societal, que vale a pena celebrar e dar a conhecer.

5

*Igreja-em-Diálogo* foi uma publicação lançada em Portugal pelo Movimento do Graal logo a seguir ao Concílio Vaticano II: entre 1965 e 1977. É seguramente uma das coisas que o Graal em Portugal guardará para sempre como pedra de incomensurável valor: uma sua pérola.

O propósito era então o de alargar o conhecimento das ideias e propostas conciliares, contribuindo assim – enquanto movimento de mulheres cristãs – para uma formação aprofundada e crítica de cristãos: comunidade e hierarquia, leigos e sacerdotes, mulheres e homens, através da circulação de textos que tratavam matérias de teologia, liturgia, eclesiologia, compromisso social, envolvimento na vida da *pólis*.

*Igreja-em-Diálogo* é um conjunto de breves antologias de artigos e ensaios, de capítulos de livros ou fragmentos e excertos deles, em geral de autoria estrangeira, reunidas em fascículos. Neles figuram teólogos,

filósofos, cientistas sociais e culturais, padres, leigos e bispos, escolhidos por - com ousadia e fidelidade à matriz cristã - pensarem à frente do seu tempo, na Europa e outras partes do mundo.

No Portugal do Estado Novo, esses textos não tinham entrada livre, o que estimulava o interesse por conhecê-los. Esses boletins foram (e são ainda) um manancial de ideias e posicionamentos: eclesiais e sociais, teológicos e espirituais, evangélicos e políticos, ainda hoje, na sua maioria, actualíssimos. Pelo que fomos sabendo, e ainda agora há quem pelo país fale nisso, essas publicações artesanais eram recebidas com entusiasmo, provocando em diferentes locais do país debates (antes de 1974, por vezes ‘à porta fechada’). Mais do que isso, é claro, não podemos saber. O que, sim, sabemos é que de entre as muitas pessoas que de longe e de perto participaram (e algumas participam ainda) no Graal, essa reflexão regular ao longo de mais de uma década permitiu criar referências fundamentais: teológico-bíblicas, litúrgico-eclesiais, bem como sociais, culturais e políticas.

6

No campo da reflexão teológica, figuram textos vindos de muitas das correntes teológicas desses anos, da Europa e outras partes do mundo: desde a Teologia das Realidades Terrestres, à da Esperança, à Teologia Política, às teologias contextuais, como é o caso das teologias da libertação, sobretudo na América-Latina, com o seu enorme potencial de mudança para um mundo mais habitável, mais justo e alegre para todos.

Tudo isto constituiu (e ainda hoje constitui) uma espécie de pano de fundo, de paisagem, ou de alma comum, de onde pudemos (e podemos ainda) ir extraindo um sentido mais alto na procura de Deus, na pertença à *ecclesia* universal, na participação litúrgica, na inspiração bíblica, bem como uma aprendizagem progressiva do exercício da cidadania: activa, justa, responsável.

Assim, nessa década de 1960, o contributo próprio do Graal em Portugal foi antes de mais o da formação de diferentes camadas da sociedade, em particular a de jovens – rapazes e raparigas, profissionais e pessoas de Portalegre, Coimbra, Lisboa, Porto, e de aldeias nos seus arredores: trabalhadores urbanos, suburbanos e rurais. A formação levada a cabo pelo Graal envolvia uma aprendizagem de análise crítica da sociedade como das formas da vida eclesial, chamando em especial as mulheres a agir o seu estar-no-mundo enquanto pessoas autónomas, como cidadãs e cristãs responsáveis.

Em paralelo com a intenção que moveu esse Boletim – a de tornar conhecido o pensamento conciliar e seus textos – muitas de nós no Graal éramos nesse tempo convidadas pela hierarquia da Igreja a fazer a formação quer de leigos quer do clero no país. Tanto nos seminários maiores, de Lisboa, Coimbra, Porto, onde iam as responsáveis primeiras do Graal na altura (Maria de Lourdes Pintasilgo, Teresa Santa Clara Gomes, Jacqueline Devémy, Teresinha Tavares, entre outras mais), como nos seminários menores, por todo o país, onde íamos algumas das mais novas e também mais recentes no Graal, como ainda em muitas paróquias urbanas e rurais.

7

Era de facto um trabalho insistente e consistente, esse da formação litúrgica pós-conciliar.

Poderemos hoje reconhecer que essa triangular preocupação do Graal, que procurava um pleno desenvolvimento do ser das mulheres, uma sua posição crítica e activa na sociedade, uma atitude interventiva e inventiva na Igreja pós-conciliar, terá sido o que possivelmente tornou a presença do Graal em Portugal singular.

## 2. Breve história de uma publicação

De forma criativa e lançada para o futuro, *Igreja-em-Diálogo* apresentou durante mais de uma década ideias e reflexões inovadoras e efervescentes, nesses campos da teologia, da liturgia, da espiritualidade, do ecumenismo, da moral, da política. Além disso, incluía uma análise crítica, nesse tempo bem corajosa, mas também cautelosa, da sociedade e da própria igreja.

Os boletins circulavam de Norte a Sul do país, o que nesse tempo português de ditadura do Estado Novo era caso raro, dado o excessivo fechamento a posicionamentos interrogativos, e muito menos críticos, em relação a tudo o que pudesse desestabilizar o sistema.

Nos seus doze anos de existência, editou doze volumes, no total com 61 fascículos individuais. Cada fascículo seguia um tema. E sem dúvida (aliás, essa era a ideia) os conteúdos de cada um dos quatro ou cinco textos incluídos (com uma introdução ao conjunto e uma pequena resenha sobre cada um deles) eram sempre inesperados, problematizantes, instigadores, para a Igreja e as sociedades, na Europa e sobretudo no Portugal de então.

Nos primeiros oito anos, saíram cinco exemplares por ano, passando a periodicidade a ser trimestral nos quatro anos seguintes. Houve mais de mil assinantes, homens e mulheres, que tanto eram das maiores cidades como dos mais recônditos lugares do território: cristãos ou não, universitários jovens e adultos, padres e seminaristas de muitas dioceses, gente atenta, aberta, mesmo atea ou agnóstica. O facto de a publicação ter saído a seguir ao Concílio permitiu, perante a instituição eclesial e a censura política, constituir menor ameaça ao *status quo*.

A ideia nasceu de Teresa Santa Clara Gomes e de Maria de Lourdes Pintasilgo, que foram as Mulheres por cujas mãos, mente e coração, o Graal Internacional veio para Portugal.

Teresa Santa Clara assumiu a edição de cada número desses anos: selecionava os textos, traduzia-os, organizava os conteúdos individuais e os do conjunto da série anual. Os textos vinham de fora, através do Graal noutros países, de amigos estrangeiros ou através de Maria de Lourdes Pintasilgo e/ou de Teresa Santa Clara, quando tinham viagens e compromissos fora do país.

A sua feitura era artesanal: o trabalho de dactilografia e de reprodução (ainda a *stencil*) e o do envio de cada exemplar pelo correio estavam a cargo de um grupo de participantes do Graal em Coimbra<sup>1</sup>.

Desse trabalho voluntário são amostra estas fotografias de época:



(agrafando as páginas)



(levando os exemplares ao correio)

Numa 1ª fase (até 1973), a forma dos boletins era a mais simples e informal: folhas A4 policopiadas e agrafadas, tendo a folha de rosto o nome, um grafismo e um índice dos conteúdos desse número. Houve alteração do grafismo inicial em 1970 (Imagens 1 e 2).

Numa 2ª fase (de então até ao final), o tamanho era mais pequeno, A5, com uma capa já de cartolina, cada ano em sua cor, sendo o *design*

---

<sup>1</sup> O Graal, enquanto movimento cristão reconhecido pela Igreja, começou nas dioceses de Coimbra e Portalegre onde, mesmo em 1961, os bispos se abriram a um novo modo de presença na Igreja. Em Lisboa, o Cardeal Cerejeira, apesar de apreciar a qualidade humana, intelectual e cristã das ex-líderes da JUCF que trouxeram o Graal para Portugal, temeu a existência de um grupo leigo só de mulheres, sem qualquer assistente eclesiástico e com dimensão internacional. Isto nos anos finais de 1950. Anos depois da “prova” dada pelo Graal nas duas dioceses onde começou, o Cardeal, honra lhe seja, reconheceu o seu valor, aceitou por fim a presença “oficial” do Graal na Igreja em Lisboa.

desta capa impressa (como já a da anterior, manual) da autoria da artista belga do Graal Annie de Riemaecker (Imagens 2-5).



São estas as palavras de apresentação do *Boletim*, por Teresa Santa Clara, incluídas no verso da folha de rosto dos primeiros números \_\_\_\_\_

### 3. Os Conteúdos

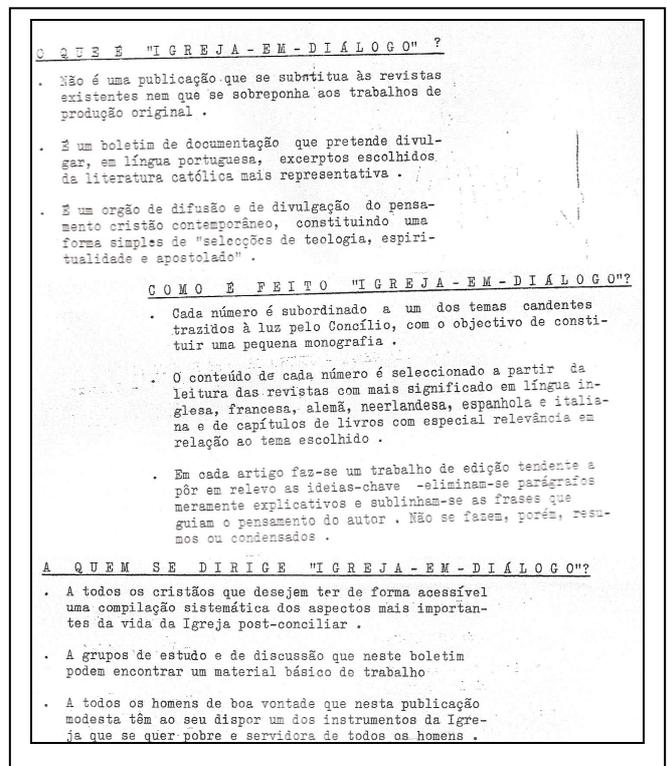
1965-1973

Os cinco números do Vol. I, de 1965, trazem a lume temas directamente vinculados ao que de novo trouxe o Concílio Vaticano II.

O primeiro número pega num dos primordiais propósitos do Concílio: a

abertura da Igreja, a sua conversão a uma igreja-para-o-mundo, como propõe a Constituição *Gaudium et spes*, dirigida aos cristãos e, significativamente, a todos os seres humanos de boa vontade.

O tema que em 1965 abre o Vol. I de *Igreja-em-Diálogo* é justamente “*Renovação da Igreja*”, com um conjunto de textos de grandes pensadores eclesiais nos anos de 1960, como é o caso de Yves Congar OP, Hans Küng, Henri de Lubac, Albert Dondeyne, teólogos que muito contribuíram para a preparação dos trabalhos conciliares.



Outro dos temas centrais de Vaticano II foi a Liturgia e sua actualização, do que dá conta a Constituição *Lumen gentium*.

(A mudança então operada em muito se deveu, e é bom lembrá-lo, ao movimento litúrgico lançado pelos beneditinos da Abadia de Maria Laach, na Renânia (Alemanha), onde Odo Casel pensava já a liturgia católica como “festa mistérica”, ou seja, como “participação no Mistério” divino e como “acção litúrgica de culto”. Isto em 1921.)

Ora justamente o número seguinte do Boletim teve por tema “*A reforma litúrgica*”, com reflexões de J. Gelineau, uma “Carta Pastoral” dos bispos franceses, entre outros textos. O 3º número, “*O valor cristão das realidades terrestres*”, congregava reflexões de Pe. A. Chenu, do teólogo neerlandês Edward Schillebeeckx OP, de Karl Rahner, teólogos-chave para o pensamento conciliar. Os boletins 4º e 5º focavam *A Liberdade Religiosa* e o *Ecumenismo*, ambos pontos importantes no Concílio.

No ano seguinte, 1966, o II Vol. aprofundará ainda temas conciliares: “*Igreja e comunidade*”, com textos de Paulo VI que convida a pensar de maneira nova; de Congar, com a ideia de uma “Igreja-em-estado de concílio” e a expressa necessidade de se passar “do juridismo a uma ontologia da graça, duma visão doutrinária a outra pastoral”, apelando à “participação de todo o corpo eclesial na regulamentação da sua própria vida”; de Karl Rahner, que chama a atenção para o que pode ser o “cristão do futuro”; e da Equipa de redacção da revista francesa *Fêtes et saisons* (nº. 197), que incita “a repensar a pobreza, face a uma civilização de consumo crescente”.

O tema do 2º número é “*O Povo de Deus*”, dando a ler uma alocução de Paulo VI que sublinha a estrutura horizontal em que se insere a comunicação de Deus com os humanos e põe em relevo o carácter histórico, dinâmico, ligado à Terra, da Igreja; o Prof. J.C. Groot põe em evidência não só a visão de uma igreja-comunidade, colegial, mas também

a orientação escatológica duma comunidade em estado de devir. Acentua a noção de que a unidade eclesial não significa diluição de oposições e de contradições, mas pelo contrário”, como nota Jean-P. Dubois Dumée (Dir. de *Informations C.I.*), o que há a fazer é abolir na Igreja “a mentalidade de proprietário” e “os exclusivismos” (da “verdade”, entenda-se). Os três outros números de 1966 têm os seguintes temas:

- “*Evangelização*”: com o desafio a uma igreja-sal-da-terra, que dê prioridade aos pobres e assente no diálogo - pensada, por exemplo, por Pe. Georges Deleuve e A.M. Henri;

- “*Instituições cristãs*”: onde o texto do Pe. Liégé OP (excerto de *Maintenant*, de 1966) chama a atenção para o peso das instituições cristãs desde o tempo da Cristandade, anunciando uma igreja de serviço e não de poder; acentuando a necessidade de a Igreja se adaptar às circunstâncias da época e insistindo no seu papel de serva: “a Igreja terá a preocupação de manter-se livre em relação às instâncias temporais, a fim de que por ela seja manifestada a transcendência do Evangelho, [...] terá a preocupação da pobreza - pobreza de prestígio, de poder, bem como financeira, [...] terá a preocupação de servir a sociedade, sem a utilizar nem anexar, o que conduz a uma presença no futuro do mundo que respeite os seus empreendimentos e olhe com simpatia os seus projectos; [...] terá a preocupação de uma qualidade particular da fé, distinta da religião atávica e demasiado sociológica.”

12

Por sua vez, lemos do teólogo Bernard Häring a incitação seguinte: “É fazendo-se tudo para todos: judaica com os judeus, grega com os gregos, romana com os romanos, que a Igreja afirma a sua liberdade interior face às formas mutáveis da sociedade.”

- “*Uma Igreja de pessoas adultas*”: com o texto de Congar a identificar os homens [hoje, diríamos os humanos!] como espiritualmente adultos quando passam duma atitude egocentrista, ou expansiva apenas no

sentido da autorrealização, a uma posse de si próprios e dos seus recursos, a uma espiritualidade orientada para o dom”.

Em 1967, os temas serão:

“*Ateísmo contemporâneo e experiência de Deus*”;

“*A Moral*”: mostrada aqui na sua exigência de um crescimento interior que exclui toda a fixidez e esclerose das leis morais, exigindo, em vez disso, invenção e responsabilidade pessoal e comunitária;

- “*A Construção da Paz*”: onde se reflecte sobre a consciência cristã perante a guerra, e sobre o desenvolvimento como novo nome da Paz. E isto num país em plena guerra colonial (iniciada em 1961).

- “*A Liberdade*”: com textos que ponderam os diversos condicionamentos da Igreja.

- “*Os Leigos*”: onde se acentua o papel do laicado na missão profética do Povo de Deus, na linha do pensamento do teólogo do Concílio Yves Congar, claramente expresso, por exemplo, em *Jalons pour une théologie du laïcat* (2ª ed. 1954) – embora muitas das suas propostas não tenham sido incluídas nos documentos conciliares, dada a diversidade da composição, em geral conservadora, do Colégio cardinalício.

13

Entre os autores deste volume estão: Pe. Rafael Burgaleta OP, Albert Dondeye; Cardeal Suenens, Pe. Philippe Delhay, o poeta brasileiro Thiago de Mello; Pe. Raimundo Sigmond OP; Rollo May, Pe. Louis Beinaert; Pe. Gregory Baum, Pe. A. Liégé.

Em 1968, o vol. IV traz cinco temas que são na altura igualmente explosivos na sociedade portuguesa (fechada, apesar da chamada “abertura marcelista”: ligeira e quase só aparente) e na Igreja católica (ainda muito ligada ao regime):

- *Sub-desenvolvimento e desenvolvimento*: à volta da Encíclica “*Populorum progressio*” de Paulo VI, com o pensamento de Pe. V. Cosmao OP, Jean-Yves Calvez, Pe. M.D. Chenu OP;

- *Cristianismo e Secularização*: toma uma questão antes de mais pensada em contextos protestantes e que é aqui vista deste modo: “Na medida em que todos os humanos têm consciência de pertencer à mesma História, não por uma origem ou um destino religioso, mas a nível duma estrutura de civilização comum, caracterizada pelo seu desenvolvimento profano, a secularização é uma unificação universal. O mundo permanece mundo, com autonomia própria, sem necessidade de se apoiar no sagrado ou no religioso para se compreender ou se exprimir”. Os escritos são de Mons. Willebrands (num excerto da Conferência feita em Beirute em 1967), de René Marlé S.J., de H. Oosterhuis;

- *Valores humanos e novidade da fé*: com textos que pensam a fé em contextos de mutação, exigindo rever a sua simbólica, a dogmática, a ética e a pastoral, numa era a que o Pe. Manaranche considera já “pós-cristã”;

14

- *Verdadeira e falsa reforma da Igreja*: aborda os conteúdos da palavra “contestação” (palavra-mestra em 1968 – o “*Mai 68*” -, palavra essa que é olhada como condição de progresso) e a noção de uma verdadeira “adesão” [à Igreja]. Os contributos são de Congar, Maurice Bellet, Mons. Schmidt (bispo de Metz). O número seguinte tematizará: “Direitos humanos e a Paz”.

Por extraordinário que possa parecer, após o Concílio ter claramente afirmado a dignidade e a missão dos Leigos dentro do Povo de Deus, na Igreja em Portugal era preciso, até 1968, obter uma autorização formal por parte da hierarquia, para publicações ligadas ao pensamento da Igreja – neste caso para a publicação de cada um dos exemplares (dado que o Graal nunca teve assistente eclesiástico, como era norma na altura). É por isso

que cada número inscrevia a consagrada fórmula dessa autorização: “Com licença da autoridade eclesiástica”.

Em 1969, o Vol. V teve os seguintes quatro temas (cada um deles desdobrado, claro, em três, cinco ou mais textos): “*O destino universal dos bens*”; *O culto na vida cristã*; *Cristianismo e revolução*; *Felizes os pobres*.

Em 1970, Vol. VI: *Igreja e democracia*; *Imaginar a Igreja*; *Vida e Festa*; *Nem só de pão vive o homem*; *Evangelho e acção política*.

Em 1971, Vol. VII: *Para uma educação permanente da fé*; *O cristão é um homem livre*; *Novas comunidades na Igreja*; *Cristianismo e Futuro da Humanidade*; *Ecumenismo*.

Em 1972, Vol. VIII: *Jesus e o Povo*; *A fidelidade hoje*; *Apelo de Deus a uma humanidade planetizada*; *Evangelho e Marxismo*.

Nestes últimos quatro anos, entre os autores – para além dos já aqui citados – conta-se: Michel de Certeau, Pierre Eyt, Gregory Baum, Harvey Cox, Denis Vasse, J.C. Dhôtel SJ., Sam Keen, Henri Denis, Jürgen Moltmann, J.B. Metz, W.A. Wisser’t Hooft. Yvonne Pellé-Douël, Roger Garaudy, J.M. Gonzalez-Ruiz, D. Helder Câmara, e outros mais.

15

1973-1977

A partir de 1973, o rosto do Boletim mudou, como atrás foi anotado. Também a periodicidade passou a ser trimestral. As “Introduções” ficaram a cargo de Maria de Lourdes Pintasilgo (algumas das quais foram depois reunidas no seu livro *Imaginar a Igreja: Reflexões Ultrapassadas* (Lisboa: Multinova, 1980).

No vol. IX, do ano anterior à chamada “revolução de Abril”, os temas mantêm-se, aumentando ainda por vezes a sua temperatura de preocupação social e política: *Teologia política*; *Fé cristã e transformação*

*social; Felicidade humana e Reino de Deus; As contradições do progresso à luz da fé.* Os autores: Giulio Girardi, J.M. Pohier, Carlos Mesters, C. Geffré, S. Spirandi, Odette Thibault, Marcel Gonin, Lanza del Vasco, J. Moltmann, entre outros.

Simultaneamente, ao longo desses últimos seis anos, com as acções e programas do Graal, sobretudo em Coimbra e Portalegre, e em aldeias próximas, procurava-se pôr em prática aquilo que ia sendo lido e apreendido. Assim, foram lançados vários programas de conscientização e alfabetização politizada, usando-se o método do pedagogo brasileiro Paulo Freire – que, aliás, chegou a visitar algumas dessas aldeias. Era nas regiões de Coimbra (Almalaguês, Cabouco) e de Portalegre (Alegrete, etc.), bem como em bairros-de-lata em Lisboa (Marvila, Galinheiras, etc.), onde cautelosamente o Graal orientava esses processos de alfabetização, consciência crítica e politização.

16

Os programas conjugavam uma outra ideia que era a de preparar estudantes (e professores) universitários, eles e elas, para esse trabalho, dada a escassez de relação por parte do mundo intelectual e da Universidade com as camadas mais desfavorecidas da sociedade, quer rural quer urbana e sub-urbana.

1974 e ss.

Com o grande marco que é o 25 de Abril de 1974 na vida do país, esta publicação (diferentemente de tantas outras em Portugal) não teve de alterar pontos de vista, propostas e preocupações. Por exemplo, o vol. X, de 1974, centrava-se em temas que continuavam a aliar o momento revolucionário ao aprofundamento numa fé responsável pelo mundo:

*O anúncio de Jesus Cristo ao mundo contemporâneo; Num Momento Revolucionário, uma Igreja Profética; Caminhos da Libertação Cristã;*

*Doutrina ou Prática Social Cristã?* – com escritos de André Manaranche, Maurice Bellet OP, Fernando Urbina; Paulo Freire, Julius Nyerere (então Presidente da Tanzânia), Bispos do Centro-Oeste do Brasil, vozes do Episcopado Mexicano; P. Verghese, G. Gutierrez, C. Mesters; J. Candenias Pallares, Julio L. Fernandez, Aldo Vannuchi, Cláudio Perani, entre outros.

Em 1975, os temas do Vol. XI foram: *A Promessa de um Novo Futuro; Fé/Vida, Vida/Fé; De uma Fé Idealista a uma Fé Transformadora; A Força das Mulheres: um Sinal dos Tempos*. E os autores são aqui Carlos Mesters, C. Braaten, R. Jeenson, J. Moltmann, Paul Tillich; Roger Garaudy, uma Equipa do Graal; Paulo Freire, René Nouailhat, Ranière La Valle, J. Moltmann; Ivonne Pellet-Douël, Mary Daily, Karl Rahner.

Em 1976, os temas do Vol. XII foram: *Reordenar o Mundo; Uma Igreja que Nasce do Povo; A Procura de uma Nova Ordem Mundial; A Bíblia nas Mãos do Povo*. E os autores são: Carlos Mesters, Charles Birch, Jean Ladrière, Alain Birou, Dag Hammarskjöld, Vincent Cosmao, Garaudy, e outros mais.

17

É também significativo que, entre outras acções lançadas pelo Graal nos primeiros três anos pós-“Revolução”, figurem as seguintes iniciativas:

- 1) conscientização e alfabetização de mulheres rurais, por mulheres urbanas, uma vez que o governo assumiu imediatamente a tarefa de alfabetizar o povo em geral (havia cerca de 60% de analfabetos na década de 1970);
- 2) constituição de espaços de reflexão sobre a relação entre fé e política, em cidades, vilas e aldeias: aquilo que Teresa Santa Clara idealizou e semanalmente preparou, apoiada na experiência das ‘Comunidades de Base’ no Brasil: os “Círculos bíblicos”. Os textos desses “Círculos” bíblicos, usados semanalmente, eram textos breves sobre essa ligação da fé e à responsabilidade por todos. Eram textos curtos:

numa folha A4, colorida de acordo com o tempo litúrgico, que circulava em grupos e movimentos cristãos diversos, em casas, grupos urbanos e rurais, pequenas fábricas no interior do país, nas zonas Norte, Centro e Sul.

Para levar a ideia por diante, foram formadas 5 ou 6 equipas móveis no Norte e no Centro do país, de Espanha à costa atlântica. Quem movia essas equipas eram estudantes universitárias, professores e professoras universitárias e do então chamado Liceu, alguns estrangeiros que tinham vindo para colaborar na logística e coisas práticas. Ia-se de terra em terra, à noite, para poder reunir o povo trabalhador e os jovens estudantes quando os havia. Nas cidades era simples ir a esses grupos. Nas zonas do interior ou rurais as deslocações eram por vezes complicadas, mas o povo acudia, por nunca ter ouvido falar em que a fé cristã era uma exigência de compromisso político, uma responsabilidade de cada um e de todos pela vida duma sociedade e que, nela, cada pessoa tinha direito a voz e vez.

18

Acontecia que em muitas das aldeias nem sequer havia lugar para reunir homens e mulheres a não ser o espaço de uma igreja. Os homens, esses, reuniam-se nos cafés, onde as mulheres não eram autorizadas a entrar. Por isso era muitas vezes em igrejas e à luz de velas que grupos de gente de pequenos lugares ou aldeias eram convocados pelo próprio pároco do sítio, para livremente conversarem dentro da igreja sobre as mudanças trazidas pelo 25 de Abril e as nossas responsabilidades sócio-políticas, enquanto cristãos. A reflexão era orientada por uma pessoa do Graal ou que com o Graal colaborava, e a conversa baseava-se no texto desse “Círculo” semanal. Aí se propunha uma análise crítica dos acontecimentos da semana para a seguir tentar aperceber as exigências que os textos bíblicos sugeriam como compromisso pessoal e conjunto. (Em algumas das aldeias, o pároco

não deixou prosseguir tais reflexões, por temer implicações políticas fora do *status quo* conhecido...)

As equipas móveis foram um modo de operacionalizar os “Círculos Bíblicos”. Estes foram um projecto de vários anos e que ainda há-de vir um dia à letra de imprensa...

Por curiosidade, de entre as publicações periódicas que foram fonte dos textos de *Igreja-em-Diálogo*, figuram: *Informations Catholiques Internationales (ICI)*, *Parole et mission*, *Lumen vitae*, *Ecumenical Notes*, *Pax Romana Journal*, *Documentation catholique*, *Études*, *Christus*, *Bulletin de l’Unesco*, *Communion-Presses de Taizé*, *Lumière et Vie*, e muitas outras. E de entre os livros, *Foi et mission* (1965), *Maintenant* (1966), de A. Liégé; *Force et faiblesse de la religion*, de Bernard Häring (1964); *Les Voies du Dieu vivant*, de Yves Congar (1962).

Assim se fecha esse ciclo de doze anos de *Igreja-em-Diálogo*.

19

Contudo, não termina aí esse propósito de formação eclesial, sócio-política e cultural do Graal. Em continuidade com o mesmo propósito, haverá a seguir uma outra publicação, desta vez impressa e mais curta – com apenas quatro páginas A4: o Boletim *Mudar a Vida*, dirigido em particular a públicos universitários e intelectuais, a quadros técnico-profissionais da sociedade urbana.

Igualmente orientado e composto por Teresa Santa Clara Gomes, de 1978 a 1987, com 65 números em 10 anos. A multiplicidade das matérias anda à roda de problemas e interrogações cruciais para o mundo dessa década, em múltiplos domínios, e que ainda hoje surgem cheios de actualidade. Alguns exemplos significativos das matérias: *Mudar o Trabalho*; *Mulheres em Mudança*; *Para uma Sociedade Ética*; *Reflexões sobre o Poder*; *Uma nova Ordem Internacional*; *Uma Economia ao*

*Serviço do Homem; Igreja dos Pobres; Novos Movimentos Sociais; Formas de Vida Alternativas; Ética e Antropologia.*

A este, outro boletim impresso se seguirá, orientado para públicos idênticos aos da anterior publicação, mas agora com o fito de registrar em letra de forma e dar a conhecer os conteúdos de alguns dos debates acontecidos entre 1999 e 2006 no TERRAÇO, o Centro do Graal em Lisboa.

Os temas percorrem questões da cultura contemporânea, das novas ciências (bioética, engenharia genética, neurociências, por exemplo), dos *media*, da política, da sociedade, da ética e dos valores, das diferentes religiões e espiritualidades. São as *Publicações-TERRAÇO*, com um total de 28 números, pelos quais fui responsável, com alguma colaboração de outras pessoas.

Ora durante esses 40 anos, a totalidade das publicações periódicas do Graal em Portugal entre 1965 e 2005 perfaz um conjunto de 154 fascículos, o que adquire já algum significado quanto a este modo de presença do Graal na Igreja e na sociedade portuguesa, estendendo-se ainda, desde o início, ao Brasil, às colónias, depois países africanos de língua portuguesa, sobretudo a Cabo Verde, Moçambique, Angola.

20

### **A escolha dos temas para *Igreja-em-Diálogo***

Neste breve sumário dos caminhos percorridos por *Igreja-em-Diálogo*, ao incluir muitos dos temas tratados (apesar de, por questões de espaço, a listagem não ter sido exaustiva), a intenção foi a de salientar perante aqueles que porventura não conheceram a anterior publicação, alguns pontos a meu ver fulcrais:

- por um lado, o quanto esses textos terão contribuído para o alargamento de uma consciência cristã crítica, quer a nível da pertença eclesial quer da intervenção na sociedade;

- por outro lado, a poderosa aliança conseguida entre arrojo e bom-senso, o que se revela na escolha de textos e autores, num compasso de abertura gradual e bem ponderado, de modo a que, até 1974, a censura (política e eclesiástica) não travou a edição, mesmo se ela incluiu propostas radicais para uma mudança de mentalidades, de estruturas e práticas de vida;

- por outro lado ainda, e como adjuvante, a presença de temas muito audazes, em termos eclesiais e sociais, como é o caso (entre muitos mais) do texto de Giulio Girardi que, em 1973, insiste na “opção pelo partido dos pobres e das classes que os representam na luta social”, notando que “[o] novo tipo de homem e de cristão que Cristo quis instaurar só pode realizar-se no quadro de um novo tipo de sociedade” (Vol. IX (2), 1973, 83-85); e simultaneamente, a incorporação de matérias centradas (em novos termos, naturalmente) no aprofundamento espiritual, num esclarecimento crítico da fé, num conhecimento maior dos fundamentos da liturgia e numa prática cristã responsabilizada pelos outros e pelo curso do Mundo e da História.

21

Curioso e significativo é o facto de, mesmo hoje, quase todos os textos recolhidos manterem actualidade, mesmo se entretanto houve – naturalmente – avanços, aprofundamentos, desdobramentos, em relação a muitos dos temas.

É pois de assinalar que o Boletim *Igreja-em-Diálogo* atravessou 1974 e a chamada “revolução de Abril” sem quebras de monta nem alterações de fundo (coisa rara em grupos e associações no país, diga-se de passagem). A meu ver, isso deve-se à raiz espiritual profunda que tudo motivou e de onde tudo nasceu, permitindo à árvore plantada abrir-se em ramos cada vez mais alargados e acolhedores do múltiplo e do comum.

Hoje, do dinamismo e agir do Graal, poderá talvez dizer-se que é o mesmo de outrora, só que – obviamente – com o acento posto em alguns

outros pontos e com outras formas e expressões, dadas as mudanças do mundo.

O espaço próprio (feminino, cultural, espiritual, transnacional) que o movimento do Graal configura continua a ser um espaço de busca – seguindo a sugestão dinâmica da lenda medieval europeia de que tomou o nome. A sua base antropológica é ser um grupo de mulheres (de todo o mundo), na convicção de que - no exercício pleno da sua subjectividade própria e de uma cidadania indignada, generosa e eficaz, elas podem ser portadoras de um acréscimo de cuidado à vida presente das pessoas e das sociedades e ao futuro do mundo. A sua busca ou procura permanente (que, na vida do Graal, se traduz também em alterações frequentes nas estruturas, nos modos de operar, de celebrar, de analisar, de agir, de formular) pretende que a dimensão do Transcendente possa atravessar todas as esferas e tarefas da vida. Esforça-se por ter presente uma visão ampla da Humanidade – na sugestiva designação de Teilhard de Chardin, enquanto *noosfera* (de par com *atmosfera*, etc.), concebendo com esse nome uma outra camada que envolve a Terra, camada humana e indiferenciada, a partir da qual cada ser humano se individua. Daí a ideia da responsabilidade de cada um pelo todo. E, à partida, o que enquadra a percepção que o Graal tem do mundo e sua intervenção nas realidades sócio-políticas decorre da sua dimensão e visão transnacional.

22

O Graal busca fundamentalmente uma consciência viva, cada vez mais de actividade passiva e de passividade activa, da presença a Deus, no contexto da sua raiz matricial no cristianismo. Essa raiz é justamente o que lhe permite e suscita uma abertura, não apenas ecuménica mas também a outras pertenças e procuras espirituais e de sentido para a vida. E o dinamismo espiritual (que o Graal procura ser) traz-lhe modalidades de expressão diversas: enquanto movimento cristão, comunidade de mulheres, rede transnacional (presente nos vários continentes), ONG e ONGD (em

Portugal), etc., sendo esse dinamismo o que funda e fundamenta os modos da sua presença no mundo.

Quanto à responsabilidade para com a vida nesta Terra, essa busca leva a tentar contribuir de forma eficaz para uma transformação deste mundo num outro mais habitável, em que haja igualdade de oportunidades, justiça, solidariedade e uma alegria por todos partilhada.

Ora, conjugando pessoas, ideias, e esforços a nível internacional, o Graal reúne elementos que outros grupos e movimentos naturalmente também incluem. A sua identidade, porém, consistirá no *modo* de articular esses elementos diversos, o que gera a sua “originalidade” e uma cultura própria.

#### 4. *Deus é o existirmos, e isto não ser tudo*: um Número Único

Fora já da série de publicações de *Igreja-em-Diálogo*, faz-se sair agora um seu *Número Único*, a celebrar os cinquenta anos após o seu lançamento e impacto atrás brevemente resumido.

23

E para este número único contribuem 12 autores: teólogos e teólogas portuguesas e estrangeiras, participantes do Graal de fora e de dentro do país. A cada pessoa foi pedido que abordasse uma matéria que tocasse inquietações e esperanças semelhantes às que guiaram os textos do Boletim que agora se evoca. Pediu-se pois a cada uma das pessoas que tratasse uma das questões a seu ver mais presentes e significativas no mundo actual, na área própria da sua reflexão. Ao mesmo tempo, e para que houvesse alguma unidade neste *Número Único*, foi lançado um fio que pudesse de algum modo ligar de modo simbólico os diferentes textos, ou um seu eixo aglutinador. Tal fio vem de Fernando Pessoa, do seu *Livro do Desassossego*, e é o seguinte: *Deus é o existirmos, e isto não ser tudo* (fragº. 22, ed. 1998).

Ora é isto mesmo que nos move na procura de um sentido maior - o infinito do sentido, como diz Jean-Luc Nancy – para a nossa existência nesta Terra, enquanto seres responsáveis por nós, pelos outros e por tudo o que na Terra vive e existe.

Eis a Antologia: 12 textos, a maioria deles de autoria feminina e leiga – nisso diferindo do agora evocado Boletim, cuja autoria foi, como era natural na altura, maioritariamente masculina e em larga maioria eclesiástica. Os temas giram sobre pólos importantes na corrente década de 2015. Alguns são textos dados em primeira mão, outros tinham já visto a luz em algum outro lugar, tendo agora sido recompostos pelos seus autores. Aliás, essa era a tradição dos boletins originais: recolher textos publicados, só que com a imensa diferença de, ao tempo, os escritos não terem entrada em Portugal, enquanto que hoje, até pela internet, quase todos estão acessíveis a toda a gente.

24

Em qualquer dos casos, sem dúvida, cada ensaio faz amplamente jus ao Boletim que pretende celebrar, trazendo aos leitores matérias e propostas sempre instigadoras, a serem pensadas e agidas.

O texto de **Alison Healey** (Sydney) chama-se “Para fora do Império” (“Out of Empire”, no original). A partir da Bíblia e de alguns comentários de outros biblistas, coloca-nos perante a existência de duas atitudes religiosas nos livros bíblicos, desde o próprio “Génesis” e percorrendo todo o Antigo Testamento: uma religião da Criação e uma outra do Império, sendo que desta última será necessário que se saia com toda a urgência, no caso de estarmos disponíveis para responder, de alma e coração, ao Deus de bondade e misericórdia, sempre presente na Bíblia e claramente anunciado por Jesus.

**Andrés Torres Queiruga** (Santiago de Compostela) escreve sobre “*O milagre da liberdade humana*”, apontando essa capacidade dos humanos como potencialmente capaz de atenuar – se cada pessoa o quiser e com a energia da graça de Deus – a presença do mal no mundo.

**Marian Ronan** (Nova Iorque) apresenta neste texto o mais recente livro de Elizabeth Johnson, *Ask the Beasts: Darwin and the God of Love*, de 2014, fazendo não só uma recensão crítica do livro, em que expõe com clareza os pontos de vista eco-feministas da conhecida teóloga católica norte-americana, tão criticados na altura pelo seu episcopado. No entanto, mostra também, e convincentemente, a sua própria fidedignidade à mensagem cristã, vista com um olhar de maior alcance que o habitual. Tece, em adenda, algumas ligações com “*Laudato si*”, mostrando a ousadia da denúncia sócio-civilizacional deste Papa, ao apontar a necessidade de uma urgente mudança: nos objectivos e práticas da economia e nos estilos de vida. E, mesmo se sublinha a (tradicional) debilidade pontifícia quanto ao reconhecimento da autonomia, dignidade e direitos das mulheres, propõe claramente aos leitores que, neste momento-chave, dêem prioridade ao apoio do Papa Francisco, por causa da sua claríssima chamada a uma mudança civilizacional, tão necessária e de que quase ninguém fala.

**Anita Saisi** (Milano) retoma no seu texto um dos temas que *Igreja-em-Diálogo* assumira em 1975, pensando-o agora a partir da segunda década do século XXI: “*De uma fé idealista a uma fé transformadora*”. Relembrando a sua experiência no Graal em Portugal no tempo do Vaticano II, mostra como a busca teológica e bíblico-litúrgica era então vivida pelos grupos do Graal, ainda no tempo da ditadura. Dá particular relevo à importância de tratar-se, no Graal, de uma energia eclesial de mulheres que já então procuravam viver o cristianismo de acordo com o que teologicamente reflectiam, “metendo as mãos na massa”, com um

trabalho de conscientização de pessoas e transformação de lugares concretos da sociedade.

De **Anne Hope** (Cape Town) temos um texto substancial a narrar uma parte da história da gradual, mas rápida, expansão do trabalho de “formação para o desenvolvimento” que, em contexto Graal em África, levou a cabo com Sally Timmel, e que teve e continua a ter impacto em muitos outros países. Foram décadas de um trabalho de preparação de grupos para a liderança de processos de transformação sócio-política, a liderança de leigos, homens e mulheres, dentro das comunidades cristãs a que pertencem em diferentes sociedades.

**Teresa Toldy** (Porto) trata **aqui**

**Ida Gonçalves** (Maputo) escreve um ensaio desafiador, intitulado “*Evangelização num mosaico intercultural: percurso de um diálogo (des)conseguido?*”. Reflete aprofundadamente sobre as questões da necessária inculturação do Evangelho, ou falta dela, nas colónias, antigamente chamadas “terras de missão” – neste caso em Moçambique. Pergunta-se se o que de início se fez não terá sido sobretudo um trabalho de “roupagem exterior”, sem que “o ADN da *alma*” local tenha sido tocado. Além disso faz sugestões extremamente interessantes e pertinentes para o que poderia ter sido e poderá vir a ser parte de uma verdadeira prática de inculturação da fé.

26

**Frei Bento Domingues O.P.** (Lisboa), com um título provocador – “*A religião não é para mulheres*” – aborda a baixa intensidade da presença de mulheres na Igreja, tanto enquanto porta-vozes do pensamento eclesial como na orientação das celebrações litúrgicas. Questiona essa situação a partir dos evangelhos, alinhando argumentos que apontam numa outra direcção: a das mulheres por dentro da Igreja, com capacidades humanas e

espirituais complementares em relação às dos homens, já que a história evangélica as apresenta como igualmente discípulas de Jesus.

**Pearl Drego** (New Delhi), ao ter sido convidada a fazer a Homilia na Missa do dia 8 de Março de 2015 – dia internacional da mulher - na Holy Spirit Church, em Alaknanda, New Delhi, elaborou uma leitura estimulante de cada um dos três textos da liturgia da palavra desse dia. E é esse texto da sua homilia que aqui figura. Nele, cria uma sua hermenêutica textual, cujo ângulo se serve da antropologia e da teologia de forma a mostrar como nesses textos existem pretextos ou subtextos que podem ser lidos como apontando a um respeito significativo pelo ser e agir das mulheres.

**Lucia Ramón Cardonell** (Valencia) “*Eco-Justiça e Cuidado em Verde e Violeta*”.

**Lorna Bowman** (Toronto) mostra, na sua narrativa da acção de cinco mulheres que foram famosas no Canadá, como um tão pequeno grupo conseguiu lutar para corrigir aq ideia da legislação corrente de que as mulheres são pessoas, e por isso aptas a assumir cargos públicos. Foi longa a sua persistência, mas dela beneficiaram as mulheres canadianas que se lhes seguiram. Por isso intitula o seu estudo *The Spirit blows where She will* (O Espírito sopra onde [Ela] quer), certamente na convicção de que outras mulheres noutros lugares podem abir-se a essa força do Espírito que sopra onde quer e conduz ao que é justo e bom.

27

*Last, but not least*, o texto com que fecha esta Antologia é de **Maria Carlos Semedo Ramos** (Funchal). Acima de tudo o que é aqui valorizado é a existência da comunidade cristã, formada por leigos, mulheres e homens - o Povo de Deus - todos inspirados pelo mesmo Espírito e com funções primordiais na vida e no pensamento da fé.

Cumpra a todo o Graal reconhecer o trabalho fundamental, e escondido, discretamente feito por Teresa Vasconcelos e Helena Valentim, convidando autoras e autores destes textos a participarem nesta publicação, bem como o gosto de terem encontrado a Editora certa – a Editora Paulina - a quem aqui o Graal em Portugal com alegria agradece a aceitação e bom (des)empenho.

Isabel Allegro de Magalhães

Lisboa, Setembro de 2015

### **Para se acaso faltar um texto e já não forem 12...**

(Ora o número 11, justamente por não chegar ao número perfeito que biblicamente (e não só) é o 12, aponta à situação de incompletude que é sempre a de cada coisa que cumprimos: apelando sempre a “outra coisa ainda”).

# **PARA FORA DO IMPÉRIO**

**Alison Healey**





# PARA FORA DO IMPÉRIO

**Alison Healey** (Sydney) <sup>2</sup>

## Introdução

*‘Império é a única forma hoje de se poder garantir a ordem global e de proteger os interesses dos ricos e poderosos. O Império é constituído por uma rede de poderes aliados, que incluem os Estados-nação dominantes, as maiores corporações capitalistas, as instituições supranacionais, de par com poderes locais e regionais diversos. Alguns dos poderes são claramente dominantes sobre outros dentro dessa rede, mas nenhum deles pode ‘fazer o que quer sozinho’. Faríamos bem em começar a perceber isto e a trabalhar desde já em contra-corrente...*

*Nada há de mais natural e nobre do que quebrar amarras de tirania. Quando os poderes do Império se estendem cada vez mais ampla e profundamente na sociedade, também as bases de resistência proliferam por toda a parte.’*

32

Este excerto é tirado de um livro que chamou muito à atenção quando saiu, em 2000<sup>3</sup>. Na altura, estava eu a tentar identificar os sinais e as acções do Império no mundo nosso contemporâneo: na política, na economia, no comércio, no mundo financeiro, nas políticas sociais e culturais, em instituições religiosas. Mais de dez anos depois tive ocasião de passar um fim-de-semana num retiro de grupo com Wes Howard-Brook, especialista norte-americano nas Escrituras. O tema era: “*Sai, povo meu: o*

---

<sup>2</sup> **Alison Healey** é membro do Graal em Sydney, Austrália. Doutorada em “Estudos Culturais e Interculturalidades” nos EUA. Teve cargos de responsabilidade na direcção do Graal internacional desde os anos de 1960, bem como na vida, formação e acção do movimento e da Igreja do seu país. Trabalhou com outras pessoas do Graal na formação de mulheres de Papua Nova Guiné, de onde resultou também a constituição de um grupo do Graal que vem crescendo, desde os anos de 1980.

<sup>3</sup> Michael Hardt & Antonio Negri. 2000. *Empire, Harvard*: Harvard University Press. Aqui, estes dois filósofos pós-marxistas reflectem sobre ‘a nova ordem mundial’ que emerge da globalização.

chamamento de Deus para fora do Império”.<sup>4</sup> Foi uma oportunidade que acolhi, para explorar as minhas experiências e percepções do *Império* hoje, de um ponto de vista bíblico. Neste breve texto, proponho-me partilhar algumas ideias e reflexões que me vieram do intenso estudo bíblico de Howard-Brook, além de outras, vindas de fontes que indico em nota.

## **Duas religiões**

A tese de Howard-Brook é a de que pela Bíblia perpassam duas visões religiosas que competem uma com a outra: a uma, chama ele a religião da Criação; à outra, a religião do Império. São como dois pólos magnéticos opostos. Essas religiões podem ser vistas em permanente conflito entre si ao longo da História da Humanidade, quer dentro de culturas, sociedades, instituições, de pessoas individuais quer entre si. As pessoas que escolheram um ou outro desses pólos reclamam com igual força que Deus está do seu lado.

33

Antes de explorar estas duas visões, há que clarificar o modo como a palavra “religião” é utilizada neste texto. O termo deriva de um étimo latino que quer dizer “ligar”. Mas, sem entrar nessa complexidade, descrevemos “religião” aqui simplesmente como um corpo identificável de crenças, práticas, experiências, estórias, rituais e símbolos que unem (ou ‘ligam’) os que a eles aderem e que os distinguem de outros que não perfilham os mesmos elementos.

A religião da Criação é um modo de ser e de agir no mundo fundado na experiência de um laço de relação a Deus, entendido como fonte de bênçãos e de abundância para toda a Humanidade e a Criação.

---

<sup>4</sup> Wes Howard-Brook. 2014. *‘Come Out My People’: God’s call out of Empire in the Bible and Beyond*. Orbis: New York, Third Printing.

A religião da Criação é caracterizada pelo espírito de inclusão e de abertura a uma mudança transformadora. As suas estruturas sociais baseiam-se num respeito e participação igual para todas as pessoas, bem como em relações de amor, justiça e hospitalidade.

A religião do Império é um produto de mão humana, desenvolvido para justificar e legitimar atitudes e comportamentos que buscam a abundância para alguns à custa da escassez dos outros. Funda-se numa acumulação estável da propriedade, da riqueza e do poder, ao mesmo tempo que gera o desejo de adquirir cada vez mais de tudo, bem como a determinação em manter essa posse resguardada dos outros. É pois uma forma de viver que ao mesmo tempo se torna agressiva e defensiva. Estabelece estruturas de controlo e gestão hierárquicas e manipuladoras; assenta na violência e no patrocínio para manter a ‘paz’, mas suprimindo todas as oposições. ‘O génio do Império é ser capaz de estabelecer uma aura à sua volta e de fazer passar a ideia de que o caminho do Império é o único que é suposto as coisas seguirem.’ (Howard-Brook).

34

Através dos textos bíblicos podemos ver como aqueles que são atraídos pela religião da Criação e os que o são pela religião do Império reclamam, ambos com a mesma convicção, ter Deus do seu lado.

O Império procurará sempre atribuir a sua autoridade a uma mais alta fonte transcendente. O Império Romano foi tão longe nisso que chegou a proclamar o Imperador como um deus. A monarquia de Inglaterra chegou a ser justificada pela doutrina do ‘direito divino dos reis’. Para o Império russo do século XX, ‘a mais alta fonte transcendente’ era a ‘religião secular’ do comunismo ateu.

Muitas gerações de leitores da Bíblia hebraica (a que os cristãos chamam Antigo Testamento) têm ficado chocadas pela violência, pela agressão, pela atitude castigadora, que encontraram em muitos desses

textos, o que – de acordo com os acontecimentos aí descritos – teria tido aprovação e colaboração divinas.

Como interpretar isto?

Muitos concluíram que o deus do Antigo Testamento era um deus ríspido e violento, que contrastava com o deus compassivo de Jesus no Novo Testamento. Não: o Deus da Bíblia hebraica e o Deus de Jesus são o mesmo Deus, o mesmo Deus criador e de amor, fonte de abundantes bênçãos para todos e para toda a Criação. Deus nunca esteve do lado dos investimentos imperiais, apesar de ser isso o que o Império afirma.

Onde quer que o Império pudesse ter as suas realizações, a cooperação de instituições religiosas e a daqueles que a ele aderem, sempre procurou fazê-lo oferecendo oportunidades de consolidação ou de expansão do seu campo de influência, ao mesmo tempo que – com algumas exceções – chegou a comprometer mesmo a sua própria integridade. Alguns exemplos dos tempos modernos são, por exemplo, o envolvimento das igrejas cristãs em empresas imperiais – como a invasão, a colonização e a exploração de outros; a aliança de comunidades religiosas com a atitude aquisitiva característica de um capitalismo selvagem.

35

## **O Império e a Cidade**

Os autores da Bíblia hebraica articulam o florescimento do Império com o crescimento das cidades, enquanto povoamentos humanos concentrados, lugares de bens materiais acumulados, sítios com recursos e com poder.

Não é acidental que nos seja dito que, quando Deus chamou modelos da religião da Criação – como o são Abraão, Moisés, David - a singulares papéis de liderança do seu Povo, eles eram, como o foi Abel, cultores de

animais de pasto (o que significa uma confiança nos recursos naturais dados por Deus, e ao mesmo tempo uma noção da vida como ‘movimento’, e não como atitude de ‘fixação’ sedentária).

David torna-se rei, e nem por isso escapa a graves pecados do Império na sua vida acidentada; no entanto, a sua capacidade de arrependimento e humildade faz com que seja sincero para com o seu Deus. Com o seu filho – Salomão - a monarquia, porém, sucumbiu às seduções do Império.

Do ponto de vista da destruição de Jerusalém e do templo, e do exílio dos chefes do Povo na Babilónia, os autores do “Génesis” atribuem a fundação da primeira cidade a Caim, o primeiro assassino que conhecemos.

Depois da limpeza provocada pelo dilúvio, o Império mais uma vez se afirma, quando o neto de Noé – Nimrod – ‘potente caçador’, construiu muitas cidades, incluindo Babel. Está escrito que a construção da torre de Babel na cidade terá sido motivada pelo desejo do povo de “ganhar fama para si mesmo”, o que contrasta com a promessa feita a Abraão, em recompensa da sua fidelidade: ‘Eu tornarei grande o teu nome’. A recusa do povo de Sodoma em oferecer hospitalidade a estrangeiros que vinham aos portões das suas cidades é uma atitude oposta à recepção que Abraão e Sarah deram aos visitantes desconhecidos que batiam à porta da sua tenda.

36

Howard-Brook cita o juízo de Ezequiel sobre a destruição final de Sodoma: ‘Isto foi culpa da tua irmã, Sodoma: ela e suas filhas eram orgulhosas, tinham comida em excesso e prosperidade fácil, e nem por isso ajudaram os pobres e os necessitados’ (Ez 16, 49).

(A conversa de Abraão com Deus, procurando argumentar para que Deus salvasse Sodoma é uma outra imagem da religião da Criação, na qual uma negociação franca e confiante pode acontecer. Ora isso seria inviável num contexto imperial, de dominação e suspeita.) As cidades prósperas e poderosas do Egito estão presentes em narrativas bíblicas e a própria

Babilónia se tornou símbolo duradouro de uma ideologia imperial (Cfr. por exemplo o livro de “Jeremias” e o “Apocalipse”).

A cidade e o templo de Jerusalém ficaram assim infectados com atributos do Império, e isso desde o tempo de Salomão.

De forma astuta, Ciro, rei da Pérsia, cooptou as elites sociais e religiosas para o seu projecto, quando lhes permitiu que regressassem da Babilónia às suas terras de tradição e que financiassem a restauração do templo que os habitantes da Babilónia tinham destruído.

Os romanos governaram o seu Império com a colaboração das autoridades locais, quer com impiedosos castigos quer com patrocínios. Estas elites, por sua vez, abusavam frequentemente do seu poder sobre o povo. Foi a colisão de ambos esses poderes – as elites locais e o Império Romano – que levou Jesus à crucifixão.

## **O chamamento de Deus: “sair”**

37

Howard-Brook discute e argumenta que o cerne da mensagem bíblica é o chamamento de Deus à humanidade para sair do Império:

Desde o chamamento a Abrão até ao chamamento final da Bíblia para “sair”, no Apocalipse, cap. 18, a Voz de Deus apresenta sempre ouvintes que escolhem mudar de caminho... deixar para trás tudo o que conduz à morte, e escolher uma via abençoada portadora de vida em abundância.

Deus chamou Abrão a sair do seu estado sedentário em Ur, para se deslocar a um lugar para ele desconhecido. ‘Deixa o teu país, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que te irei mostrar’ (Gn 12, 1).

O chamamento de Jesus aos seus discípulos é paralelo a este (Mc 1, 16-20). A sua missão foi levar um povo para fora do Império, não no sentido de uma revolta política contra os romanos, como muitos esperavam que o Messias fizesse, mas antes para mostrar aos outros uma maneira de

viver em harmonia profunda com Deus, uns com os outros e com a Criação.

Responder ao chamamento de Deus depende da nossa capacidade de escuta.

Kosuke Koyama<sup>5</sup> remete-nos para o Salmo 115, onde está inscrita uma explicação desafiadora quanto ao porquê de nós, humanos, termos perdido essa capacidade. Mais ainda: quanto a como podemos tornar-nos totalmente insensíveis à presença do Espírito de Deus. Acontece quando somos seduzidos por ídolos, meros ‘produtos de mãos humanas’. O salmista descreve assim os ídolos: ‘eles têm olhos mas nunca vêem, ouvidos mas nunca ouvem [...] sentem, mas nunca caminham’. E conclui, dizendo: ‘os seus fazedores acabarão como eles’.

Daniel Berrigan faz uma comparação entre a incapacidade das pessoas para entenderem as realidades da sua própria situação, escrevendo isto:

O povo que vive na Babilónia não sabe que é lá que vive.<sup>6</sup>

O chamamento de Deus suscita também disponibilidade para mudar, em confiança e esperança. Mudar a mente e o coração, o espírito e o corpo, para fora do Império, em direcção ao ‘Reino de Deus’. Há muitas deslocções e desterritorializações nas narrativas bíblicas, que justamente significam isso. Nelas, Deus é apresentado como companheiro permanente no caminho.

Koyama, numa reflexão sobre os quarenta anos de travessia da servidão no Egipto para a Terra Prometida, fala de um ‘Deus móvel’, de

---

<sup>5</sup> Kosuke Koyama. 1985. *Mount Fuji and Mount Sinai: a Critique of Idols*. New York: Orbis.

<sup>6</sup> Daniel Berrigan. 1983. *The Nightmare of God*. Press Portland Oregon: Sunburnt.

um Deus que caminha a passo humano, ao passo médio de três milhas por hora, acompanhando as pessoas com fidelidade <sup>7</sup>.

Para os que habitavam os centros de poder, os que se deslocavam eram pessoas das periferias, sem importância. Jesus também mostrou a sua preferência pela companhia dessas pessoas. E também ele era móvel, ‘sem lugar onde repousar a sua cabeça’ (Lc 9, 58).

Quando Jacques van Ginneken SJ escolheu as legendárias histórias do Graal para inspirar um movimento de jovens mulheres nos Países-Baixos, em 1929, o seu pensamento estava em perfeita harmonia com a mensagem bíblica. Trata-se de episódios numa narrativa onde ‘sair’, ‘partir em busca’, é coisa central. O propósito, aí, era o cálice do Santo Graal, repositório numa bênção transformadora. Mas só com uma contínua conversão do coração, com o crescimento em humildade e compaixão, poderia a pessoa em busca encontrar o que procurava. ‘Viver é mudar e ser perfeito, ou inteiro; é mudar muitas vezes’, disse o Cardeal J.H. Newman.

39

### **Abundância e escassez**

Walter Bruggeman observa no mundo à sua volta que, quando as pessoas dispõem de recursos de riqueza material e numa vontade de aquisição crescente, o ‘mito da escassez’ torna-se uma narrativa que pode chegar a ser ‘uma força espiritual demoníaca no meio de nós’ <sup>8</sup>. É uma das contradições inerentes à religião do Império o facto de a mentalidade aquisitiva levar a um quadro mental de escassez: ‘Nós não temos (podemos não ter) que chegue’. E o resultado é uma falta de hospitalidade, a recusa

---

<sup>7</sup> Kosuke Koyama. 1980. *Three-mile-an-hour God*. New York: Orbis.

<sup>8</sup> Walter Bruggeman. 1999. ‘The liturgy of abundance, the myth of scarcity’. In *The Christian Century*. (March 24-31), 342-47.

em partilhar, a suspeição quanto a estrangeiros, o medo da perda, uma escolha crescente de medidas que garantam a segurança.

Na Austrália já vimos como é fácil esse mito da escassez ser usado para apoiar as chamadas políticas de ‘protecção das fronteiras’ do actual Governo Federal contra os refugiados, contra os que procuram asilo, chegando em barcos precários às costas do país: ‘Eles vêm roubar os nossos empregos; vão contribuir para a super-lotação das nossas cidades, irão pesar no orçamento de Estado, alguns podem até ser terroristas’ e por aí adiante. A abundância, no Império, significa abundância material apenas para alguns, e escassez e privação para muitos.

O Deus bíblico do Antigo e do Novo Testamento é sempre um Deus de dons abundantes e de bênçãos para toda a Criação; um Deus de incomparável generosidade, e que não é apenas Aquele que dá, mas também que é Ele mesmo dom, como diz Karl Rahner.<sup>9</sup>

Ora todas as pessoas que desejam estar em relação com esse Deus são chamadas a ter um quadro mental de abundância: aberto à inclusão, apreciativo das relações com outros, tendo cuidado com o bem-estar de toda a criação, vivendo em verdade e justiça, com um coração de paz.

40

## **O Sábado e o Jubileu**

A acumulação de riqueza e de poder por aqueles que seguem a via do Império acontece sempre à custa da dependência e do endividamento de outros.

A chamada de Deus para fora do Império é um permanente convite à mudança de direcção, para se escolher o caminho da Criação, para começar tudo de novo. É uma opção sempre em aberto.

---

<sup>9</sup> Karl Rahner. 1978. *Foundations of Christian faith: an Introduction to the Idea of Christianity*. Seabury Press, Cap.4.

O dia de sábado judaico, o ano sabático e o ano do Jubileu eram lembretes consistentes disso mesmo.<sup>10</sup> Cada sétimo dia, cada sétimo ano, cada sete vezes sete anos, o povo era chamado a ‘parar’, até o seu trabalho produtivo, de modo a estar atento e agradecido ao Deus que dá tudo o que existe; e para reafirmar a sua participação na comunidade de amor que une Deus, toda a Humanidade e a Criação.

Estas regras em relação ao sétimo ano e ao ano do Jubileu implicavam a libertação de escravos, o pagamento das dívidas, o termo das injustiças, a generosa partilha com os pobres e os mais necessitados. Eram tempos de oportunidade para uma renovação radical, não apenas para os seres humanos mas também para os animais e a terra de cultivo.

Que profunda sabedoria existe nestas instituições anti-Império como é Sábado, o ano sabático e o Jubileu, oferecendo regularmente ao povo a prática de um programa de reorientação para uma religião da Criação.

É assustador lermos hoje a maldição inscrita no capítulo 26 do “Levítico” sobre os que se recusavam a prestar atenção. Surge às vezes a pergunta quanto a se o povo hebreu na realidade praticava o Jubileu; mas não cabe dúvida de que se tratava de uma perspectiva residente, e resistente, na vida do povo. Veja-se, como exemplo, a proclamação do ‘ano de graça do Senhor’ em “Isaías” 61, 1-4; e a de Jesus de Nazaré na sinagoga, em “Lucas” 4, 16-21.

41

## **Visão da Nova Jerusalém**

Finalmente, no “Apocalipse”, a visão conflituosa das duas religiões é descrita de forma apaixonada e dramática por João de Patmos, quando se dirigia a sete igrejas da Ásia Menor, igrejas essas que então estavam sob o

---

<sup>10</sup> John Henry Newman. 2007. ‘On the development of ideas’. In *Newman Reader*. National Institute for Newman Studies.

controle imperial romano. Fala do termo de uma e do triunfo da outra: da Babilónia cheia de contrastes, aqui também simbólica da ideologia do Império, e da cidade ideal: a Nova Jerusalém. Enquanto uma é instável, exclusiva, corrupta, violenta, destinada a trazer sobre si própria a ruína e a miséria; a outra está cheia de vida e radiosa de uma beleza de que todos partilham, com os seus habitantes a viver na confiança, na paz, na alegria, com Deus que com eles habita.

A Nova Jerusalém, ou o ‘Reino de Deus’, ainda não é, mas já está no meio de nós. Pode ser encontrada ‘onde quer que a comunidade humana rejeite a mentira e a violência do Império e coloque Deus no centro de uma sua vida partilhada’.<sup>11</sup>

Este desafio é expresso pelos mesmos autores por outras palavras que vale a pena citar:

O “Apocalipse” apela as *ekklesiai* da Ásia romana, tal como as comunidades cristãs dos nossos dias, a reconhecer que, quando nos reunimos para rezar, fazemos uma declaração pública de lealdade política. Tomamos uma posição contra o Império, celebrando o Reino do nosso Deus, justo e verdadeiro.

42

## **Em conclusão**

Entre as últimas palavras da Bíblia, no Epílogo do “Apocalipse”, estão estas que repetem de novo o apelo de Deus, o apelo de Jesus: “vem, e segue-me”:

O Espírito e a Noiva dizem, ‘Vem.’ Que todos os que escutam respondam: ‘Vem.’ Então, que todos os que têm sede venham: todos os que quiserem podem beber da água da vida, e tê-la gratuitamente.

O convite é para todos os tempos, nunca subtraído, aguardando sempre, pacientemente, uma resposta.

---

<sup>11</sup> Wes Howard-Brook & Anthony Gwyther. 1999. *Unveiling Empire: Reading Revelation then and Now*. NY: Orbis.

O tempo não tem fim nas Tuas mãos, meu Deus. Não há ninguém a contar os Teus minutos.

Passam dias e noites, e as idades florescem e murcham como flores. Tu sabes esperar.

Uns aos outros os teus séculos se sucedem, aperfeiçoando uma flor pequena e branca.

Não temos tempo a perder e, não tendo tempo, haverá que escalar as ocasiões. Somos demasiado pobres para atrasos.

E é assim que o tempo se esvai, enquanto eu o dou a quem se lamenta e o reclama, e o Teu altar fica vazio de todas as ofertas, até à última.

No final do dia com medo me apresso, não vá o Teu portal fechar-se, mas acredito que há tempo ainda.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Rabindranath Tagore. 1992. *Gitanjali (Song Offerings)*. Editadas em 1913. No domínio público desde 01/01/1992. O próprio Tagore traduziu estes cânticos do original bengali para inglês. Usa a forma da segunda pessoa do singular, do pronome e do verbo, hoje fora de uso em inglês, de modo a expressar intimidade, tal como acontece noutras línguas.

**CRIAÇÃO POR AMOR**

**E**

**OS MILAGRES DA  
LIBERDADE HUMANA**

44

**ANDRÉS TORRES QUEIRUGA**





## OS MILAGRES DA LIBERDADE HUMANA <sup>13</sup>

Andrés Torres Queiruga <sup>14</sup>

1. A *criação por amor* diz que todo o ser de Deus é presença activa, totalmente entregue ao bem da sua criação. A ela se deve a realidade e a própria possibilidade de tudo o que de bom acontece no mundo. Por isso podemos dar-lhe graças por tudo: desde o calor do sol à circulação do nosso sangue. Bernanos, recordando Teresa de Lisieux que evocava S. Paulo, escreveu: “tudo é graça”.

Contudo, por causa da finitude da criatura, a actividade criadora e salvadora de Deus nem sempre pode chegar à sua realização, seja pelos limites ou choques naturais, como num terremoto ou doença, seja pelas resistências e contradições da liberdade humana, como no crime ou na injustiça. Felizmente, sabemos que o mal, qualquer mal, é o que Deus não quer e contra o que se dirige a intenção e a actividade do seu amor.

O aparecimento do mal é o preço *inevitável* da autonomia da criação. Por isso Deus tem que tolerar o mal, apesar de isso ferir a sua intenção, visto não ser possível evitá-lo mediante uma forma de “intervencionismo” que anularia a criatura: Deus não pode parar o sol sem destruir o universo, por muito que o livro de “Josué” o diga; nem tão pouco pode impedir um

46

---

<sup>13</sup> Este texto, com dedicatória agradecida ao labor evangélico das minhas Amigas do Graal, é um excerto, com ligeiras modificações, de um trabalho meu publicado há pouco: *Dios no quiere la enfermedad, pero ¿por qué a mí?* In J. C. Bermejo (ed.). 2015. *Jesús y la salud*. Madrid: Sal Terrae, 143-171.

<sup>14</sup> **Andrés Torres Queiruga**, internacionalmente reconhecido e muito solicitado, em vários continentes, é teólogo, filósofo, galego. Foi Professor de Filosofia na Universidade de Santiago de Compostela, tendo um curriculum vastíssimo, em diferentes línguas, nos campos da teologia e da filosofia. Contam-se 11 livros publicados entre 1974 e 2003 (muitos deles editados no Brasil), sendo um dos mais polémicos em Espanha, entre o episcopado sobre a Ressurreição: *Repensar a resurrección. A diferencia cristiá na continuidade das relixións e da cultura*. Vigo, 2002.

crime, anulando a liberdade do assassino, porque com isso destruiria com uma mão o que está criando com a outra.

Aqui é que aparece *o papel assombroso da liberdade humana*. Ela é capaz de fazer o mal; mas capaz também — e esse é o seu verdadeiro destino — de combatê-lo e, sobretudo, de promover o bem. Nunca admiraremos bastante o que isto significa.

A liberdade é o único ponto da Criação em que, sem romper a sua autonomia, Deus pode introduzir *novidade histórica e eficácia empírica* de modo a alterar o rumo das coisas. Não rompe com a autonomia, porque para a liberdade é tão “natural” optar pelo que quer e decide, como é natural para a pedra cair para baixo.

Enquanto liberdade, não pode ser forçada: isso negaria o seu próprio ser; mas pode, sim, ser solicitada, ajudada, apoiada e animada, para realizar *livremente* a sua verdadeira essência: não é esse, por exemplo, o sentido de uma educação autêntica?

47

2. Pois bem: quando se pensa isto a fundo, rapidamente se entende o quanto uma acção boa para fazer avançar o mundo, melhorando um seu aspecto concreto dele, ou nele eliminando um determinado mal, e desse modo cumpre algo que, sem a liberdade seria impossível. Quer dizer: a liberdade, quando age bem, *está* — realmente e à letra — *a fazer um milagre*.

Dito assim, talvez resulte estranho ou, na melhor das hipóteses, pareça uma boa metáfora. No entanto, anuncia algo que é real e, sem dúvida, admirável.

Confesso que o facto de ter-me dado expressamente conta disto foi para mim uma descoberta, cuja fecundidade cada dia me assombra mais. Para que se compreenda melhor o que quero dizer, vale pena recorrer à

parábola — de significado sempre inesgotável— do Bom Samaritano. Imaginemos esquematicamente a cena:

Uma liberdade perversa, opondo-se ao que Deus lhe pede através da sua consciência, provoca um mal: magoa um irmão. Este está a sangrar à borda do caminho; Deus está com ele, sustentando-o, dando-lhe ânimo para fazer tudo o que as circunstâncias em que se encontra permitem. Mas tudo indica que, segundo o curso das leis autónomas que regem a fisiologia humana, ele irá morrer de uma hemorragia imparável. Só poderá salvar-se se alguma coisa —*dentro do mundo e respeitando a sua autonomia*— puder modificar essas leis, evitando o pior.

Desse modo, a Deus, em consequência do seu amor criador, não lhe resta outro recurso senão o de uma eventual liberdade humana que, acolhendo o seu apelo, se decida a agir. A isso Deus convoca pela sua graça os que passam no caminho. Porém, nem o sacerdote nem o escriba lhe fazem caso. Se não vier mais ninguém, o ferido irá morrer, sem remissão.

48

Por sorte, aparece um samaritano que livremente acolhe a solicitação divina que lhe é dirigida.

E então *acontece o milagre*: o curso natural do mundo é alterado através duma liberdade, também ela mundana, e assim o ferido pode ser salvo. Se o ferido pudesse compreender com um olhar de fé o que lhe acontecera, tanto poderia ter dito “graças ao samaritano” – porque sem a atitude do samaritano não teria sido curado; como poderia ter dito “graças a Deus” – porque sem Deus o samaritano não teria actuado.

Convém advertir que a dimensão simbólica da narração não deve ocultar nem a maravilha nem a seriedade mortal do que nela se vislumbra.

A seriedade mortal, porque, embora as afirmações de que “a Deus não lhe resta outro recurso” possam parecer ousadas, basta abrir os olhos para ver que elas são rigorosamente reais. Os massacres de guerra e as

crianças famintas continuarão a morrer, sem remissão, se os humanos resistirem à chamada incessante de Deus, e não forem todos samaritanos a interromperem a sua rotina e a vencerem o próprio egoísmo, fazendo tudo o que lhes é possível para evitar um mal.

3. Pensando agora no sentido de uma oração de petição: imaginemos que ridícula seria a cena, se o sacerdote da parábola se ajoelhasse, pedindo a Deus que fizesse um milagre, curando o ferido, para depois abandonar o lugar da cena para se dirigir ao templo. Realmente todo o acto de entrega e ajuda ao próximo pode ser interpretado, sem artifício algum, como *um milagre real e verdadeiro*.

O mesmo sucedia com Jesus: cada acto de cuidado, cada alívio de uma dor, cada consolo ou cura duma doença são autênticos “milagres”. E são-no, porque, ao mudar a pura ordem natural das leis, cósmicas e fisiológicas, colabora-se com Deus, tornando possível a sua contínua e incansável actividade transcendente para que o mundo se converta em realidade histórica que efectivamente vai melhorando e salvando-se.

49

Acontece sempre assim, mesmo quando quem age deste modo “desconhece” a identidade de Jesus (recordemos a parábola do Juízo Final - em Mateus 25). Além disso, quando se tem a sorte da fé, a acção de “ajudar” pode ser vivida conscientemente como sendo solicitada e apoiada pela graça divina. E é então que a acção humana aparece na sua verdade mais profunda, enquanto acolhimento livre e como encarnação na História da acção criadora de Deus. A sua realização põe a descoberto, pelo menos “para quem tenha olhos de ver”, a presença activa do Reino, sempre presente e sempre caminhando, aguardando a sua plenitude.

4. Regressando a Jesus: há que avançar mais na sua compreensão. A sua entrega total e sem reservas, que o levou a passar a vida “fazendo o

bem” (Ac 10,38), ao ponto de dar a vida, apela a um realismo que busca conseguir toda a eficácia possível.

Por isso, não há apenas que limitar-se a uma simples boa vontade, mas antes a uma preparação rigorosa e a uma actuação competente quanto aos meios técnicos disponíveis.

Ao mesmo tempo, porém, indica onde está a verdadeira essência e a autêntica grandeza de uma ajuda verdadeira. Não por causa da segurança ou da magnitude dos êxitos. Até porque – se atendermos ao pequeno número das curas que se puderam realizar – a nossa actuação é uma gota de água no oceano da dor humana. O próprio evangelho de João avisa, com surpreendente realismo, que os seus seguidores poderão até superar o que Jesus fez: “Asseguro-vos que quem crê em mim fará as obras que eu faço, inclusivamente outras maiores” (Jo 14,12).

Em última instancia, a cruz de Jesus Cristo leva-nos a saber que nunca conseguiremos um triunfo total: tal como com os pobres, sempre haverá doentes entre nós (cf. Mc 14,7 = Mt 26,11).

50

Tanto como para Jesus, a verdadeira grandeza está na entrega e na disponibilidade em manter a esperança, apesar do mal e das derrotas sempre possíveis, entre as quais, no final, a morte: irremediável. Quando isso sucede através da ajuda humana, é de um modo transparente que a presença salvadora de Deus é manifesta. Essa ajuda assegura a esperança definitiva, inclusivamente quando os recursos humanos têm que render-se perante uma dor que é insuprimível ou uma morte já inevitável. Não é fácil.

Nunca o foi nem será. Só que é exactamente aí que o milagre quotidiano da ajuda divina se realiza.

Às vezes, nesse lugar da liberdade humana há pessoas de tal modo abertas ao impulso da solicitação divina, que sem dar por isso conseguem dar-se em inteira generosidade aos outros. E, para quem está de fora, elas são apercebidas com uma evidência, cujo brilho as converte em sinais

extraordinários: sinais que evocam uma dimensão de facto milagrosa. E há grandes exemplos conhecidos do público, que - entre outros - vêm de Francisco de Assis a Teresa de Calcutá.

Há ainda outros, mais ocultos, esses, que podem surpreender-nos quando temos a sorte de encontrar pessoas que, numa dedicação sem ruído e sem brilho visível, fazem transparecer a presença escondida da graça, tornando quase tangível a presença de Deus. Esses exemplos de vida avivam em nós a esperança do Reino, onde “já não haverá morte nem sofrimento nem choro nem dor, porque o mundo antigo terá passado (Ap 21,4).

**SALVAR A CRIAÇÃO DIVINA,  
TÃO AMEAÇADA,  
É ALGO CENTRAL À FÉ**

52

**Marian Ronan**





## SALVAR A CRIAÇÃO DIVINA, TÃO AMEAÇADA, É ALGO CENTRAL À FÉ <sup>15</sup>

**Marian Ronan** <sup>16</sup> (New York)

Nos anos seguintes ao Vaticano II, as questões sobre as mulheres e as ambientais tornaram-se matérias cada vez mais importantes para muitos dos católicos. Nos anos da década de 1970, Wangari Maathai, católico do Quênia, fundou o Movimento Green Belt [Cinturão Verde], uma ONG com foco na ecologia, centrada na plantação de árvores, na sustentação do ambiente e nos direitos das mulheres.

Em 1975, a teóloga católica feminista Rosemary Radford Ruether publicou um livro intitulado *New Woman, New Earth* [“Nova Mulher, Terra Nova”] onde explora as conexões entre sexismo, racismo e destruição ambiental.

Nos anos de 1990, os teólogos brasileiros Ivone Gebara e Leonardo Boff escreveram estudos pioneiros sobre a interligação entre a opressão dos pobres e a destruição da Terra.

Ao mesmo tempo, grupos de mulheres católicas, incluindo o Graal e também algumas congregações religiosas femininas, comprometiam-se

---

<sup>15</sup> Versões deste texto apareceram já noutras publicações, nos EUA, e o texto circulou já internacionalmente no Graal.

<sup>16</sup> **Marian Ronan** é membro do Graal nos EUA, investigadora e actualmente professora em “Catholic Studies” [Estudos Católicos] no Seminário Teológico de Nova Iorque. Anteriormente, ensinara teologia cristã contemporânea e religiões americanas na [Graduate Theological Union](#) em Berkeley, CA. Os seus livros podem ser vistos na net, e entre os primeiros conta-se: [Sophia: The Future of Feminist Spirituality](#). With Susan Cady and Hal Taussig. Harper and Row, 1986. O seu blog é: <http://marianronan.wordpress.com>.

quer na causa ambiental quer na agricultura orgânica, na permacultura, em plantações de árvores. Outras igrejas cristãs, o seu clero e seus teólogos trabalhavam igualmente no sentido de fazer inverter a destruição do Planeta e a opressão das mulheres ligada a essa destruição. Contudo, conforme recentemente observou a conhecida teóloga eco-feminista dos Estados Unidos, Catherine Keller: “O Cristianismo no seu conjunto continua a funcionar como uma força pública anti-ecológica.

Os críticos focam em particular a convicção cristã do domínio humano sobre a Terra como sendo central na doutrina da Criação. As teólogas feministas tentaram reconstruir essa interpretação da Criação e seu corolário: a ideia de que os homens deveriam ter domínio sobre as mulheres, por estas estarem intrinsecamente ligadas à terra.

Apesar disso, dada a forma como os Estados Unidos, tão cristãos, e o resto do Primeiro Mundo, continuam a sua prática brutal de “extra-activismo”<sup>17</sup>, poderá dizer-se que esses esforços feministas e eco-feministas falharam. Uma das razões para isso poderá ser o facto de muitas teólogas feministas terem deslocado as suas preocupações teóricas para o sexismo, racismo, colonialismo, etc., dando menos atenção – e por vezes nenhuma – à clássica teologia sistemática cristã. Só que, se a prática cristã que diz respeito à Criação mudar tão radicalmente como tem de mudar nesta era de catástrofe climática, então a teologia que lhe está subjacente terá igualmente de ser transformada.

O recente livro de Elizabeth Johnson (doravante: EJ), intitulado *Ask the Beasts: Darwin and the God of Love*<sup>18</sup> [“Pergunte-se aos Animais:

---

<sup>17</sup> No contexto da ecologia, “extra-activismo” designa o processo de desgaste das matérias-primas no seu ambiente natural. É usado também no âmbito da economia em relação aos montantes ganhos com esses materiais.

<sup>18</sup> Elizabeth Johnson. 2014. *Ask the Beasts: Darwin and the God of Love*. London: Bloomsbury Continuum.

Darwin e o Deus de Amor”], traz um contributo significativo a essa transformação.

Em “Pergunte-se aos Animais” [*Ask the Beasts*], Elizabeth Johnson, professora de Teologia na Universidade de Fordham, em Nova Iorque, e freira de S. José de Brentwood, na mesma cidade, encena um diálogo intelectual sofisticado, mesmo se algo lírico, entre a teoria da evolução, em particular *Origem das Espécies* [*Origin of Species*], de Charles Darwin, e o “Credo” de Niceia. Com isso, o seu propósito é demonstrar que ‘o amor do mundo natural é parte intrínseca da fé em Deus’, e criar uma teologia que possa gerar uma energia amorosa e ética para com as plantas, os animais, os ecossistemas: uma energia tão passional como a que leva à fé em Deus.

Os três primeiros capítulos de *Ask the Beast* contêm uma leitura analítica da *Origem das Espécies*, de Darwin. Se acaso, tal como eu, as pessoas tiverem ‘acreditado’ durante a vida adulta na teoria da evolução sem terem lido Darwin, e mesmo se tiverem entendido a teoria da selecção natural, esses capítulos só por si tornariam o livro de E. Johnson precioso.

56

Há um crítico que faz notar o seguinte: “Uma leitura mais cuidadosa e aberta (de *Origem das Espécies*) seria difícil de encontrar, onde quer que fosse, e não apenas entre teólogos.” No quarto capítulo, a Autora explora o modo como alguns aspectos da teoria de Darwin ‘evoluíram’ desde o seu tempo. E até cientistas contemporâneos afirmam que a teoria da evolução é “fidedigna para lá de uma dúvida razoável” (Johnson: 2014,102)

Nos outros capítulos do livro, EJ constrói um diálogo entre a teoria da selecção natural de Darwin e o “Credo” de Niceia: um diálogo que permite a cristãos alterar a sua fé, passando de “uma divindade distante e abstracta” para “um Deus intensamente comprometido com o mundo”.

O Capítulo 5 articula o darwinismo com imagens bíblicas, bem como a teologia de S. Tomás de Aquino com a teologia contemporânea, de modo a re-presentar o mundo natural e não apenas a história humana como

lugares habitados por Deus. O Espírito Santo, algo secundário para a maior parte da teologia antropocêntrica, é actor primeiro neste percurso de aprofundamento teológico. (Algo semelhante era já apontado no livro de reconstrução teológica da mesma Autora, em 1992: *She Who Is: The Mystery of God in Feminist Theological Discourse* [“Aquele que É: o Mistério de Deus no Discurso Teológico Feminista”]).

Por força da evolução, o mundo natural participa continuamente da energia do SER que é a Vida: absoluta, exuberante” (2014: 148)

Os três capítulos que se seguem desenvolvem essa perspectiva, explorando a liberdade da Criação, o sofrimento e a morte de todas as coisas, a dita *creatio ex nihilo* (criação a partir do nada) e escatologia, em diálogo com o pensamento darwiniano. Por fim, no Capítulo 9, o argumento de EJ culmina num modelo novo, profundamente tocante: o da ‘comunidade da Criação’ que substitui a anterior hierarquia de cima para baixo, em que a dominação humana era o paradigma para a Criação.

57

Não é fácil dar a ver a visão e a qualidade da escrita de Elizabeth Johnson. Pessoalmente, tocou-me sobretudo o conjunto dos últimos seis capítulos, nos quais aparecem entretecidas imagens e conceitos de *Origem das Espécies* com elementos científicos, textos teológicos de muitos séculos, poderosos excertos bíblicos, fragmentos da literatura inglesa – “O mundo torna-se denso com a grandeza de Deus [...]”<sup>19</sup> – e o pensamento de outros eco-teólogos. Bastaria a conclusão para fazer do livro um esplêndido texto de oração.

Elizabeth Johnson revelou grande coragem ao escrever *Ask the Beasts*. Talvez recordem que, em 2011, o Comité da Doutrina, na

---

<sup>19</sup> Gerard Manley Hopkins. 1918. *God's Grandeur*.

Conferência dos bispos católicos norte-americanos, divulgou uma aferroada crítica ao anterior livro da Autora, chamado “À Procura do Deus Vivo” [*Quest for the Living God*], argumentando que o livro “mina a mensagem do Evangelho”. E esta condenação foi depois reiterada pela Congregação da Doutrina da Fé do Vaticano.

Alguns dos pontos teológicos que os bispos atacaram neste livro são igualmente centrais em *Ask the Beasts*. O teólogo John F. Haught, de Georgetown, explica que o ponto mais atacado pela crítica dos bispos era sobretudo a posição da teóloga quanto à ideia de que Deus sofre em conjunto com a Criação.<sup>20</sup> A posição dos bispos funda-se na noção de que Deus não pode sofrer, por o sofrimento ser sempre consequência do pecado. Trata-se duma teologia que serve para separar Deus de uma Humanidade pecadora que não pode contaminá-Lo.

Só que uma teologia assim dualista é incompatível com a evolução das espécies. A leitura expansiva que esta teóloga faz da selecção natural, em *Ask the Beasts*, inclui a função essencial do sofrimento e da morte de algumas das espécies não-humanas na eventual emergência de espécies mais evoluídas (o que nos inclui, a nós humanos).

58

Contudo, o sofrimento das espécies não-humanas não é, por definição, resultado de pecado, por isso nem todo o sofrimento pode resultar do pecado, como não é teologicamente inconcebível que Deus possa sofrer. Para esta teóloga, a união de Deus com toda a Criação é tão fundamental que é concebível que Deus sofra com a Criação, mesmo se Deus excede esse sofrimento.

É bem possível que os bispos ataquem a teologia de Elizabeth Johnson em *Ask the Beasts*, do mesmo modo que o fizeram relativamente

---

<sup>20</sup> [www.commonwealmagazine.org/unevolved](http://www.commonwealmagazine.org/unevolved)

ao seu livro anterior. Contudo, com a encíclica do Papa Francisco sobre o ambiente e a sua ênfase na misericórdia, isso talvez não aconteça.

Apesar de tudo, as notícias sobre os efeitos das mudanças climáticas operadas por mão humana na Criação de Deus são cada vez mais terríveis. Os cristãos, inclusivamente os bispos católicos norte-americanos, têm de reconhecer que a responsabilidade por salvar a Criação está no cerne da mensagem cristã, com o risco de essa mensagem poder tornar-se irrelevante. E não haverá melhor forma de começar esta conversão morteviva do que aceitando em profundidade a reflexão apresentada em *Ask the Beasts*.

### *Addendum*

Depois da publicação de “Laudato Si”, a Encíclica do Papa Francisco sobre “O Cuidado com a nossa Casa Comum”

59

Tudo o que se escreva sobre o catolicismo e o ambiente requer que o tema seja repensado depois da publicação desta encíclica – que tanto chamou a atenção de todos – pelo Papa Francisco, a 18 de Junho de 2015. A minha reflexão sobre o livro de Elizabeth Johnson *Ask the Beasts* inclui essa preocupação.

E uma das questões maiores diz justamente respeito ao lugar das mulheres, à teologia feminista e à militância activa dos cristãos, como temas do ensino católico sobre mudanças climáticas e destruição ambiental. Como disse já noutra lugar <sup>21</sup>, apesar de acções ocasionais em sentido inverso (o caso do Lava-Pés de mulheres na Quinta-Feira Santa), o Papa Francisco adere totalmente à posição tradicional do Vaticano sobre a sexualidade feminina. Isto significa que continua na linha da

---

<sup>21</sup> <https://marianronan.wordpress.com/2014/03/31/christ-the-spouse-pope-francis-and-womens-ordination/>

complementariedade acentuada pelos seus predecessores. No seu pensamento, as mulheres são intrinsecamente passivas e receptivas, enquanto que os homens são activos, bem como Cristo é o Esposo e a Igreja é a Esposa receptiva e obediente.

É provável que o próprio Papa mantenha essas posições, mas – mesmo que as não mantivesse – dado o foco da igreja institucional no pensamento sobre sexualidade desde o Vaticano II, a sua mudança de direcção poderia abrir o risco de uma guerra civil! O que o Papa Francisco diz sobre a população e o aborto em “*Laudato Si*” sugere sem dúvida que o seu posicionamento sobre as mulheres e a sexualidade estão em continuidade com as posições defendidas por Paul VI, João Paulo II e Bento XVI.

O meu texto sobre este livro de Elizabeth Johnson, *Ask the Beasts*, situa-o dentro do quadro da teologia feminista. Na altura isso tinha sentido, dado o papel histórico da Autora na teologia feminista católica, e sobretudo dada a ferocidade crítica dos bispos católicos norte-americanos perante o seu livro anterior: *Quest for the Living God*. Mostro ainda a coragem da teóloga ao publicar o seu livro seguinte, *Ask the Beasts*, uma vez que nele inclui algumas das posições teológicas que os bispos destacaram na sua crítica.

O que não digo é que em vários lugares do livro, EJ também tem o cuidado de enfatizar as suas posições totalmente ortodoxas dentro do catolicismo, por exemplo quanto à transcendência de Deus, ao profundo amor de Deus e sua ligação com a Criação. Nesses passos, ela desdiz as sugestões episcopais sobre o seu posicionamento panteísta, como se fosse alguém que negasse qualquer separação entre Deus e o mundo material.

Num almoço juntas, depois de eu ter publicado esta recepção ao seu livro, Elizabeth disse-me que algumas feministas a tinham criticado por o

livro falar pouco das mulheres. Eu nem tinha reparado nesse facto, por ser incapaz de imaginar o trabalho dela fora do contexto da sua imensa contribuição para a teologia feminista. Contudo, ao voltar a olhar de perto *Ask the Beasts*, depois dessa conversa de almoço, tive que admitir que o livro se refere pouco às mulheres ou ao feminismo. Mesmo assim, diria que a sua refiguração da relação de Deus com a Criação à luz da evolução é em si própria implicitamente feminista, porque desfaz pela base a clássica polarização cristã entre mulheres e terra, por um lado, e entre Deus masculino e céu, por outro.

Nesse mesmo almoço, perguntei a Elizabeth Johnson outra coisa que agora pergunto também a todas e todos aqueles que lerem este texto:

Os temas que o Papa Francisco toca em “*Laudato Si*” são matérias de vida e de morte. Será que não seria então sensato, pelo menos para alguns e algumas de nós, deixarmos de falar sobre as questões feministas que provocaram tanto conflito entre o Vaticano, as mulheres e a hierarquia católicas, para - em vez disso - nos centrarmos no convite do Papa a alargar a muita gente a noção duma ‘ecologia integral’?

61

Sobretudo porque, alguns bispos e padres católicos, políticos e pessoas que vão à igreja já tentaram deixar cair essas palavras do Papa, dizendo que elas vão além da sua competência e autoridade.

Ora não será que as mulheres activistas e as teólogas deveriam, com o seu ângulo de esquerda, objectar, por exemplo, como improcedente o facto de o Papa tomar a população como uma matéria do ambiente, e por esta poder assim ser vista como ligada às questões da liberdade reprodutiva?

Ou, pelo contrário, deveríamos pôr de lado as nossas mais fundas preocupações com a igualdade das mulheres na Igreja, para apoiar agora o Papa Francisco?

É que o Papa foi heróico ao fazer uma crítica feroz ao capitalismo neo-liberal, ao hiperconsumismo, a uma economia de mercado livre, comportamentos que estão a provocar um mal muito maior, não só ao ar que respiramos como às vidas dos habitantes da África sub-sahariana, às ilhas do Pacífico, aos campos do sul da Califórnia (incluindo aqui muitas das nossas companheiras do Graal pelo mundo).

Partilho com o Graal estas questões, para que as discutamos e cheguemos a alguns pontos comuns. E para ilustrar o ponto em que me apoio, conto ainda uma história. Desde a publicação da encíclica, tenho estado a trabalhar com um grupo *ad hoc* de mulheres católicas e algumas freiras, aqui em Nova Iorque, no sentido de irmos a redigir comentários à encíclica “*Laudato si*” para serem publicados em boletins paroquiais. Escrevi alguns deles e outra pessoa do comité editou-os e fê-los circular. A dada altura, a pessoa que moderava o comité disse esperar que eu não me ofendesse por ela não ter incluído o meu nome como Autora dos textos. O que ela queria era evitar que alguém fosse pesquisar o meu nome no Google e desse com o meu *blog*, ou com livros e artigos que eu publiquei sobre temas católicos feministas, e deixasse por isso de ler os comentários por poderem ser demasiado radicais. Eu disse que não me importava nada.



**DE UMA FÉ IDEALISTA  
A UMA FÉ TRANSFORMADORA**

64

**Anita Saisi**





## DE UMA FÉ IDEALISTA A UMA FÉ TRANSFORMADORA

Anita Saisi <sup>22</sup> (Milano)

Entre os muitos temas dos fascículos publicados por *Igreja em Diálogo* desde o seu início em 1965, escolhi este: “De uma fé idealista a uma fé transformadora”, por esta ser uma questão que me interpela, a mim pessoalmente e à experiência comunitária que vivo, em busca do sentido da Fé na vida e na História da Humanidade.

Para se entender essa transformação é preciso uma referência ao desenvolvimento da Teologia durante o século XX, em particular o Concílio Vaticano II que deu a conhecer a teologia conhecida como teologia “do Povo de Deus”, que foi a forma como o Concílio nomeou de novo a Igreja. Basta lembrar as teologias da libertação e as feministas para se perceber que a teologia deixou de estar centrada só em Deus, mas se inspira na investigação científica em áreas como a antropologia, a psicanálise, o diálogo ecuménico e a experiência humana que incorpora a busca que não-crentes também fazem da sua própria espiritualidade.

66

---

<sup>22</sup> **Anita Saisi** é membro do Graal desde os anos de 1965, viveu em Roma e desde há algumas décadas em Milano. Fez a sua formação em Estudos Religiosos em Roma (Pontificia Università S. Tomaso d’Aquino de Urbe. Roma, em 1971), com uma dissertação sobre “Dimensioni della Parusia nell’Avvento romano”. Anteriormente, fez uma licenciatura em Psicologia, na Università degli Studi di Padova (1977), com outra tese sobre: “La famiglia urbana, analisi della organizzazione della vita e delle relazioni di dieci famiglie operaie”. Depois duma formação de oito anos em análise transacional, é hoje terapeuta nessa linha”. Viveu alguns anos em Portugal, no contexto do Graal, e foi, é ainda, co-responsável pelo Graal em Itália. Entre as suas publicações conta-se o livro *La menopausa senza paure. Come affrontarla e viverla serenamente*.

A revista internacional *Concilium* começou por esses anos a dar a conhecer as novas pesquisas teológicas, deu e continua a dar um contributo na exploração do diálogo inter-religioso, prestando significativa atenção às mudanças que as sociedades e o mundo atravessavam.

Poderiam ser citados vários exemplos a partir da *Concilium*, mas vou mencionar apenas o que se entende por uma fé transformadora, que faça florescer uma nova espiritualidade, como o diz Elaine Champagne<sup>23</sup>:

No contexto do mundo ocidental – com sociedades crescentemente secularizadas – surge no curso das últimas décadas um cada vez maior interesse na redescoberta e na reformulação do que espiritualidade e vida espiritual significam. Esta busca tomou por vezes patamares diferentes daqueles que outras religiões apresentavam. Enraizada em fundamentos antropológicos, influenciada por valores humanistas e contendo uma preocupação pela inclusão e a universalidade, esta nova “visão” da espiritualidade presta cuidadosa atenção ao envolvimento genuíno e à contribuição do “sujeito” para o seu próprio percurso, em ordem a um cumprimento pleno e significativo da sua vida.

67

Poderei dizer que, se uma fé idealista desce do “Céu”, uma fé transformadora brota da “Terra”, onde os seres humanos vivem e criam novos caminhos para o mistério a que costumamos chamar Deus. Esta mudança significativa irá permanecer, porque não é possível interromper a busca.

Ora era justamente essa busca que constituía também o propósito de *Igreja-em-Diálogo*, nascido por iniciativa das duas mulheres que começaram o Graal em Portugal. Foi um acontecimento de facto profético, se tomarmos em conta a situação sócio-política no país há 50 anos atrás.

---

<sup>23</sup> Elaine Champagne. In *Concilium*. 2007 (5).

Acontece que o Portugal desses anos foi o país para onde decidi partir, com o fito de conhecer o Graal. E como descrever a minha surpresa, ao notar o contraste entre as limitações impostas pela ditadura e aquilo que as mulheres do Graal estavam a fazer, ousando organizar encontros internacionais onde se discutia questões como as que o boletim *Igreja-em-Diálogo* propunha? Eram formas novas de conceber a igreja, o ecumenismo e o papel das mulheres, facultando-lhes a possibilidade de desenvolver e pôr a render as suas capacidades e talentos.

A fé era ponto de partida para todas: um Grupo de mulheres pioneiras no pensamento e na experenciação de como a sua fé podia tornar-se nascente para “mudar o mundo”, como dizíamos já na altura.

Naquele tempo, do meu crescimento pessoal e comunitário, posso descrever uma fé idealista no sentido em que essa fé nos dava a coragem para seguir ideais e objectivos, enquanto mulheres presentes na sociedade e na igreja, acreditando em Deus manifesto na Bíblia que estudávamos e procurávamos pôr em prática, sobretudo nas liturgias criativas que juntas preparávamos.

68

O ponto de viragem veio do trabalho feito pelo Vaticano II, por teólogos e também por leigos, homens e mulheres, com a sua visão profética e ecuménica. O grupo do Graal em Roma tinha então muito contacto com esses teólogos, os mesmos que o *Igreja-em-Diálogo* inscreveu como colaboradores durante vários anos.

Como foi possível mudar tão profundamente os nossos quadros mentais? De onde nascia a dúvida sobre um Deus “omnipotente, imutável, masculino” como nos tinha sido ensinado?

Nesses anos, estava eu a estudar teologia em Roma e o livro tão provocador que foi *Radical Theology and the Death of God* [“Teologia Radical e a Morte de Deus”], de William Hamilton e Thomas Altizer,

levantou a questão de saber como é que nós neste mundo e como é que a Humanidade iriam continuar, se Deus estava morto?

Mas a pergunta seria mais bem formulada deste modo: “Que espécie de deus está morto?” – tratava-se afinal de um deus que tinha sido inventado para dar segurança e que, em vez de apelar ao crescimento humano, o impedia.

Foi então um imenso universo que se abria diante de nós, como o foi a descoberta de que a Terra era apenas uma pequena parte do universo. Então uma investigação começou a levar-nos ao encontro de um deus diferente, muito envolvido no nosso destino humano. Um deus na Terra e não apenas num Céu, e – em particular para nós mulheres – um Deus tanto masculino como feminino, evidência a que se chegou graças a teólogas feministas e sua importante interpretação de textos bíblicos, frequentemente mal-entendidos por teólogos masculinos.

69

Estas mulheres teólogas, como é o caso de Elisabeth Schüssler Fiorenza, com seu livro *In Memory of Her* [“Em Memória de Ela”], ou de Elisabeth Johnson, com o seu livro *She Who Is* [“Ela que É”], inspiraram o Graal em Itália a começar um pequeno grupo de mulheres para aprofundarem esta nova teologia, com a intenção de criarmos em nós mesmas uma imagem feminina de Deus. Isso foi um labor de dez anos, com reflexão e também trabalho psicológico, porque não se trata só de entender com a mente racional, mas é preciso mudar tanto o nosso imaginário como o nosso coração.

Descobrimos que uma mulher protestante, Elisabeth Cady Stanton, já tinha escrito em conjunto com uma outra mulher, em meados do século XIX, um livro chamado *The Women’s Bible* [“As Mulheres na Bíblia”], onde mostravam como a tradição católica tinha deixado as mulheres sem qualquer poder dentro da Igreja.

Ao mesmo tempo as traduções da Bíblia em línguas vernáculas tinham sido proibidas a todos os cristãos, o que significa que era impossível aos leigos conhecer a Bíblia e a revelação divina.

A descoberta do feminino presente em Deus está bem descrita por Rebecca Jackson, uma mulher pregadora do século XX, citada por Elisabeth Johnson no seu livro *She Who Is*:

Nessa noite, vi pela primeira vez, uma Mãe divina. E isso foi sem dúvida algo novo para mim, uma nova doutrina. E quando o vi inclinei-me e obedeci a essa visão do céu... E que alegria não foi quando descobri que tinha uma Mãe! Nessa noite Ela deu-me uma língua para o expressar! O espírito em mim abriu-se em lágrimas, e a comunidade partilhou essa emoção. Apesar de antes ninguém ter ouvido falar de Deus como Mãe, pelo Espírito Santo da Sabedoria, fui capaz de tornar essa noção tão simples que qualquer criança a poderia empreender.

A experiência do nosso grupo, em Itália, de pesquisa sobre teologia feminista foi outro aspecto importante para o percurso de uma fé que estava a transformar a nossa crença e a nossa vida, abrindo-nos – enquanto mulheres – a possibilidade de uma relação mais próxima e mais profunda ao Mistério presente no universo.

70

E para transformar a nossa fé num desafio e num risco, o apoio de um grupo é importante, pois permite dar a cada um/a a coragem de prosseguir e de renunciar à tentação de voltar atrás à procura de velhas seguranças.

Nas últimas décadas, tornei-me psicoterapeuta e pude perceber desde então melhor o que significa o trânsito de uma fé idealista a uma outra que seja transformadora.

O modo como a nossa mente funciona, a nível psicológico, exige em cada um/a de nós que na infância vá sendo criada uma segurança tanto mental como emocional. Não é possível desenvolvermo-nos totalmente sem uma base segura de crenças e relações. Ora sabendo isto, é fácil distinguir uma fé que esperamos nos dê uma segurança que não queremos abandonar, ou uma outra segurança que nos permite aceitar dúvidas, riscos, sofrimentos e esperanças, e que uma fé transformadora pode impulsionar, apelando a um crescimento humano.

A fé tem o poder de nos transformar, e nós temos o poder de transformar a fé. Como?

Antes de mais, é preciso que a nossa fé se torne mais humana, que é o que implica a encarnação. Ao tornar-se humano, Deus chama-nos a levar a nossa personalidade, com todos os seus dons e limites, a uma plenitude.

Uma fé transformadora significa que precisamos tornar-nos pessoas de espírito aberto, sem medo de perder certezas, até ao ponto extremo do evangelho: “Se a semente não morrer, não dará fruto” (Jo 12,14).

71

Isto implica também que abrimos a mente e o coração a diferentes culturas e religiões, a um universo em mudança permanente constantemente renovado, sem medo de perder algumas coisas, mas com uma confiança inabalável em que assim o ganho é mais elevado.

Além da abertura ao diálogo com culturas diferentes das nossas, é necessário atingirmos e partilharmos a busca por uma espiritualidade que existe em cada ser humano. Quando vamos mais fundo na interioridade da vida, vemos que a fé nos pertence como fonte e como horizonte último para a vida da Humanidade.

Esta noção é bem formulada pelo teólogo brasileiro Marcelo Barros. Diz ele: “Não sou mais que um ser humano, é essa a minha profissão de fé, em forma de esperança.”

Esta fé enraizada em nós é importante não apenas para suscitar o nosso crescimento, mas também para que demos o nosso contributo à resolução dos graves problemas do nosso mundo.

Olhando e reflectindo sobre o que nos ensina a História acerca da capacidade humana para cometer atrocidades, pergunto-me muitas vezes como é possível acreditar na bondade da natureza humana ou num Deus misericordioso. A pergunta era bem respondida por uma fé idealista, porque ela punha a responsabilidade em Deus: “Por que é que Deus não evitou o Nazismo ou tantas outras acções destruidoras a que hoje assistimos?” A Teologia depois de Auschwitz, como foi chamada, interroga-se de modo diferente: “Onde é que nós estávamos?” – com isso abrindo os olhos da responsabilidade dos humanos.

Uma das principais tarefas resultantes desta responsabilidade redescoberta é a de darmos o nosso contributo para o estabelecimento da paz e da justiça, em actividades e acções concretas, o que constitui na realidade a missão do Graal e a de muitas outras associações que promovem o respeito pelos direitos humanos, especialmente pelos das mulheres.

72

Será suficiente? Que mais pode ainda ser feito?

Uma tarefa importante que podemos ainda acrescentar às já mencionadas é a do próprio compromisso de cada um e cada uma de nós em procurar, em reflectir e em comunicar com outros tudo o que de bom existe e está a ser promovido ao nosso lado, na nossa sociedade, no nosso mundo, coisas boas tantas vezes escondidas e desconhecidas para muitos de nós. Isso sem dúvida ajuda a manter viva a esperança na bondade do futuro da Humanidade.

Temos que “ajudar Deus”, como Etty Hillesum diz na sua revelação profética, o que implica partilhar com Deus a energia da salvação da

Humanidade, do universo, descobrindo dentro de nós uma fonte divina, semelhante ao que os místicos sempre sentiram e viviam.

Não será surpreendente que esta dimensão mística se tornasse cada vez mais urgente na experiência de todos os crentes, quer nos que pertencem a uma religião quer nos outros. Os ensinamentos de alguns místicos - Teresa de Ávila e tantos outros - têm sido estudados e meditados; o mesmo sucede com místicos nossos contemporâneos, como Raimon Panikkar, Dorothee Soelle.

Isso tem sido uma imensa contribuição para ajudar outros a desenvolver a dimensão mística na sua vida. Todos eles dizem que “Todos somos místicos”. Acreditar nisso e aprender a pô-lo em prática é um desafio sério a uma fé renovada.

Todos os místicos são grandes mestres de uma fé que excede o horizonte visível. Uma teóloga italiana, Antonietta Potente, aprofundou uma ideia e uma experiência a que chamou “Místicopolítica”. Com isso queria dizer que não podemos separar a procura mística da acção social. Há pouco, ele fez uma conferência num encontro de associações de mulheres, em que o Graal esteve também presente. Dizia ela: “Não podemos já viver sem a interioridade no quotidiano porque é de dentro que alimentamos a História.” [*Non possiamo più vivere senza l’interiorità nella quotidianità perchè noi alimentiamo dal di dentro la storia.*]

73

Este diferente entendimento da fé torna-se motivação para o nosso compromisso em relação a um futuro melhor para a Humanidade, articulando isso com o crescimento da nossa vida interior / mística.

O que poderei dizer mais sobre esse crescimento? Não é fácil formular esta experiência, coisa que é matéria de poetas. Entre tantas outras, sugiro um percurso a que chamo “a arte da escuta”, acompanhada de “silêncio” e de “contemplação”.

Até o mandamento bíblico é: “*Shema Israel!*” – escuta, Israel, porque todo o resto virá como consequência natural. E há muitas vozes que podemos escutar:

- a voz da natureza que fala com tanta clareza quando com a beleza da criação comunicamos;

- a voz do sofrimento das pessoas perto ou não de nós, mas presentes através das tragédias que acontecem no mundo;

- a voz da profundidade da nossa própria alma, que nos ajuda a ultrapassar preocupações e dores;

- a voz da esperança e da alegria, sempre presente no meio de outros;

- e essa “suave voz do silêncio”, que Elias na montanha conhecia bem (1R 19, 12), distinguindo entre as grandes manifestações de acontecimentos naturais. E isso é o melhor ensinamento para aquilo a que chamei “a arte da escuta” que pode tornar-se a “graça da escuta”.

Deste modo, tornamo-nos parte dos místicos que alimentam a Terra com a sua fé, uma fé sem medos de perder certezas, mas que abre caminhos novos para experienciarmos o Divino.

74

Termino esta reflexão com um poema que a meu ver contém aquilo que gostaria de ter comunicado:

Tirai-me tudo, mas deixai-me o Êxtase,  
E eu mais rica serei que os meus Iguais –  
É-me doença viver em tal pujança  
Quando à minha Porta outros possuem mais,  
Numa pobreza abjecta – <sup>24</sup>

Emily Dickinson

No original:

Take all away from me, but leave me Ecstasy,  
And I am richer than all my Fellow Men –  
Ill it becometh me to dwell so wealthily  
When at my very Door are those possessing more,  
In abject poverty –

Milano, Junho 2015

---

<sup>24</sup> Tradução de Ana Luísa Amaral.



***TRAINING FOR TRANSFORMATION***

**- TFT -**

**OU**

**UM PROCESSO DE  
FORMAÇÃO DE LIDERANÇA(S)**

76

**Anne Hope**





# ***TRAINING FOR TRANSFORMATION - T F T -*** **OU UM PROCESSO DE** **FORMAÇÃO DE LIDERANÇA(S)** <sup>25</sup>

**Anne Hope** (África do Sul /Quênia /EUA) <sup>26</sup>

1. “*Training for Transformation*” -- “Formação para a Transformação”, em português – poderá descrever-se como um grande rio que origina diferentes nascentes ou fontes. Essas fontes foram inicialmente reunidas num Programa de Formação chamado DELTA, que preparava equipas para trabalharem no desenvolvimento de pessoas e comunidades. O programa começou em 1973, no Quênia, com Anne Hope e Sally Timmel.

78

De então para cá, numerosos são os tributos de vários lados, que trouxeram perspectivas novas e outras competências, que de modo eficaz contribuíram para melhorar a qualidade de vida das comunidades locais, de acordo com o que essas comunidades desejavam.

---

<sup>25</sup> Texto *online* sob o nome da Autora.

<sup>26</sup> **Anne Hope** é da África do Sul onde muito cedo conheceu e aderiu ao Graal. Com formação de base em História, dedicou a sua vida, no Graal, à formação, conscientização e politização de grupos, dentro e fora de contextos cristãos, tendo começado no Quênia, em 1973. É co-autora, com Sally Timmel, de um método de formação de liderança(s), adaptável a diversos contextos culturais e sociais, para o trabalho de conscientização e politização, que incorpora, entre outros elementos, os da pedagogia de Paulo Freire. Tem sido utilizado em vários países de África, Oriente, Europa (Irlanda, Europa de Leste, Zimbabué, Zâmbia, Malawi, EUA, Portugal e mais países). O Manual, disponível na net, chama-se: *Training for Transformation, Books 1-3 (3-Volume Set): A Handbook for Community Workers*. Com Alison Healey, Maria de Lourdes Pintasilgo, Teresa Santa Clara, e outras Mulheres do Graal de outros países; fez parte do International Board (o Conselho de direcção do Graal internacional, existente nos anos 60-70). Neste momento, Anne Hope vive nos EUA.

As competências em liderança e a metodologia DELTA e TFT (*Training for Transformation*) irrigaram e fizeram nascer uma nova vida em diversos campos, incluindo Saúde, Agricultura, Alfabetização, Grupos de Mulheres e de Jovens, fazendas ou quintas comunitárias e projectos para rentabilidade económica, liderança de leigos nas comunidades de crentes, catequese, educação religiosa.

2. Entre 1973 e 1980 o Programa no Quénia teve o apoio da Igreja Católica, com suporte significativo de Enda Byrne, de início Coordenador da área de desenvolvimento. Foi ele quem garantiu financiamentos de agências europeias para o desenvolvimento. Foram então formadas equipas de trabalhadores para o desenvolvimento em 9 das 15 dioceses que na altura havia no país. Contava-se também com uma boa colaboração do Conselho Cristão Nacional do Quénia, apoiado por Bethuel Kiplagat, Harold Miller e Sam Kobiah. Mais de 500 pessoas, a maioria leigos - mulheres e homens -, mas também alguns padres e freiras, estiveram envolvidos nessa formação, e três milhões de pessoas foram envolvidas nos programas que tiveram início em 1983. Foram também realizados durante esses anos programas de formação no Uganda, Tanzania, Nigéria, África do Sul e Índia.

79

Em 1972 eu própria tinha orientado uma série de *workshops* com Steve Biko e 15 membros da “Organização de Estudantes Sul-Africanos” que estavam a planear lançar um programa de alfabetização a nível nacional, programa esse baseado no trabalho de conscientização de Paulo Freire, a realizar no Centro do Graal em Joanesburgo. Com Steve elaborei as quatro fases desse programa de formação, que mais tarde se tornou a estrutura básica do Programa DELTA no Quénia.

A alfabetização não chegou a fazer-se como fora pensado, dado que a maioria dos estudantes tinham sido presos pelo governo. Contudo, muitos deles usaram mais tarde o método, numa diversidade de situações.

Os primeiros três livros, chamados *Training for Transformation*, escritos por mim própria e pela Sally Timmel foram publicados pela Mambo Press, no Zimbabué, em 1984.

Nesses livros está expressa uma explicação fundamentada da filosofia que enforma os processos de aprendizagem desenvolvidos pelo programa. Os livros foram proibidos na África do Sul durante o governo de *Apartheid*, mas foram reeditados como *Community Workers Handbook* [Manual para Trabalho nas Comunidades], e desse modo circularam largamente durante os anos de 1980, em plena guerra sul-africana.

3. Durante os seguintes 20 anos, a formação e programas activos de desenvolvimento participado que usaram essa metodologia, ou mesmo só partes dela, desenvolveram-se na Irlanda, na Europa de Leste, no Zimbabué, Zâmbia, Malawi, EUA e vários outros países.

80

Muita gente nos perguntava onde poderia receber uma formação mais avançada. Ora apesar de existirem muitos programas académicos nas universidades, que tratavam diferentes aspectos da teoria, não havia lugar - que nós conhecêssemos - que concebesse um processo de formação centrado na Reflexão / Acção / Reflexão, como o que originalmente fizemos com DELTA.

Além disso, os programas locais eram habitualmente feitos por séries de curta duração, o que tornava impossível que orientadores de outros países participassem.

4. Nos anos 2000, os parceiros do Programa na Irlanda começaram por planear um encontro com pessoas que estivessem a utilizar estes

métodos e que tivessem já desenvolvido mais ideias e novas “boas práticas” em diferentes partes do mundo. E foram 60 as pessoas que se juntaram no College Espiritano em Kimmage, na Irlanda, durante duas semanas, em Julho de 2001. Foi-nos na altura pedido com insistência, a mim e à Sally Timmel, que iniciássemos um programa internacional de formação avançada.

Desde então, quatro cursos de um ano, doze diplomas e certificados de curso - quer de um ano quer de nove meses - tiveram lugar no Centro do Graal de Kleinmond, perto da Cidade do Cabo, na África do Sul. Esses cursos consistiam em dois períodos de dois meses residenciais em Kleinmond, e dois períodos de quatro meses aplicando a metodologia nas organizações dos próprios países dos participantes, sob a supervisão de pessoas com experiência. Fizeram essa experiência 144 pessoas, em equipas vindas do Uganda, Quênia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbabué, Libéria, Nigéria, Ruanda, Índia, Afeganistão, México, Reino Unido, e África do Sul, completando o programa e recebendo diplomas do College de Kimmage. Em 2009, foi elaborado um estudo participativo quanto ao impacto do Programa, de modo a poder averiguar-se que diferença o trabalho de quem participara nesta formação tinha trazido às vidas das pessoas das comunidades pobres dos seus próprios países.

Kleinmond acolheu também numerosos *Think-wells* (espaços para pensar em conjunto). Assim, reunimos os Autores que nos foram inspirando e outros peritos – mulheres e homens - em áreas várias, assegurando que o programa se mantinha em ligação com o pensamento mais recente sobre questões verdadeiramente significativas.

Em 2007, houve um encontro de dez dias sobre “*Um novo mapa do mundo*”, com Ian Linden, autor de um livro com o mesmo nome, a fim de explorarmos o impacto das mudanças cruciais na dinâmica global do poder,

depois do crescimento económico e da importante influência política da Índia e da China.

5. O programa de Formação DELTA incorporou desde o seu início cinco fontes de inspiração principais.

1. Os pontos-chave do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire e a sua prática inicial.

2. Intuições e dinâmicas de grupo e de relações humanas, aprendidas através da intensa participação no Programa de Educação Cristã e Aprendizagem de Formas de Liderança (CELT), que levou a cabo programas muito frutuozos na África do Sul durante as décadas de 1960 e 1970.

3. A análise económica, política, social e cultural, em parte aprendida através do Instituto Ecuménico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP), com base em Paris.

82

4. A Visão de uma Nova Sociedade, construída a partir de muitos elementos, incluindo a Bíblia, o livro de Rick Turner [filósofo sul-africano] chamado “O Olho da Agulha”, no original: *The Eye of the Needle*, de 1972.

5. Subjazendo a tudo isso, o conceito espiritual de transformação, e a convicção de que ela é possível a todos os níveis: o nível pessoal – em pequenos grupos face-a-face, o das instituições em que trabalhamos, o da governância da sociedade mais alargada e o da relação com o planeta Terra.

6. Nos anos de 1990, os livros *Training for Transformation* foram revistos e atualizados. Acrescentámos mais um, o quarto livro, com quatro dimensões fundamentais do desenvolvimento, que entretanto se tinham tornado extremamente importantes, e que não tinham sido tomadas adequadamente em conta nos três livros anteriores. Contém capítulos e exercícios sobre:

1. A crise ambiental, fontes alternativas de energia, água, estilos de vida e políticas, bem como a espiritualidade eco-feminista e a ecologia profunda.

2. A análise chamada de “género” (*gender analysis*) [isto é: sobre questões ligadas às mulheres] e sobre os efeitos do poder da diferença sexual tradicional nas relações de poder a todos os níveis do desenvolvimento.

3. Cultura e compreensão intercultural; racismo, a nível pessoal, social e institucional.

4. Governância; análise de orçamentos, *lobbying*, advocacia e cooperação com os governos locais.

Foi nessa altura que começámos a usar também o trabalho de Manfred MaxNeed<sup>27</sup> sobre “*Human Needs and Human-scale Development*” [“Necessidades Humanas e Desenvolvimento à Escala Humana”]. Adaptámos a sua grelha a um diagrama circular que se revelou mais útil para uma análise popular. E isso contribuiu de modo importante para o trabalho entre mãos sobre “A Visão de uma Nova Sociedade”.

83

Entretanto, em variados países, além do trabalho para a liderança dos leigos na Igreja e para a construção de comunidade, bem como noutras áreas já antes referidas, o processo de reflexão / acção, com os princípios do TFT, foi aplicado em resposta a uma gama imensa de outras necessidades, entre as quais, estas:

1. Cuidados de Saúde: o trabalho pioneiro neste campo foi realizado por Geraldine Huizing em Machakos, no Quénia; por Dave Hilton, do Conselho Mundial das Igrejas, e por Bethann Witcher, nos EUA. Sally Timmel, ao ver que a classe média nos Estados Unidos tinha à sua

---

<sup>27</sup> Chileno, foi inicialmente prof. de Economia em Berkeley, EUA, depois Reitor numa universidade no Chile. Escreveu sempre preocupado com a pobreza: na América-Latina e no mundo. [Nota da trad.]

disposição a possibilidade de fazer escolhas, adaptou a metodologia, usando a obra de Syd Simon sobre juízos de valor -- *Value Judgments* -- trabalhando então com pessoas da classe média norte-americana num programa da organização de mulheres cristãs, chamada *Church Women United*. Isso possibilitou a milhares de membros em nove Estados do país fazer recomendações sobre políticas mais justas nos cuidados de saúde no conjunto do país.

2. Publicações da Comunidade. Kathy Bond Stewart iniciou no Zimbabué o programa de Publicações Africanas das Comunidades. As comunidades locais ajudavam a escrever e a produzir mais duma dúzia de livros sobre uma diversidade de tópicos, livros esses constantemente utilizados em programas de desenvolvimento por todo o território.

3. Programas de formação para a(s) liderança(s): Enda Byrne, Jeremias Carvalho e Vero Schoeffel, realizaram programas no Kosovo; também no Ruanda, Juvenal Turatsinzi e Chrisserie Nyonsenga lançaram projectos de aprendizagem quanto a formas de liderança, com pessoas de diversos locais que pretendiam contribuir para sarar o tecido social e reedificar a coesão social, depois das experiências tão traumáticas no país.

4. Os guerreiros Maasai tiveram licença para estabelecer fazendas comunitárias, evitando assim que agricultores ricos ocupassem as suas terras. Isso foi feito através do método TFT, introduzido por Danny Makanyani, Kenny Matampash e Peter Kisopia, no Quénia. O cuidado com a vida selvagem ajudou os residentes locais a participarem nas decisões que afectavam as reservas naturais e a receberem um quinhão mais justo dos lucros que se obtinham. Dyani Burgher iniciou este trabalho no Quénia.

5. Cultivadores de arroz em Madagascar aprenderam a usar do seu poder para melhorarem a sua qualidade de vida, através dum programa iniciado por Enda Byrne, Jeremias Carvalho e Vero Schoeffel.

6. A compreensão intercultural foi o propósito de programas organizados para profissionais suíços que estavam a ser preparados para trabalharem em países do Sul por Veronique Schoeffel (que trabalhava com Cinquefor em Bienne).

7. Milhares de mulheres numa Associação de Mulheres Angolanas Católicas receberam formação e apoio de Rosalia Saiacua (angolana) e de Teresinha Tavares (portuguesa).

8. Muitos cursos sobre a análise das “questões de género” aconteceram em Vishtar: no Centro Ecuménico de formação, e no YWCA, com Mercy Kappan e Latha Reddy, em Bangalore, na Índia.

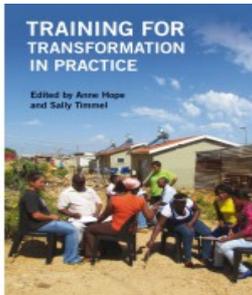
9. O Instituto para o Desenvolvimento de Mulheres (WRC), que entre outras coisas ajudou a fazer *lobbying* por uma nova constituição nacional, teve início em Nairobi com Adelina Mwau que era então deputada.

10. Programas sobre acção / reflexão sobre os Direitos das Mulheres começaram na Malásia, com Lean Chan, e na Coreia do Sul com Rhie Chol Soon.

11. A Casa Silveira, um centro dos Jesuítas para o desenvolvimento, altamente respeitado no Zimbabué, onde foram formadas centenas de activistas de comunidades desde o seu início nos anos de 1960 nesse país, enviou algumas pessoas do seu pessoal para o programa TFT, para trabalharem com a pessoa que dirigia a formação -- Sr. Janice McLoughlin -- nos seus programas de transformação activa das comunidades. Nestes e em muitos outros programas para a transformação social, o solo tinha já sido regado com perspectivas e com talentos adquiridos na participação no programa TFT River.

Em 2013, no Centro do Graal de Kleinmond teve lugar um outro “Think Well” - ou encontro para se pensar em conjunto -, que reuniu 37 pessoas que já tinham aplicado os princípios da “Formação para a Transformação” (TFT) com comunidades de 21 países. Deu-se aos

participantes três dias para que escrevessem um relatório sobre o trabalho que tinham estado a realizar, e os efeitos desse trabalho nas comunidades e nos países. Esses textos foram publicados num livro intitulado *Training for Transformation in Practice*, editado por Anne Hope e Sally Timmel, e publicado no Reino Unido em 2014 (Rugby: ed. Practical Action):



É claro que muitas outras pessoas, demasiado numerosas para aqui poderem ser mencionadas, deram contributos valiosíssimos ao trabalho, inspiradas sobretudo, ou pelo menos em parte, pelo TFT. E outras muitas organizações por todo o mundo, embora nunca tendo ouvido falar do TFT, são movidas pelos mesmos valores, objectivos e princípios em que o programa TFT se fundamenta. Por isso é sempre bem-vindo o diálogo com esses grupos, reconhecendo nós como é importante essa comunicação e *networking* entre todos.



***“Não maltratateis nem oprimireis nenhum estrangeiro,  
pois vós mesmos fostes estrangeiros...”***  
**ou o desafio à intolerância**

88

**Teresa Toldy**



***“Não maltratateis nem oprimireis nenhum estrangeiro, pois vós mesmos fostes estrangeiros...”*** ou o desafio à intolerância

**Teresa Toldy**

89



***“Não maltratateis nem oprimireis nenhum estrangeiro, pois vós mesmos fostes estrangeiros...”* ou o desafio à intolerância**

**Teresa Toldy** (Porto)<sup>28</sup>

90

---

<sup>28</sup> **Teresa Martinho Toldy** é doutorada em Teologia (na área feminista) na Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt/Alemanha), Mestre em Teologia (ramo de Teologia Sistemática) pela Universidade Católica Portuguesa. Ensinou na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa.

É hoje professora associada com agregação da Universidade Fernando Pessoa no Porto, onde lecciona Ética. E também é investigadora do CES (Universidade de Coimbra), onde coordena o Observatório da Religião no Espaço Público (Policredos). Tem dado um contributo fundamental para a relação entre hermenêutica(s) feminista(s) e as teologias, com diversos artigos e ensaios publicações e diversas comunicações, entrevistas e conferências no país e fora dele. É afinal uma das únicas teólogas que entre nós é chamada a público pelos *media* e outras entidades.



# **EVANGELIZAÇÃO NUM MOSAICO INTERCULTURAL:**

## **PERCURSO DE UM DIÁLOGO (*DES*)CONSEGUIDO?**

**Ida Alvarinho**

92





# EVANGELIZAÇÃO NUM MOSAICO INTERCULTURAL:

## PERCURSO DE UM DIÁLOGO (DES)CONSEGUIDO?

**Ida Alvarinho** (Maputo) <sup>29</sup>

Será possível alterar o ADN da *alma*? Não se alimenta, a espiritualidade individual, da seiva que resulta duma coesão intrínseca e homogénea entre a história social, as tradições, a relação com a Natureza, a cultura em geral? A “missionação” – esse também processo de globalização - nem sempre constituiu um processo pacífico, dialogante, inclusivo e, conseqüentemente, cabe aqui perguntar se ele terá sempre atingido o âmago da pessoa, se terá, de facto, “tocado” a *alma* ou se, pelo contrário, muitas vezes não passou da simples condição de roupagem exterior, da colocação de uma camada de verniz sobre uma superfície que continuou pouco permeável... Até que ponto incarnou ou não o cristianismo em países de culturas não-ocidentais?

94

Pergunto-me frequentemente quão difícil terá sido anunciar o Evangelho desde o início, começar no mundo uma filosofia de vida “tão revolucionária” e tão diferente das culturas instaladas e, até que ponto esse “movimento” foi, de facto, apreendido no fundo da *alma*? Infelizmente,

---

<sup>29</sup> **Ida Alvarinho** é membro do Graal em Maputo, uma das primeiras a constituir o movimento no seu país. Casada e com três filhas, sendo a sua casa africanamente “uma casa de todos”, é professora de Matemática no Departamento de Matemática e Informática na Universidade Eduardo Mondlane, e neste momento é Gestora do Departamento de Qualificações e Formação.

este processo assumiu muitas vezes uma violência física extrema, impondo à força das armas aquilo que devia ser uma mensagem de alegria e de amor. Muitas vezes este “anúncio” esteve aliado a processos de atropelo e de humilhação do “interior dos indivíduos”, sem uma tentativa de se encontrar pontos de convergência entre as várias formas de entender e de se lidar com o “transcendente”, com o “divino”. Por exemplo:

- será que alguma vez se teve em conta que vários grupos étnicos eram detentores de narrativas diferentes da Criação do mundo, mas com elementos comuns (as trevas iniciais, a presença do sopro divino, a presença do fogo e da água, etc.), da que é apresentada na Bíblia, no livro do “Gênesis”? Não teria sido possível integrar, sem perder a essência, elementos comuns destas narrativas diferentes?
- teremos feito alguma vez uma reflexão sobre o impacto nem sempre positivo do conceito de “Deus Pai”? Em muitas situações, o conceito de “Deus Mãe” ou de “Deus Tio” é melhor entendido do que o de “Deus Pai”, já que, em muitas famílias, por exemplo em Moçambique, o pai é uma figura quase inexistente e, mesmo quando presente, as tomadas de decisão em questões fundamentais são do foro do tio (irmão da mãe) e não do pai.
- o conceito e a devoção aos “santos” estão muito próximos da relação que, nas culturas tradicionais de vários grupos populacionais, se tem com antepassados já falecidos, que foram referência positiva, que estão sempre presentes nas nossas vidas, que são lembrados/chamados permanentemente e a quem se recorre acreditando-se na sua intercessão junto ao Criador. Duma forma porventura demasiado simplista, talvez se possa dizer que esta relação mantida com os antepassados se insere na relação que, na Igreja Católica, se estabelece com a comunidade dos Santos. As devoções a cada Santo, encontram o seu paralelo aqui nos rituais

feitos aos antepassados, com a diferença de que os Santos assumem uma dimensão universal, enquanto que os antepassados se circunscrevem à dimensão de cada grupo familiar. Será que se reflectiu sobre as diferentes percepções/vivências dos poderes destes antepassados? Terão estes apenas um papel de intercessão ou ser-lhes-á atribuído um papel “mais autónomo”? Não se poderá colocar esta mesma questão no que respeita aos poderes que as pessoas, nas culturas ocidentais, atribuem/esperam dos Santos? Terão sido estes elementos integrados ou, pelo menos, tomados em conta, no processo de evangelização?

- será que se reconheceu que as várias culturas viviam já, antes do seu contacto com o cristianismo, um entendimento da existência numa vida pós-morte? Como é que este entendimento foi integrado com “o credo na ressurreição dos mortos e na vida eterna que há-de vir”?
- como se poderia ter relacionado o “ser Igreja” com a forma que muitos povos têm de a viverem como o alargamento natural da família? Não se trata, em geral, somente da família nuclear – mãe, pai e filhos - mas sim da família alargada, que acaba estando sempre por perto. É frequente a família ou até a comunidade ser chamada para aconselhar/julgar/resolver situações várias. É também em família que se cumprem rituais vários relacionados com o nascimento, com a morte, com a acção de graças por dons recebidos. A Igreja é vivida como uma **extensão natural** deste sentido de **família**, de **comunidade**, que é chamada à oração, partilha e rituais comunitários.
- como se poderia ter atendido e integrado narrativas tradicionais locais sobre a procura da felicidade e da perfeição, com, por exemplo, as da Idade Média Europeias, que foram apresentadas praticamente como únicas e universais?

Após estes exemplos, podemos-nos interrogar se os povos (supostamente) evangelizados apreenderam, no seu íntimo, na sua essência mais profunda, a mensagem anunciada e a doutrina afim transmitida, ou se a mantiveram lado a lado, paralelamente, sem intersecções, com aspectos milenares tradicionais das suas culturas, ou ainda, se tentaram integrar numa forma harmoniosa as duas dimensões, conferindo, cada um, a sua própria interpretação desta “aglutinação”? Encontra-se muitas vezes, em convívio paralelo, diferentes dimensões de fé, em que os antepassados e os poderes especiais de algumas pessoas convivem com os poderes do “mais alto”, que são interpretados diferentemente consoante a denominação religiosa e as diferentes culturas. Toda esta “incorporação” merece, entre outras, uma reflexão sobre o fundamento da Fé, sobre os processos de transmissão e interiorização da Palavra, sobre o Ecumenismo, o seu significado e sua vivência nas várias culturas.

97

Em África, somos muitas vezes tentados a circunscrever a este continente as dificuldades e críticas ao processo de missionação, mas este “anúncio” foi também repressivo e pouco dialogante em vários estágios, em vários outros pontos do planeta, acabando, progressivamente, por se “colar” à civilização ocidental europeia, tornando-se, na maioria dos casos, mais um aspecto do processo de colonização, aliado a toda uma imposição cultural hexógena, em que a espiritualidade dos povos foi assumida como inexistente ou “primitiva”.

A história da Igreja Católica em Moçambique percorreu uma longa caminhada de cerca de seis séculos aproximadamente. Porém, a Igreja como hoje a conhecemos, foi-se instalando em Moçambique, não há mais do que 100 anos. Só após a assinatura da Concordata e do Acordo

Missionário entre o governo português e a Santa Sé, a Igreja Católica passou a ter uma maior liberdade de acção e a constituir-se numa forma mais estabilizada e organizada. Em 1940 são constituídas as primeiras dioceses no país, ou seja, há 75 anos, dos quais, 40 já pós-independência nacional.

Esta “implantação mais formal da Igreja” em Moçambique assumiu também ela própria, digamos, diferentes tonalidades, conforme os institutos religiosos que surgiam no terreno. O diálogo com as populações, a ligação com as estruturas governamentais, os rituais seguidos nas celebrações, entre outras coisas, foram concretizadas de maneiras diferentes, embora tudo anunciasse o mesmo Evangelho. Nas Missões (cujo trabalho árduo é, em geral, de louvar) normalmente situadas no interior das províncias/distritos, muito afastadas dos centros urbanos e do poder político (neste caso, colonial), onde a maioria da população não era portuguesa, era natural um contacto mais próximo com as línguas nacionais, com as culturas locais e, de certo modo, uma maior atenção e interesse em compreender e integrar, no anúncio do Evangelho, ingredientes destas culturas. Nos centros urbanos, na maioria dos casos, o catolicismo constituiu uma importação directa do formato aplicado em Portugal e, em certos casos, equiparando-se hoje, por exemplo, às paróquias ou programas religiosos que existem em vários países, destinados a comunidades portuguesas ali radicadas. Talvez caiba aqui contar um pequeno episódio muito simples: nasci e cresci no seio numa paróquia que era dirigida por sacerdotes holandeses; passados alguns anos, uma segunda paróquia foi criada, dirigida por sacerdotes portugueses. Analisando hoje, à distância de algumas dezenas de anos, reconheço que a “forma de estar” destas duas paróquias era bastante diferente; recordo-me, por exemplo, de como foi muito estranho para mim e para muita gente, em

procissões e outros rituais organizados pela segunda paróquia, ver a introdução de estandartes vários, de fios de ouro e envelopes com dinheiro no andor da Nossa Senhora, de meninos vestidos de anjinhos, etc., aspectos comuns em Portugal mas estranhos para nós até àquela data, uma vez que os sacerdotes holandeses nos tinham acostumado a rituais sem estes “adornos”. Obviamente estas características talvez se resumam somente a questões de liturgia, mas acabavam por influenciar a expressão e vivência da Fé.

Em Moçambique, como possivelmente noutros espaços, o diálogo da Igreja com as populações locais, reduziu-se, em certas situações, a um monólogo e, noutras, a uma quase Torre da Babel, dada a imensa diversidade cultural então existente. A Igreja devia comunicar e realizar a sua missão junto à comunidade portuguesa (que já por si era bastante diversa em termos sócio-económicos), junto à comunidade mestiça ou “assimilada” (que integrava já imensamente, vertentes da cultura portuguesa, mas que mantinha, em simultâneo, traços alheios a ela), junto a várias comunidades étnicas nativas culturalmente muito diferentes entre si e junto a comunidades de influência árabe/islâmica, entre outras, o que, reconheça-se, não é nada linear! No decorrer deste processo, os vários grupos e extractos sócio-culturais foram apreendendo a Boa Nova a níveis e dimensões muito diferentes, como aliás, em qualquer sociedade, mas possivelmente, aqui, com distanciamentos mais significativos.

99

O Concílio Vaticano II, incontornável na nossa história de Igreja, foi sentido, a um nível mais profundo, somente em alguns círculos restritos; a um nível mais alargado, foi essencialmente vivido como um conjunto de alterações visíveis essencialmente no âmbito da liturgia, que se concretizavam através duma maior participação dos leigos e,

particularmente, das mulheres, que até já podiam fazer leituras nas celebrações eucarísticas! Este tempo foi também o de posicionamentos diferentes no interior da própria Igreja, uns defendendo um seu maior envolvimento político, em defesa dos direitos humanos das populações locais e, particularmente, abordando já a questão da independência nacional e outros continuando a defender que a Igreja “não se devia meter na política”! A pouco e pouco foi-se percebendo que a Igreja também estava atenta às situações sócio-políticas e que nem sempre se encontrava “colada” ao poder político, neste caso, ao poder colonial.

O processo de divulgação e vivência da letra e do espírito deste Concílio, ainda estava praticamente no início, quando Moçambique proclama a sua independência em 1975. A partir deste momento histórico, toda uma revolução se estabelece, mudando radicalmente a face e vida do país, processo a que a Igreja não fica isenta, acusada de ter sido a principal aliada do colonialismo, de ter sido portadora, em simultâneo, da “Bíblia e da espada”. As questões conciliares deixam de constituir prioridade, uma vez que era a própria sobrevivência da Igreja que estava em causa, com as populações portuguesas de regresso a Portugal, com um clero nacional praticamente inexistente, no meio duma corrente política nacionalista e formalmente marxista, com a grande parte da população local ainda completamente alheia ao cristianismo.

100

Nos primeiros tempos pós-independência, vive-se, em Moçambique uma agitação completa, com uma profunda participação popular que se vê a assumir o poder a vários níveis. Assim, também na Igreja, se verifica todo um movimento, inclusive a nível do próprio clero, no seio do qual, na minha opinião, também surgem tendências de “nacionalizar” a Igreja, de a reduzir a uma instituição de restrito carácter nacional, em que o sentido

“universal” aparecia difuso ou diluído, corrente a que a revolução marxista em curso não era alheia. Confiando na acção do Espírito, o discernimento foi-se fazendo presente, a Igreja foi-se encontrando e aprofundando a sua universalidade.

No meio de toda aquela agitação, com um clero muito reduzido, com restrições políticas à actuação da Igreja, com as religiões a serem apelidadas de “ópio do povo”, foi necessário imaginar e concretizar a Igreja doméstica, a criação duma nova organização dos crentes, uma forma diferente de levar a mensagem evangélica aos indivíduos e aos grupos que até à data tinham ficado fora do processo de evangelização. Foram tempos vividos com muita intensidade, em que a Igreja entrou, de facto, em diálogo consigo própria e com o povo em geral o que parece contraditório, dadas as restrições de actividade acima referidas; porém, por mais contraproducente que pareça, quer as limitações em termos de número de sacerdotes e de religiosas, por exemplo, quer as restrições impostas politicamente, catalisaram todo este movimento de diálogo, de formação e de aprofundamento das bases da nossa Fé.

101

Começava assim uma nova forma de “ser Igreja”, com uma grande intervenção popular, em que, por exemplo, o trabalho das mulheres foi e continua a ser primordial. Várias experiências de inculturação foram levadas a cabo, algumas melhor sucedidas que outras. A liturgia mudou completamente, foram integrados instrumentos musicais tradicionais, foram introduzidos rituais, danças e cantos muito mais próximos da personalidade dos vários grupos regionais, num esforço de adequar, cada vez mais, a expressão da Fé à vivência interior destes.

A linguagem simbólica está profundamente arreigada à cultura dos vários grupos étnicos e a expressão da fé das populações não seria

genuinamente vivida se não a integrasse. Assim, para que as celebrações sejam “sentidas no sangue”, elementos de festa, de partilha, de movimento, de cor, de aplausos, estão sempre presentes, com diversos significados que, vistos de fora, podem não ser imediatamente percebidos. Por exemplo, em geral, os momentos de ofertório na Missa são muito longos, pois os participantes vêem mais sentido se cada um for apresentar a sua oferta que, preferencialmente, deverá ser feita na forma de géneros. Estrangeiros há que se questionam sobre a razão de as pessoas terem o trabalho de trazer de casa um saco de arroz para o ofertório, quando podiam simplesmente doar o valor monetário correspondente. Porém, podemos aqui identificar a preocupação em personalizar a oferta tentando perceber o que faz realmente falta à Igreja naquele momento, em dar menos trabalho aos responsáveis poupando-lhes a viagem para irem comprar o referido produto e, pragmaticamente, em garantir que o valor monetário é de facto, aplicado na aquisição daquele género alimentício. Outro exemplo tem a ver com as posições definidas para cada momento da Missa: em muitas culturas, não se entende que se peça perdão de pé, sendo mais natural e de maior simbolismo, que se esteja de joelhos durante a Confissão e o Acto Penitencial; não se entende também que se ouça a mensagem “d’O Mais Velho” de pé, pelo que se adoptou a posição de sentado para se escutar, com atenção, o Evangelho.

102

Neste nosso mundo globalizado, não existe alternativa senão a de se estar aberto e atento às diferentes realidades culturais e socio-económicas, também no que diz respeito à vivência da espiritualidade, ao relacionamento com o divino, sublinhando os elementos de essência comuns, adaptando ao seu ADN cultural os rituais através dos quais os povos exprimem a sua Fé. Encontrar convergências é quase sempre um caminho árduo, de humildade e de coragem. É um caminho em que

certezas consolidadas, arrogâncias subtis, comodismos disfarçados são postos em causa. É também um caminho que uma vez iniciado, qual porta de Pandora, não pode ser fechado ou revertido, em que certas assunções levam a outras, mas, contudo, um caminho salutar e profundo, em que a verdade é Deus Amor, que nos faz EXISTIR n'Ele e uns com os outros.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- ALVARINHO, Ida. 2010. “*Novos Olhares sobre a Igreja: realidades Eclesiais em África*”. In Revista *Communio*.
- ALVES de Sousa J. A. E Correia F. A. 1998. *500 Anos de Evangelização em Moçambique*. Maputo: Ed. Paulina.
- BAUR J. 1994. *2000 Anos de Cristianismo em África*. Nairobi: Eds. Paulinas.
- GARCIA A. 1972. *História de Moçambique Cristão*. Vol. 2. Braga: Livraria Cruz.
- TEIXEIRA Francisco Nunes. 1993. *Igreja Católica em Moçambique: que Caminho?* Maputo: Eds. Paulistas.

# **A RELIGIÃO NÃO É PARA MULHERES**

104

**Frei Bento Domingues, O.P**





# A RELIGIÃO NÃO É PARA MULHERES <sup>30</sup>

**Frei Bento Domingues, O.P.**<sup>31</sup> (Lisboa)

1. Em 1946, depois de cuidada preparação, começava, em Palma de Maiorca, o conhecido movimento *Cursilhos de Cristandade*. Eduardo Bonnin Aguiló foi sempre reconhecido como o seu carismático fundador. Vi-o e ouvi-o apresentar-se apenas como “aprendiz de cristão”.

Em Portugal, realizou-se o primeiro cursilho, em Fátima, de 19.11 a 02.12, de 1960. Frequentei o terceiro realizado no Porto. Ainda conservo o meu *Guia de Peregrino*.

106

No princípio, este movimento destinava-se a proporcionar aos homens a descoberta, em *três dias*, de uma nova paisagem católica e operar uma viragem radical de comportamento pessoal, para alterar ambientes onde os participantes fossem considerados “vértebras da sociedade”.

Cada cursilho obedecia a uma selecção dos participantes, apenas de varões, apoiado em ficha secreta. Era moderadamente interclassista. O cenário do acolhimento, o cancionero espanholado, *de colores*, os gestos,

---

<sup>30</sup> Este texto resulta da fusão de outros que Frei Bento escreveu para o jornal “Público” e que ofereceu ao Graal para esta publicação.

<sup>31</sup> Frei Bento Domingues é Dominicano, actualmente vivendo no Convento de S. Domingos de Lisboa, dá apoio pastoral a muitos movimentos e acções, e aos domingos tem, há 23 anos, uma coluna amplamente lida, no jornal “Público” e duas séries de selecções dessas crónicas foram já publicadas em livros. É um dos mais conhecidos membros da Igreja, sobretudo pela sua plena e consciente aliança entre a fidelidade evangélica (em cursos de teologia em vários continentes, conferências, escritos, sermões e na vida) e a sua ousadia na indignação claramente expressa perante as situações de injustiça e de ofensa dos “humilhados e ofendidos”. Antes de 1974, isso mereceu-lhe a deportação para Roma, por iniciativa da hierarquia da Igreja Católica em Portugal. Lá, viveu alguns anos. Hoje, continua com a mesma energia e convicção aabençoar a vida, a denunciar injustiças sociais e na própria Igreja, em tudo sempre apelando ao Evangelho.

os *rollos* doutrinários, recheados de anedotas certeiras, destinavam-se a desconstruir o imaginário de uma religião beata e para beatas e fazer a passagem exaltante para o essencial de um catolicismo másculo, marcado pela euforia do sacrifício e do testemunho, sem preocupações de transformação social imediata. O grande e repetido enunciado de marca, com eficácia do melhor *marketing*, era este: *a religião católica não é para mulheres*.

Se os conteúdos dos cursilhos, os *rollos*, eram tradicionalistas, a sua inscrição num ritmo de emoções muito fortes criava um ambiente que não deixava lugar para dúvidas ou questionamentos. Estavam espantosamente bem concebidos do ponto de vista técnico e psicológico, com tudo previsto até ao último pormenor e uma rede informativa que não deixava ao acaso nenhuma reacção dos participantes.

Tratava-se de um acontecimento da graça do Espírito Santo do qual a organização e os intervenientes eram puros instrumentos, pincéis do divino artista, mas que Ele não dispensava nem era possível alterar.

107

Quando, no Domingo, pelas duas da manhã, muitos daqueles inebriados chegavam a casa, acordavam a família e punham-na a rezar de joelhos e a cantar, em espanhol, *de colores!* As mulheres que, anos a fio, com tanto esforço, tentaram levar os maridos à Missa, sem qualquer resultado, passavam a não entender donde vinha tanto fervor.

O pós-cursilho tentava reeditar o fervor emocional e delirante da noite da sua conclusão, a “mega-ultreia”.

Dizia-se que os cursilhos de senhoras nasceram para que pudessem entender a nova *religião dos maridos*.

Segundo me dizem, realizaram-se, entretanto, ajustamentos de acordo com as redescobertas eclesiológicas do Vaticano II.

Apesar de tudo, os *cursilhos* foram uma pedrada eficaz no charco do conformismo anti-religioso.

2. Sabemos que foi às mulheres, suas discípulas, que Jesus ressuscitado confiou a reevangelização dos Apóstolos. Cristo respondeu assim ao seguimento e à fidelidade inquebrantável de um grupo de mulheres que, ao contrário dos discípulos, nunca lhe pediu nada em troca.

Numa obra de grande e rigorosa erudição<sup>32</sup>, A. Cunha de Oliveira desmascara *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, retomando todo o *dossier* do absolutamente inverosímil casamento de Jesus com Maria Madalena e aborda, de forma minuciosa, o discipulado das mulheres, assim como os seus ministérios ordenados até ao séc. IV.

Jesus de Nazaré, celibatário, “apreciava a amizade, a companhia, o apoio, o serviço e até as provas de apreço e de gratidão que as mulheres lhe prestavam”. Quando, no Concílio de Niceia, se considerou a hipótese de impor o celibato aos diáconos, padres e bispos, foi Pafnúcio, o famoso bispo celibatário do Alto Egipto, quem dissuadiu os colegas de tomar tal decisão!

108

3. A bibliografia sobre a relação entre a Igreja Católica e o Estado Novo não pára de aumentar. A longa agonia da Acção Católica, a chegada de movimentos católicos, de índole internacional e a sua marca na configuração do catolicismo português, a partir dos anos 60, apresenta-se, pelo contrário, ainda pouco estudada. Parece-me urgente, no entanto, dar a conhecer às novas gerações o papel desenvolvido por um conjunto de mulheres, na segunda metade do séc. XX e no séc. XXI de um caminho, muito novo, em Portugal.

Estou a referir-me à reabilitação exemplar de um catolicismo feminista, sem complexos nem obsessões anti-masculinas.

---

<sup>32</sup> *Jesus de Nazaré e as Mulheres. A Propósito de Maria Madalena*. 2011. Angra do Heroísmo: Instituto açoriano de cultura.

É sempre como mulheres e homens que Deus os cria e recria, sem subordinações nem imposições recíprocas. São apenas admiravelmente diferentes e cooperantes. Substituindo o poder de dominar pelo gosto de servir a emancipação de todos os seres humanos, as mulheres retomam o testemunho do Evangelho da ressurreição do mundo.

Foi assim que conheci Maria Natália Duarte Silva Teotónio Pereira (1930-1971); Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004); Teresa Santa Clara (1936-1996); Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004); Ana Vicente (1943-2015); Maria de Jesus Barroso (1925-2015). Evoco apenas aquelas que já vivem na alegria de Deus e no cuidado da nossa Casa Comum.

4. Ao longo dos anos, foi-se desenvolvendo nestas crónicas a convicção do nosso atraso, como Igreja e como sociedade secular, em relação ao questionamento social e místico de Jesus Cristo: não vos conformeis com a situação actual do mundo! Ao ler o texto do Evangelho na Missa, em vez do ritual, “naquele tempo”, parece-me preferível um convite: *escutemos o que diz, hoje, Jesus aos seus discípulos...*

109

Pensava nisto, ao entrar numa casa de artigos religiosos sem qualquer beleza, acompanhados de livrinhos de piedade rançosa, quando deparei com um título inesperado naquele cenário: *As 23 Mulheres do Concílio. A presença feminina no Vaticano II.*

O papa Paulo VI anunciou oficialmente a presença de vinte e três mulheres, como auditoras, no Concílio Vaticano II. De Setembro de 1964 a Agosto de 65, foram chamadas, uma por uma: “dez religiosas e treze leigas, escolhidas segundo critérios de competência e de internacionalidade”.

Na previsão de muitos padres conciliares, a participação delas deveria revestir-se, sobretudo, de carácter simbólico. Essa presença depressa ultrapassou as barreiras previstas, acabando por deixar, nos próprios

documentos conciliares, sinais importantes detectados na investigação da historiadora e teóloga, Adriana Valerio. Ao apresentar as figuras e os meandros das intervenções destas madres conciliares que, pela primeira vez, tomaram parte, de forma eficaz, nos trabalhos de um Concílio ecuménico, mostra o longo caminho a percorrer para desempenharem na Igreja a missão que o Ressuscitado lhes confiou.

Na Aula conciliar, propriamente dita, nem sequer puderam agradecer terem sido convidadas. Ouviram do secretário do Concílio, P. Felice, a proibição paulina, *as mulheres estejam caladas nas assembleias* (1Cor 14, 34).

Ao verificarem a involução do Concílio, comprovada no Sínodo de 1971, não se conformaram e remaram contra a maré até ao limite das suas possibilidades, chegando a apresentar a sua demissão. Acabou por vencer, de forma autoritária, quem não dispunha de argumentos. Quem julga que está tudo definitivamente resolvido, talvez se engane. O passado do Evangelho é voz da promessa irrevogável. Vejamos.

110

**5.** No Novo Testamento (NT), a conhecida hostilidade ente vizinhos, judeus e samaritanos, é realçada para destacar a arte de Jesus na destruição dos preconceitos do seu próprio povo. Repreendeu os seus discípulos, com sede de vingança, pelo mau acolhimento na Samaria (Lc 9, 54-55). Mas não só. Depois de tudo o que já tinha sido dito sobre o ardente amor a Deus e ao próximo, surge a pergunta de quem gosta mais de conversar do que meter as mãos na massa - *mas quem é o meu próximo?* – Jesus arruma aquela petulância, escolhendo um samaritano, um herético e cismático, de quem não se podia esperar nada de bom, para tecer uma parábola de contrastes: Descia um homem de Jerusalém para Jericó e foi assaltado, despojado, espancado, ficando quase morto. Um sacerdote viu-o e passou adiante; veio um levita, viu-o e não parou. Um samaritano viu, encheu-se

de compaixão, desceu da sua montada, levou-o a uma estalagem para ser tratado, pagou todas as despesas e só depois foi à sua vida. Foi a vez de Jesus questionar o perguntador retórico: o nosso próximo é aquele cuja situação real nos interroga, nos move e nos comove (Lc 10, 29-37).

6. Para alguns intérpretes do NT, a presença das mulheres é tão irrelevante que poderia ser suprimida, sem se perder grande coisa: figuram, nos Evangelhos, como as 23 mulheres no Concílio Vaticano II -- puro adorno dispensável.

Seria possível suprimir o longo diálogo entre Jesus e a Samaritana (Jo 4,1-42), tema de fundo da Missa deste domingo, que mostra o nosso inveterado atraso eclesial, acima evocado?

Vale a pena percorrer a espantosa narrativa do encontro de um “judeu marginal”, Jesus, com uma samaritana pouco recomendável, junto a um poço, no pico do calor. A arte de S. João consiste em dar a impressão de que eles estão sempre a desconversar, saltando de assunto para assunto, sem linha de conversa e a entenderem-se cada vez mais profundamente. Foi Jesus quem quebrou a animosidade inicial, mas a samaritana acaba por se esquecer do que foi fazer ao poço, sentindo-se perfeitamente compreendida por aquele judeu que desloca a religião do Templo de Jerusalém e do monte Garisim, para o culto do Pai, *em espírito e verdade*. Pressente que está a nascer nela uma fonte de eternidade, uma outra religião, um futuro novo.

Os discípulos de Jesus, meio escandalizados com o cenário, não entendem, como de costume, o que se está a passar. Entretanto, a mulher partiu em missão: contou a sua experiência, não como protagonista, mas para levar os samaritanos a fazerem eles próprios o seu caminho.

Esta narrativa concentra todos os temas e percursos da verdadeira evangelização: a passagem da suspeita ao diálogo, do diálogo à mútua compreensão, da mútua compreensão à alteração da rivalidade religiosa, da

rivalidade das instituições religiosas a uma compreensão nova e universalizante da religião.

Porque teria Jesus, segundo as narrativas da Ressurreição, confiado a evangelização da própria Igreja às mulheres?

7. João Paulo II, ao marcar os limites inultrapassáveis do papel das mulheres na Igreja, deixou uma herança pesada ao Papa Francisco. Não se atreveu a enunciar qualquer dogma, mas tentou barrar *definitivamente* o acesso das mulheres aos ministérios ordenados, ao sacramento da Ordem. Nenhum católico está obrigado a receber os sacramentos todos. Mas as mulheres, mesmo que o desejem, mesmo que manifestem as maiores capacidades para serem chamadas a liderar uma comunidade cristã, o facto de serem mulheres constitui um impedimento radical. Pelo contrário, os homens, por serem homens, podem ser chamados à ordenação presbiteral ou episcopal mesmo sem grande talento. Não se trata de um direito, mas da possibilidade de vir a prestar um serviço estruturante, se para tanto forem convidados pelo respectivo Bispo.

112

Dir-se-á que assim é que está bem. Segundo a narrativa bíblica, na sua linguagem mítico-simbólica, Deus criou o ser humano: homem e mulher. Se é divina essa diferença, ela deve ter a sua significação. Concluir daí que as mulheres ficam impedidas de aceder à liderança das comunidades cristãs é ridículo.

Sustentam alguns que a Igreja não está autorizada a contrariar a vontade de Cristo. É ele que manda na Igreja e não o contrário. Enuncia-se algo que não pode ser mais acertado. Dizer, porém, que a negativa da hierarquia católica e ortodoxa cumpre a vontade de Deus é um salto muito atrevido e não conheço nenhum raciocínio teológico que o permita. As tradições das Igrejas nem sempre reproduzem um desígnio do seu fundador.

**8.** Urge reexaminar esta questão, pois está semeada de ambiguidades. Quando o movimento feminista católico denuncia esta situação, alguns concluem: as mulheres, ávidas de poder, estão a querer reproduzir, na Igreja, o que acontece na sociedade. Lutam, como os homens, por um lugar ao sol, por carreiras profissionais e por lideranças políticas. Para aptidões iguais, possibilidades iguais. No mundo laboral persiste a desigualdade salarial: para trabalho igual, as mulheres recebem menos e nunca poderão aceitar esta discriminação.

Como na Igreja se continua a pensar que ser padre ou bispo é uma posição superior à dos outros batizados, coroa de uma carreira eclesiástica, um caminho do poder, as mulheres, ao reivindicarem a possibilidade de aceder ao presbiterado e ao episcopado, estariam também elas a sonhar com a dominação das comunidades católicas. Mesmo que isso possa existir, só pode ter sentido numa eclesiologia piramidal, como a que vigorou antes do Vaticano II, e para quem continua ainda com os esquemas mentais e com os desejos derrotados nesse concílio.

113

A questão real é outra: na celebração do baptismo, confessamos que todos acedem à mesma condição de povo sacerdotal, real e profético. Todos são sacerdotes, reis e profetas. Todos são Igreja ao mesmo título e pela mesma razão.

As comunidades cristãs precisam de serviços organizados, hierarquizados, a que chamam ministérios ordenados, para garantir a todos a comunhão nos seus bens espirituais: a Palavra de Deus, a celebração dos sacramentos, a evangelização movida pela fé, pela esperança e pelo amor, que provoca a organização social da justiça.

**9.** Por que teria Jesus, segundo as narrativas da Ressurreição, confiado a evangelização da própria Igreja às mulheres, perguntamos.

Falamos sempre de *discípulos* de Jesus, alguns eram designados apóstolos. De uma forma explícita, nunca se fala de *discípulas*. Ora afinal Jesus também tinha discípulas.

Os apóstolos, perante o apelo de Jesus, largaram tudo e seguiram-no. O Mestre descobriu, depois, que tinha havido um grande equívoco registado, com toda a crueza, por S. Marcos e que os outros evangelistas procuraram atenuar. Esse Evangelho, desde o cap. 4 ao cap. 10, repete 8 vezes que eles nunca entenderam nem as palavras, nem os actos, nem os gestos do Mestre.

Jesus acabou por perceber qual a razão por que não o conseguiam entender: largaram tudo para o seguir porque julgavam que, quando ele conquistasse o poder, seriam recompensados com posições destacadas no governo. Tiago e João adiantaram-se para pedir postos cimeiros. Jesus convocou todos e disse-lhes: *entre vós quem quiser ser o primeiro seja o servo de todos*. Por uma razão simples: *Jesus veio para servir e não para ser servido*. É só pelo desejo e pela prática do serviço desinteressado que se pode ser seu discípulo.

114

Quando viram que Jesus era um rei crucificado, um perdido, abandonaram-no. Pelo contrário, as mulheres que o seguiram, por pura sedução, sem outra convocatória – as verdadeiras *discípulas* – nunca o abandonaram, nem na vida nem na morte. Quando os discípulos se afastaram, elas até no sepulcro o procuraram. Estavam habitadas pela memória do seu Mestre.

Foi a estas discípulas que Jesus manifestou que tinha vencido a morte e mandou-as evangelizar os discípulos. É o único prémio daquelas que nunca procuraram ganhar nada com o seguimento de Jesus: era só ele e a sua mensagem que as interessava. Foram compensadas e toda a Igreja por meio delas.



# OS LUGARES DAS MULHERES

**Pearl Drego**

116





## OS LUGARES DAS MULHERES

**Pearl Drego** (New Delhi - India)

\*Apesar de a primeira leitura da liturgia de hoje – a famosa passagem dos Dez Mandamentos, do livro do “Êxodo” – aparentemente não focar em directo as questões das mulheres (chamadas “questões de género”; ou em inglês: *gender issues*), compete-nos a nós descobrir a importância desses mandamentos relativamente à posição das mulheres na sociedade. Uma abordagem mais fina deixa ver que as regras dadas pelos Dez Mandamentos se aplicam à vida social, e que a sua moral é a de um respeito pelos outros e respeito pela fidelidade ao laço 118 matrimonial, evitando que se desfaça uma relação e que as mulheres, traumáticamente, vivam de relação em relação. O mandamento contra o adultério, lido em conjunção com os outros mandamentos, surge também como protecção das mulheres. Uma mulher não pode tornar-se presa fácil da atracção e da conquista dos desejos masculinos. A mulher é aí tratada como um ser humano, com direito à fidelidade no matrimónio, e não olhada como objecto de jogo ou de prazer a ser negociado.

Além disso, o texto dos Dez Mandamentos é inclusivo. Quando se fala dos filhos, também as filhas são especificamente referidas; quando se fala de servos-homens, fala-se igualmente de mulheres-servas.

Comentando esses Mandamentos no que à segurança das mulheres diz respeito, o bispo Geoffrey Robinson, da Austrália, afirma o seguinte: “ Acredito que, tal como “não matar” supõe “não ferir”, também “não cometer adultério” supõe ‘não magoar numa relação de amor, de sentido e felicidade para a vida de

alguém”, por exemplo, nas relações com pais ou filhos, com pessoas da família ou com amigos. Sugiro que o sexto mandamento diz respeito afinal a todas as relações humanas, porque todas se aproximam de uma relação matrimonial.”

A outra leitura deste dia, da primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios, Cap. 1, aplica-se às mulheres por elas serem muitas vezes vistas como não possuindo aquela sabedoria que os gregos procuravam, nem os sinais de liberdade que os judeus buscavam. Os atributos de loucas e fracas, referidos na epístola paulina, são de facto frequentemente aplicados às mulheres,

Por isso elas podem ser defendidas por esta leitura, ao concluirmos que, tal como a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, também a loucura feminina é mais sábia que a sabedoria patriarcal; e tal como a fraqueza de Deus é mais forte que a força humana, também a das mulheres é mais forte que a força patriarcal.

119

\*O Evangelho do Dia da Mulher de 2015 é de grande significado para as mulheres: Jesus varre do templo os comerciantes e põe termo à utilização indevida do espaço sagrado. Essa protecção é exactamente aquela de que as mulheres necessitam, a diferentes níveis das suas vidas

Tal como o templo era lugar de regras e regulamentos rigorosos, claramente opressores, também as mulheres são obrigadas a sucumbir a práticas sociais e religiosas degradantes e opressivas.

Do mesmo modo que o Templo da Santidade foi espaço de abuso, também os corpos das mulheres são lugares de abusos.

O templo era o lugar que aprovava as leis de poluição e impureza. E as mulheres são vítimas de atitudes religiosas e culturais que as contaminam e as tornam impuras. O processo de redenção do templo é também processo de redenção da camada feminina do Planeta. Através da morte e ressurreição do templo do seu corpo, a que a leitura faz referência, Jesus transforma o templo

tradicional e todo o seu significado.

Somos templos do Espírito Santo através da nossa participação na morte e ressurreição de Jesus. Pelo baptismo e partilha da eucaristia por todos, mulheres e homens, é dado um espaço e um lugar sagrado no coração do seu próprio ser.

Hoje, Dia da Mulher, guardamos em especial essa herança que as mulheres possuem pela santificação do Espírito. Além disso, pelo “Sim” de Maria, que é agora a Grande Mulher no Céu, temos também a garantia duma santidade, chamadas que somos a viver a nossa plena dimensão humana e divina, transformadas e transfiguradas pela graça. Maria é abençoada entre as mulheres, e por ela todas as mulheres são abençoadas.

A nossa posição quanto ao carácter sagrado das mulheres é assim inspirada pela história da revelação e da salvação. Isso foi sabiamente expresso nos ensinamentos da Igreja e nos documentos dos bispos na Índia, na Ásia e em todo o mundo.

120

A mulher é criatura de Deus, e todos os seres humanos foram criados iguais, sem diferença em qualidade, estatuto e dignidade. O Antigo Testamento tem exemplos brilhantes de mulheres que se destacam pela sua liderança e a sua fé.

No ministério de Jesus houve mulheres directamente envolvidas, mulheres de várias idades e situações, que souberam acolher os seus gestos, a sua cura e uma inclusão em várias etapas e a vários níveis da sua situação como mulheres. Por isso, neste Dia Internacional da Mulher, somos encorajadas a evocar e a celebrar a existência, a dignidade, os direitos e os contributos das mulheres, lembrando que não há que presumir que as mulheres estarão sempre lá, seja em que situação for: é que durante décadas e muitos séculos foram uma parte da Humanidade oprimida e privada da sua dignidade.

O Papa Francisco disse que “Cada uma e todas as pessoas são iguais e a sua liberdade e dignidade tem de ser reconhecida. Qualquer relação que discrimine ou

desrespeite a convicção fundamental de que “o outro é como eu” constitui um crime, e frequentemente um crime horrendo: “Declaramos” – continua o Papa – “em nome daqueles que apelam às nossas comunidades para agirem, que cada acto de privação das liberdades individuais com o propósito da exploração pessoal e comercial seja liminarmente rejeitada, sem excepção” (a 2 de Dezembro de 2014. Mensagem na cerimónia de assinatura da “Declaração Universal contra a Escravatura”, por parte de líderes de Comunidades Religiosas). No artº 274, diz Francisco: “Sem olhar a quaisquer aparências, cada pessoa é *imensamente sagrada e merecedora do nosso amor*”.

A cultura da indiferença mencionada pelo nosso Arcebispo Anil J. T. Couto, na sua Pastoral da Quaresma, convida-nos também a mudar de atitudes e a comprometermo-nos numa acção conjunta pela justiça para todos, em particular para as mulheres. Mais adiante, o Papa Francisco lembra ainda o seguinte: “Duplamente pobres são aquelas mulheres que sofrem situações de exclusão, 121 maus-tratos e violência, sobretudo por serem muitas vezes incapazes de defender os seus direitos. Mesmo assim, testemunhamos constantemente exemplos impressionantes de mulheres que vivem um heroísmo quotidiano, defendendo e protegendo as suas vulneráveis famílias.” (“Evangelii Gaudium”, Artº 212)

Neste dia, queria que lembrássemos e rezássemos pelas mulheres deste país que sofrem as consequências de serem activistas e de tomarem posições públicas a favor da justiça e da verdade dos factos.

Quando chegarem a casa, procurem na net ou na imprensa o que as mulheres (e também outros) têm feito. Há que ler e estudar os jornais, partilhar com os nossos amigos e familiares, e mesmo arquivar alguns desses artigos e histórias de sucesso no desenvolvimento de atitudes justas, apoiando mudanças concretas tanto interiores como sociais. Gostava de sugerir que cada família começasse a coleccionar exemplos de boas práticas de mulheres, para que no próximo ano

possamos realizar uma exposição sobre acções levadas a cabo pelas mulheres.

Ontem, na minha aula de formação de professoras em Delhi, as jovens contaram como os seus irmãos troçam delas neste Dia da Mulher: “Que pena não termos nascido mulheres!” Eu disse-lhes para explicarem aos irmãos a razão por que estamos, hoje em dia, a dar relevo aos direitos das mulheres, à sua dignidade e privilégios. Os rapazes também precisam ser educados de modo a conhecerem o passado de sofrimento e de subjugação das mulheres, bem como a actual hostilidade, chegando ao ponto da violência contra elas. Homens e mulheres, raparigas e rapazes, precisam envolver-se de alma inteira para mudarem esta situação.

Neste espírito, escrevi um texto, especialmente dirigido à nossa comunidade aqui hoje, para que guardemos a beleza, a dignidade e o poder das mulheres diante de nós, no dia-a-dia das nossas vidas e nos tempos que aí vêm:

122

Quem é a mulher? uma criação divina  
Como é a sua natureza ? saturada de graça  
Com o que se parece a mulher? com a bondade e a inteireza  
Que destino é o seu? seguir Jesus e continuar a obra divina pela palavra e pela vida

O espírito da mulher é sublime: um dom de Deus  
A sua alma é divina: chega às estrelas  
O corpo feminino é sagrado: merece o nosso respeito  
O seu trabalho é santo: que o possa realizar em paz  
O seu gesto de afecto alimenta: aceitemo-lo com alegria  
As palavras da mulher são belas: há que ouvi-las atentamente

O cuidado feminino conforta e acalma  
O seu contributo é sacerdotal: abençoado do Alto  
O alimento é vital para a mulher: há que alimentá-la bem  
Os milagres femininos são magníficos: acreditai e rejubilai  
São como diamantes as lágrimas das mulheres: guardai-as com carinho  
A zanga das mulheres é criativa: procurai a razão dela

O suor das mulheres é para a sobrevivência: entendei e cooperai

Os abraços das mulheres dão bem-estar: alegrai-vos ao acolhê-los  
A compaixão das mulheres é eficaz: cheia de misericórdia  
A solidão das mulheres é real: cuidai da sua inclusão  
As mulheres são exímias na cozinha: apreciái a sua comida  
A sua dança é esplêndida: segui os seus passos

O tempo livre das mulheres é precioso: contribuí para que se divirtam mais  
O seu dinheiro é cheio de bondade: fazei que se multiplique  
As necessidades femininas são essenciais: ajudai-a a preenchê-las  
Os seus problemas são graves: colaborai na sua resolução  
O amor das mulheres brilha qual arco-íris: deixai-vos aquecer e partilhar desse brilho  
O pensamento feminino é flexível: reconhecei a força da sua mente  
A gentileza das mulheres é enorme: observai-a para com ela aprenderdes  
A sua beleza é única: admirai o seu carácter  
As suas falas são fecundas: dai a conhecer o seu bom-senso  
A alegria feminina é contagiosa: sorri e ecoai essa alegria  
A carga das mulheres é pesada: ajudai-as a carregá-la  
Os seus sonhos são dinâmicos: que eles se tornem realidade

O conselho das mulheres é admirável: fundado na experiência  
As mulheres têm falhas e negligências: perdoai-as e esquecei  
As suas feridas podem ser dolorosas: rezai para que saem  
A sua escrita é valiosa: dai-lhe atenção  
As mulheres dão ordens importantes: obedecei-lhes com gosto  
As suas esperanças dão sustento: dai-lhes apoio

A maternidade é salvífica: um privilégio para todos  
Das mulheres a privacidade é limitada: há que dar-lhe mais espaço  
A sua esperança de vida é longa: expandi-a mais ainda  
Os gritos das mulheres ainda se fazem ouvir: correi a defendê-las  
A casa das mulheres irradia segurança: ajudai-as a manter tal segurança  
Os seus direitos dão-lhe dignidade: ajudai-as a mantê-los  
A sua coragem é contagiosa: aprendei com a sua coragem  
A legislação feita por mulheres é poderosa: elegeri mais mulheres  
Quando cantam, as mulheres são expressivas: assimilai os seus temas  
O seu serviço é genuíno: possamos todas fazer florir esse impulso  
O seu sucesso é imenso: recompensemo-lo em abundância  
A firmeza das mulheres transborda ternura: aprendamos a sua força

A sua paciência é transbordante: que em nós ressoe em profundidade  
A sua política é corajosa: assumamos a mesma bandeira  
O calor feminino dá energia: confiemos no seu olhar

A construção feminina da paz é fonte de vida: apoiemos o seu esforço  
As mulheres sabem como rezar: Deus escuta-as sem demora  
A sua caridade é singular: dirige-se ao coração.

Que Deus abençoe todas as mulheres da Terra,  
e nos abençoe a nós também.



# **ECO-JUSTIÇA E CUIDADO EM VERDE E VIOLETA**

126

**Lucia Ramón Cardonell**





# ECO-JUSTIÇA E CUIDADO EM VERDE E VIOLETA

**Lucia Ramón Cardonell**<sup>33</sup> (Valencia, Espanha)

---

<sup>33</sup> **Lucia Ramón Cardonell** é docente de Filosofia em Valência, Espanha, e dá aulas de teologia no seminário dos jesuítas na mesma cidade. Tem várias obras publicadas, de entre as quais destaco *El pan y las rosas* (2011) - título que evoca o *slogan* da luta de mulheres operárias norte-americanas, em 1912: “Queremos o pão e as rosas” – e que trata a emancipação das mulheres, a ligação dela com o cristianismo. É professora na Faculdade de Teologia de Valência, na Cátedra das Três Religiões, da Universidade pública dessa cidade, e também em EFETA (Escuela Feminista de Teología de Andalucía) vinculada à Universidade de Sevilha. As áreas de investigação são: Ecumenismo, Diálogo Interreligioso, História e Prática de Teologia Feminista.





**O ESPÍRITO SOPRA  
ONDE [ELA] QUER**

131

**Lorna Bowman**

**Falta fotografia**



# O ESPÍRITO SOPRA ONDE [ELA] QUER

**Lorna Bowman**<sup>34</sup> (Toronto)

*Já não judeu nem grego, nem escravo nem homem livre, nem homem nem mulher; todos vós sois um em Jesus Cristo*

- “Epístola de S. Paulo aos Gálatas” 3:29 -

## Contexto eclesial e histórico

Os documentos do Concílio Vaticano II foram internacionalmente acolhidos com grande entusiasmo. No Ocidente, o laicado, e *as mulheres em particular*, viram-se perante novas possibilidades para as suas responsabilidades na Igreja católica. A constituição *Lumen Gentium* (1964) enfatizou “a unidade básica e a natureza social da Igreja, na qual existe uma igualdade essencial entre todos os crentes” (Provost: 1985, 117):

O Povo escolhido por Deus é um: um só Deus, uma só fé, um só baptismo” (Ef 4,5); há uma dignidade comum a todos os membros, que resulta do seu renascimento em Cristo, uma graça comum enquanto filhos [e filhas], uma comum vocação à perfeição, uma salvação, uma esperança, uma caridade sem divisões. Em Cristo e na Igreja não existe, pois, condição social nem diferença de sexo, porque “não há nem judeu nem grego; nem escravo nem homem livre; nem homem nem mulher. Porque todos vós sois UM em Cristo Jesus” (Gal 3:28; cf. Col 3:11).

---

<sup>34</sup> **Lorna Bowman** é membro do Graal no Canadá. Doutorou-se em Teologia e é Professora da Universidade Católica de ??, no seu país, e deu aulas . Nas suas publicações, tem trabalhado áreas como...

As palavras de Paulo dirigidas aos Gálatas (*circa* 53 AD) reflectem a vida da Igreja primitiva, incluindo os papéis desempenhados na sociedade e na Igreja por mulheres como Priscila. As mulheres tinham posições como apóstolas e discípulas, missionárias e evangelistas; eram prégadoras, pastoras, profetas, mecenas. As suas funções eclesiais enquanto diaconisas, sacerdotes e bispas, do primeiro ao décimo terceiro século, estão bem documentadas (Torjesen: 1995, 3)

Jesus pôs em questão as convenções sociais do seu tempo. Dirigiu-se às mulheres como iguais, tratou as crianças com respeito e dignidade, acolheu os pobres e os marginalizados, comeu e misturou-se socialmente com todas as classes sociais, homens e mulheres, e [...] atacou os laços sociais que davam estabilidade à família patriarcal (*ibid.* 4).

Era esta a boa notícia partilhada entre as pessoas no Caminho (Ac 9, 2); e as mulheres agiram de acordo com essa notícia. Nos séculos que se seguiram, a Igreja católica tornou-se cada vez mais patriarcal. Com a Reforma protestante as opções das mulheres ficaram limitadas às de uma maternidade natural. As autoridades protestantes definiram os papéis de cada sexo de um modo que negava aos católicos o direito a escolherem os votos de uma vida religiosa. Foram as religiosas mulheres que foram especialmente afectadas.

No mundo emigrante anglo-português, desde 1600, houve grupos que emigraram para a América do Norte, à procura de liberdade religiosa. A igreja local era o centro de cada nova comunidade e a Bíblia em vernáculo central nas suas vidas. A meio do século XIX as mulheres começaram a lutar pelo direito ao voto. No final do século muitas das mulheres de língua inglesa não encontravam nas Escrituras qualquer fundamento para as restrições religiosas e culturais que lhes eram impostas. Puseram então em questão aspectos das normas de vida convencionais, argumentando com a utilização de uma linguagem sexuada que as excluía

de qualquer liderança política ou religiosa. Para quem era súbdito da Coroa Inglesa, essa prática é estipulada num “Acto Parlamentar” de 1850, onde era decretado que, daí em diante, “ele” [he] indicaria igual e legalmente “ela” [she], rompendo assim com a prática anterior. Escritos do séc. XVIII usavam uma linguagem sexualmente marcada. Por exemplo, Elizabeth Gaskell escreveu: “[...] a mulher-carreiro trouxe duas cartas a casa” (1853; 2007: 227).

O uso internacional da Bíblia traduzida pelo Rei Jaime [King James], datada de 1604 (a primeira tradução *standard* em inglês), levou a más interpretações dos textos, por o género masculino ser usado em todos os casos em referência a homens, mulheres e a Deus. Há historiadores que notaram a importância que teve a linguagem: foi “na linguagem e substância da religião que o século XIX ponderou sobre o significado da sua experiência individual e pública” (Cremin: 1980, 7).

135

Deste modo, a linguagem sexuada que dava prevalência ao género gramatical masculino tornou-se em inglês a norma para a referência tanto a homens como a mulheres. O uso singular do nome “homem”, de modo a que incluísse “as mulheres” teve como resultado o facto de a experiência humana masculina se ter tornado normativa. E mais: o uso alargado da tradução do Rei Jaime I reforçou esta perspectiva, provocando uma distorção teológica e sociológica.

As mulheres começaram então a pôr em causa a norma de ser o homem a cabeça da família, e de a obediência e silêncio femininos serem requisitos para o casamento e para a igreja.

Elizabeth Cady Stanton (1898) discutiu directamente a matéria em *Women’s Bible* [“A Bíblia das Mulheres”]: “uma das primeiras tentativas de mulheres para avaliarem o legado judeo-cristão e seu impacto sobre as

mulheres ao longo da História”. E conclui que “a Bíblia, nos seus ensinamentos, diminui o ser da mulher, do “Genesis” ao “Apocalipse”.

### **São pessoas, as mulheres?**

Hoje esta pergunta pode parecer estranha, no entanto poder-se-á argumentar que, na Igreja Católica Romana, ainda falta que as mulheres possam experimentar a visão expressa na “Carta aos Gálatas” ou na *Lumen Gentium*. Para as mulheres canadianas, o reconhecimento da plena personalidade civil das mulheres data de uma luta que começou em 1800, na Grã-Bretanha, e que culminou, no Canadá, no *Persons Case*<sup>35</sup>, em 1929.

Este texto fala da luta das mulheres canadianas pela igualdade entre os sexos. O foco são cinco mulheres protestantes, membros do movimento do evangelho social, e a sua busca de reconhecimento como pessoas de pleno direito perante a lei. Diz respeito à expectativa das mulheres canadianas de uma igualdade com os homens em todos os aspectos das suas vidas: valor que consideram ser o de todas as mulheres.

136

### **As mulheres na história do Canadá**

O direito das mulheres ao voto foi uma luta de sufragistas tanto em cada província como a nível federal. Em 1918 cidadãs de linhagem europeia com 21 anos ou mais velhas receberam o direito ao voto nas eleições federais do Canadá, quer tivessem ou não a concessão da sua província. As sufragistas eram parte de um movimento de organização das mulheres mais vasto, no final de 1800 e inícios de 1900. À volta de 1912, uma em oito canadianas terá pertencido a um grupo de mulheres. A sua

---

<sup>35</sup> O “*Persons Case*” é um famoso caso constitucional canadiano que decidia se as mulheres eram pessoas de pleno direito, e assim elegíveis para assento no Senado do país.

preocupação era a mudança nas condições sociais devido à revolução industrial, à imigração, e à sua própria falta de protecção legal. As líderes eram na sua maioria da classe-média, de língua inglesa, educadas, casadas e protestantes.

A partir de 1890 e até 1930, os protestantes canadianos aplicavam os valores evangélicos aos males da sociedade. Os pastores, no movimento do evangelho social davam pouca atenção ao sufrágio das mulheres, mesmo se trabalhavam em favor de reformas sociais. As mulheres eram mais afectadas pelo abuso de álcool maridos, pela apropriação dos salários e da propriedade das mulheres , e pela violência doméstica.

As mulheres procuravam a concessão do direito ao voto por duas razões – como expressão do seu papel materno único e como matéria de justiça natural. O direito ao voto era necessário para conseguirem a reforma social que era preciso fazer nas estruturas de uma sociedade que privilegiava os homens. Sem isso, elas não tinham poder e eram frequentemente impedidas do acesso à vida pública.

137

As sufragistas eram apercebidas como subversivas:

Quando [...] faziam campanha para receberem direito ao voto em 1900, as suas reuniões para o sufrágio eram muitas vezes interrompidas pelos seus opositores. Muitas mulheres foram proibidas pelos maridos ou pelos pais de ir a tais reuniões; outras, simplesmente não tinham confiança para irem, devido à forte e caótica oposição com que se iriam confrontar.

*Pink Teas* (os chás cor-de-rosa) foram criados como formas de as mulheres se juntarem e poderem discutir matérias de interesse, incluindo o seu sufrágio. Só mulheres eram convidadas, e fazia-se decorações pirosas com muitas toalhinhas cor-de-rosa nas mesas de chá. Só a organizadora dos *Pink Teas* sabia se poderia haver uma discussão formal sobre estratégias para chegar ao voto, ou se apenas uma alegre conversa, para o caso de a organizadora poder mudar de assunto, caso inesperadamente chegasse a oposição! (Famous Five Foundation: 2010)

## *As Cinco Famosas [The Famous Five]*

As mulheres responsáveis no Canadá pelo *Persons Case* foram: Emily Murphy, Henrietta Muir Edwards, Louise McKinney, Irene Parlby and Nellie McClung. Chamadas, em 1920, pelos jornais britânicos (Benoit: 2000) as “Famosas Cinco”, elas eram migrantes adultas que tinham vindo para Alberta, no Ocidente do Canadá, a última fronteira a ser povoada. O duro clima de inverno, com temperaturas de -50° Celsius, casas primitivas e isolamento, tornou a vida particularmente difícil para as mulheres e crianças mais pobres que viviam em áreas rurais.

Cada uma das *Famous Five* casou bem, teve uma boa educação, e era líder comprometida nas reformas sociais. De entre as primeiras mulheres no Império Britânico a ocuparem cargos públicos, realizaram coisas que reflectem o activismo protestante do movimento do evangelho social.

Emily G. Murphy (1868-1933), a iniciadora do *Persons Case*, foi escritora e jornalista, sufragista e a primeira mulher magistrada no Império Britânico. Foi, no Canadá: pioneira dos direitos das mulheres, presidente nacional do Clube de Imprensa Feminino, vice-presidente do Conselho Nacional de Mulheres e a primeira presidente dos Institutos Federados de Mulheres.

Henrietta Muir Edwards (1849-1933), jornalista, sufragista e organizadora a nível das bases sociais (as *grassroots*), lutou por direitos iguais para as mulheres casadas, licenças para as mães, e direitos das mulheres. Em 1875, começou a Associação de Jovens Trabalhadoras, em Montreal, e foi precursora do YWCA. Em 1893, fundava e organizava já o Conselho Nacional de Mulheres do Canadá, tornando-se “*Convenor*” para a criação de legislação até à morte, sessenta anos mais tarde. Depois de migrar para Alberta, publicou um manual do governo federal sobre o

estatuto legal das mulheres canadianas, e um texto, na sua província, sobre as leis que em Alberta afectavam mulheres e crianças. Com 80 anos, Edwards estava à cabeça das assinaturas no *Persons Case*.

Louise McKinney (1868 -1931) foi defensora de sobriedade, sufragista, organizadora na União de Sobriedade de Mulheres Cristãs (WCTU), e política. Foi presidente da WCTU nacional, e eleita para a legislatura de Alberta, em 1917: a 1ª mulher com este posto no Império Britânico. Em 1917, ganhou a proposta para o 1º *Dower Act* (Estatuto) de Alberta, criando direitos de sobrevivência para viúvas e lançando as bases para uma Lei da Família no país. [...] O trabalho destas mulheres reuniu três grandes denominações protestantes, comprometidas com o evangelho social. [...]

Irene Parlby (1878-1965), sufragista e política, defendeu a existência de uma associação independente de mulheres agricultoras, em 1916. Foi eleita primeira presidente da Associação das Mulheres Agricultoras Unidas. Em 1920, foi nomeada governadora [reitora] da Universidade de Alberta. Tornou-se membro da Legislatura em Alberta em 1921, sendo assim a segunda mulher membro do governo no Império Britânico.

Ao tempo do *Persons Case*, era membro do Parlamento local. Em 1931, foi nomeada primeira vice-presidente do WCTU mundial.

Nellie L. McClung (1873-1951), jornalista, sufragista, trabalhava em organizações para a sobriedade, foi romancista. In 1918 defendeu a ordenação de mulheres na Igreja Metodista, e tornou-se membro da legislatura de Alberta em 1921. Foi a primeira mulher directora do Conselho de governadores da Corporação de *broadcasting* e delegada do Canadá à Liga das Nações, em 1930.

Foram mulheres, estas cinco, que mudaram as estruturas sociais do seu tempo, e que conseguiram melhorar a sociedade para todos, especialmente para as mulheres e as crianças. O espírito do tempo (Zeitgeist) era modelado pelo evangelho, por isso as Famosas Cinco viram nisso uma oportunidade para lançar reformas sociais.

### ***The Persons Case***

The *Persons Case*, formalmente *Edwards versus o Procurador Geral do Canadá*, é conhecido na lei constitucional canadiana. Murphy era a líder, mas as cinco mulheres puseram em conjunto a sua qualidade de peritas, o seu compromisso e credibilidade e as redes sociais necessárias ao processo. O ímpeto vem da vida profissional de Murphy.

Em 1916, respondendo ao requisito do Conselho Local de Mulheres de Edmonton, o Procurador Geral de Alberta nomeou Murphy “Magistrada de Polícia para a *Província de Alberta*, e [...] *Comissária para a lei de protecção de crianças*”, com particular responsabilidade pelas mulheres (Citado em Sharpe & McMahon: 2009, 20-21).

140

No seu primeiro dia no tribunal, a sua capacidade de agir como juíza foi posto à prova pelo conselho de defesa, com o fundamento de que as mulheres são pessoas, como está definido na Constituição. Ela fez um ponto de ordem, pediu desculpa pela interrupção, e prosseguiu. Ele baseava o seu argumento numa decisão obsoleta de 1876, britânica, que nunca tinha sido retirada. A Lei Comum declarava que “As mulheres são pessoas em matéria de dor e de castigo, mas não o são em questões de direitos e de privilégios” (McClung: 1845, 186, *apud* Benoit: 2000).

Apesar de a lei ser retirada pelo Supremo Tribunal de Alberta, a semente do descontentamento de Murphy estava semeado. Ela começou a conscientizar outros a respeito dessa eliminação de mulheres da

responsabilidade pública. A Secção 24 da Lei Britânica e Norte Americana de 1867 (BNA) [a Constituição] afirmava que apenas pessoas “qualificadas” poderiam ser nomeadas para o Senado federal.

Em 1919, Murphy foi eleita primeira presidente dos Institutos Federais de Mulheres do Canadá. Ela deu força a uma resolução que permitia a nomeação de mulheres para o Senado. Adoptada e levada ao Ministro Federal da Justiça, no mesmo ano em que o Clube de Mulheres de Montreal apontou o seu nome como nomeada. O apoio dado a Murphy cresceu como cogumelos no Canadá. Mais de 10.000 cidadãs assinaram petições e escreveram cartas de apoio. Mas quando no Senado de Alberta vagou um lugar, o Primeiro-Ministro Borden respondeu que a Constituição não permitia nomear uma mulher. Os quatro governos federais seguintes, entre 1920 e 1927 expressaram apoio para tal nomeação; dois deles prometeram mudar a lei. Mas os sucessores no cargo recusaram fazê-lo.

Entretanto, um dos irmãos de Murphy trouxe a Secção 60 do Supremo Tribunal à sua atenção: é que ela permitia uma acção conjunta de cinco pessoas, para solicitar uma interpretação de qualquer das partes da Lei em causa, do BNA. Murphy escolheu Henrietta Muir Edwards, Nellie McClung, Louise McKinney e Irene Parlby como co-apelantes.

141

Em 1927, as cinco mulheres encontraram-se na casa de Murphy para assinarem a petição ao Primeiro-Ministro do governo, MacKenzie King. Murphy escolheu cuidadosamente as suas palavras, colocando as questões de modo positivo. Conotado como de importância pública pelo Ministro Federal da Justiça. A petição foi enviada ao Supremo Tribunal. Era elegível para financiamento pelo governo federal; o dinheiro tinha sido direccionado para assegurar parecer legal. Murphy escolheu Newton Wesley Rowell para arguir o caso.

McClung, Edwards, e ela própria tinham estado com ele na Conferência de Guerra das Mulheres, em Otava, em 1917. Rowell estava comprometido com a proibição, discutiu questões urbanas e os direitos das mulheres na comunidade de juristas de Toronto, na Igreja Metodista e na legislatura da província de Otava. Os seus valores e preocupações eram consonantes com os das apelantes. E para consternação de Murphy, o Supremo Tribunal ignorou as questões tão cuidadosamente formuladas e perguntou: “Será que a palavra “pessoas [*Persons*’], na secção 24 da Lei britânica e norte-americana [*British North America Act*], de 1867, inclui “pessoas do sexo feminino”? ([1928] S.C. R. 276).

O Supremo Tribunal reuniu a 14 de Março de 1928. Duas das províncias submeteram as suas opiniões. O governo de Alberta apoiou a petição e a nomeação de senadoras-mulheres; Parlby, uma das apelantes, tomou assento na Legislatura de Alberta. Quebeque, que é uma provincial predominantemente católica, opôs-se à nomeação de mulheres para o Senado, por isso levantar a questão da recusa do Quebeque quanto ao sufrágio das mulheres. As mulheres não receberam a concessão da provincial até 1940; o movimento sufragista, activo desde 1907, teve uma forte oposição por parte da Igreja Católica. A Secção 73 da Lei do BNA estipulava que “As qualificações dos Vereadores Legislativos do Quebeque deverão ser os mesmos que as dos seus Senadores” (Citado em: Sharpe et al. : 119). Deste modo, as mulheres do Quebeque não eram ilegíveis para um cargo no Senado.

O Acórdão do Supremo Tribunal, de Rowell, tinha 2 páginas e meia com um Apêndice de 33. O foco era o uso da palavra “pessoas” na Lei do BNA, a interpretação do adjectivo “qualificado” e a sua inclusão das mulheres noutras secções da Lei, em “Domínios das Eleições no Canadá”. O texto referia-se à Lei de 1850 sobre interpretação, o qual dispunha que

“em todas as leis as palavras referidas ao sexo masculino deverão ser consideradas e tomadas como inclusivas das mulheres [...], a não ser que o contrário [...] seja expressamente indicado (Reino Unido), 13 Vict.c.21,IV)”.

O autor do texto era um reformador e apoiante da igualdade de direitos para as mulheres, tendo a sua intenção sido a de assegurar que as mulheres fossem incluídas nos termos “homem” e “ele”.

O Procurador Geral do Canadá contradisse o acórdão de Rowell com outro, de 24 páginas e um apêndice de mais de 65, onde argumentava que na Lei do BNA o significado da palavra “pessoas” deveria ser interpretada do mesmo modo que o tinha já sido pela “Confederação de Pais” [*Confederation of Fathers*], e posta em prática pelo Parlamento Imperial em 1867.

A 24 de Abril de 1928, o Supremo Tribunal rejeitou a petição por unanimidade, com o argumento de que a Lei BNA teria de ser interpretada à luz dos tempos em que fora escrita. A decisão tomava em conta que no texto da Lei só eram usados nomes e pronomes masculinos, e que a palavra “pessoas”, na Secção 24, se restringia a pessoas do sexo masculino.

Murphy teve outro encontro com as suas co-apelantes. Decidiram apelar da decisão ao *Privy Council* de Inglaterra. Dentro do prazo de um ano, Rowell foi para lá preparar o terreno. O Comité Judicial ouviu o *Persons Case* em Julho. Em Outubro de 1929, fez sair a sua decisão. O “Lord Chancellor”, revertendo a decisão do Supremo Tribunal do Canadá, declarou: “Vossas Senhorias são de opinião de que a palavra “pessoas”, na secção 24 inclui *de facto* as mulheres, e que estas são elegíveis para serem votadas e se tornarem membros do Senado do Canadá” ([1930], A.C. 124). E o texto continua:

A exclusão das mulheres de cargos públicos é vestígio de dias mais bárbaros que os nossos. [...] a palavra “pessoas” pode incluir membros de ambos os sexos; e àqueles que perguntam por que razão o termo deverá incluir mulheres, a única resposta é: e por que não? Nestas circunstâncias, a carga fica sobre aqueles que negam que a palavra incluía mulheres, para se fixarem no seu argumento [...] a palavra [pessoas] é ambígua e no seu significado original sem dúvida que abarcaria pessoas de qualquer dos sexos. [...] O facto de nenhuma mulher ter ainda servido num cargo público nem ter reclamado fazê-lo não tem grande peso, se pensarmos que o costume terá agido de modo a impedir que essa reclamação fosse feita, ou que a questão fosse debatida. Os hábitos são capazes de desenvolver-se em tradições que são mais fortes que a própria lei, e que permanecem intocadas por muito tempo depois de a sua razão de ser ter desaparecido. [...] Além disso e acima de tudo, Vossas Senhorias não pensam que haja razão para aplicar rigidamente ao Canadá de hoje as decisões e os raciocínios que eles recomendaram, provavelmente com razão, àqueles que tinham de aplicar a lei em diferentes circunstâncias. Referindo assim o juízo do Procurador da Justiça e aqueles que com ele concordaram, Vossas Senhorias pensam que o apelo à Lei Romana e a decisões antigas inglesas não é em si mesmo um fundamento seguro no qual assentar a interpretação da Lei Britânica Norte-americana 1867 ([1930], A.C. 124).

144

E, concluindo, disse: “A Lei britânica norte-americana ‘plantou no Canadá uma árvore viva’, capaz de crescimento e de expansão dentro dos seus limites naturais.”

As mulheres na Grã-Bretanha e no Canadá ficaram entusiasmadas. A decisão apareceu nas manchetes dos jornais. A página de rosto do *Calgary Herald* trazia esta frase: “Cinco Mulheres de Alberta ganharam a sua petição no Senado” (Reprod. em Millar: 1999, 58). Isabella Scott de Montreal escreveu a Nellie McClung o seguinte:

Estou excitada esta noite que nem sei se sou capaz de escrever uma carta decente. Ah! a alegria de ser uma “pessoa”, “uma pessoa qualificada” [...], pensa lá. Nada tão importante e de tanto alcance aconteceu desde aquela convenção no século VI, onde foi decidido que as mulheres tinham almas. Entendo que se tratava de uma

questão cristã [...] Vocês com certeza se cobrirão de glória, e os vossos nomes hão-de percorrer a história do Canadá como as libertadoras do vosso sexo. (*Ibid.*, 59)

### **Implicações do *Persons Case***

Para o Canadá, o “Privy Council” propôs uma abordagem inteiramente nova da interpretação constitucional, estabelecendo o princípio da sua evolução que continua a ser um ponto-chave da lei constitucional canadiana. Tal como “a doutrina da árvore viva”, a Constituição é vista como orgânica, podendo ser lida de uma forma adaptada às mudanças dos tempos.

Murphy nunca foi nomeada para o Senado, mas quatro meses mais tarde, Cairine Reay Wilson foi a primeira Senadora no Canadá. A 18 de Outubro de 2000, foi inaugurada na capital do Canadá, Otava, na Colina do Parlamento [*Parliament Hill*], uma estátua de bronze, maior que o tamanho natural, das *Cinco Famosas* a tomarem *Chá* e a debaterem o tema “As mulheres são pessoas”, retirado da *Ottawa Journal* em 1929. Fica visível para todos os gabinetes das actuais Senadoras e Senadores. Além da Rainha Victória e Isabel II, as *Famous Five* são as únicas mulheres a serem homenageadas deste modo em *Parliament Hill*.

A primeira *Carta de Direitos do Canadá* foi aprovada em 1960. Incluía os direitos humanos fundamentais, inclusive a concessão federal para aborígenes que quisessem manter o seu tratado de direitos. Não se aplicava à lei da província. Só com o repatriamento da *Constituição* de 1982 da Grã-Bretanha, e a aprovação da “Carta de Direitos e Liberdades do Canadá”, é que os direitos de todas as pessoas residentes no Canadá deixaram de ficar à mercê das políticas provinciais e federais.

Até hoje, o Quebec não assinou a Constituição de 1982.

Durante o tempo que levou à adopção da Carta Canadiana, em 1982, as feministas canadianas assumiram a tarefa de assegurar que a Constituição e a Carta garantiriam os direitos das mulheres. Um grupo *ad hoc* de 1300 mulheres teve um encontro em 1981, dada a resistência governamental a dos direitos das mulheres. A sua acção foi chave para a adenda à Secção 28 à Carta e reforçou as exigências das mulheres quanto à igualdade entre os sexos, afirmando o seguinte: “não obstante a nada nesta Carta, os direitos e liberdades que nela são referidos são igualmente garantidos a pessoas do sexo masculino e feminino” (LEAF). Como passo final numa estratégia focada na Carta de Direitos e Liberdades, em 1985, a educação legalizada das mulheres e o fundo para a acção (*Women’s Legal Education and Action Fund* (LEAF) foi declarado por mulheres e homens o a disposição de igualdade entre os sexos no Canadá. E esse trabalho prossegue.

146

### **O *Zeitgeist* [espírito do tempo] contemporâneo**

Num país como o Canadá, cuja Constituição e Lei Civil são enformadas por valores evangélicos, as mulheres católicas estão hoje em pouca sintonia com os documentos eclesiais que usam exclusivamente uma linguagem patriarcal, bem como com a tradicional posição eclesiástica que fala de papéis complementares de mulheres e homens.

No 50º aniversário do termo do Vaticano II, perguntemos: O que tem o Espírito para ensinar-nos a partir das vidas das cinco mulheres protestantes que lutaram pelo pleno reconhecimento da sua condição de pessoas? É que, na realidade, “em Cristo e na Igreja não existe [...] condição social nem distinção de sexos, porque “não há judeu nem grego, nem escravo nem homem livre, nem homem nem mulher; [nós todas e todos] somos um em Jesus Cristo.”

## BIBLIOGRAFIA

- Benoit, M. 2000. "Are women persons? The 'Persons Case'". In *The Archivist / L'Archiviste, The Magazine of the Library and Archives Canada* (119).
- Cady Stanton, Elizabeth and Revising Committee. [1898] *The Women's Bible*. Accessed: 22 May 2014. See <http://www.sacred-texts.com/wmn/wb>
- Cremin, L. A. 1980. *American Education: The National Experience, 1873-1876*. New York: Harper and Row.
- Famous Five Foundation. Accessed 4 September 2015. See <http://www.famous5.ca/>
- Flannery, Austin P. Ed. 1975. *Documents of Vatican II*. Grand Rapids: MI: Eerdmans Publishing Co.
- Gaskell, E. 2007/1851/53. "Cranford". In *The Cranford Chronicles*. London: Vintage Press (87- 277).
- Millar, N. 1999. *The Famous Five: Emily Murphy and the Case of the Missing Persons*. Cochrane, AL: The Western Heritage Centre.
- Provost, James. "The Christian Faithful." In Coriden, James A. et al., Eds. 1985. *The Code of Canon Law: A Text and Commentary*. Study ed. New York: Paulist Press, 119-173. [1983 Code]
- Sharpe, R. J. & McMahon, P. I. 2007. *The Persons Case: The Origins and Legacy of Legal Personhood*. Toronto: University of Toronto Press.
- Strong-Boag, V. & Fellman, A. C. 1997. Excerpts from "ever a crusader": Nellie McClung, First-Wave Feminist. In V. Strong-Boag & A. C. Fellman, (Eds.). *Rethinking Canada: The Promise of Women's History for, Third Edition*. Toronto: Oxford University Press.
- Torjesen, Karen Jo. 1995. *When Women Were Priests*. New York: HarperCollins.
- Women's Legal Educational and Action Fund. (LEAF). Accessed: 11 September 2015. See <http://www.leaf.ca/about-leaf/history/>

# O GRAAL NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EMERGENTES

**Maria Carlos Semedo Ramos**



Marcar os 50 anos da publicação do boletim do Graal 'Igreja em Diálogo' é uma boa ocasião para nos centrarmos de um modo novo no passado e fazer o exercício da re-invenção de nós mesmas no acto de celebrar, sobretudo quando aquilo que celebramos nos dá testemunho e nos acena um futuro. Pareceu-me, por isso, oportuno fazer uma breve incursão pela história do movimento de apostolado dos leigos na igreja Católica, enquadrando e assinalando alguns dos contributos do Graal nessa trajectória

### A emergência dos movimentos de apostolado

149

Na esteira do Catolicismo Social, contra a tendência de reduzir a fé a uma questão privada, Pio XI, um dos Papas que governará a igreja entre as duas grandes guerras na Europa, desafia os católicos a trabalharem para criar uma sociedade totalmente cristã, na qual Cristo reina sobre todos os aspectos da vida. Na sua encíclica inaugural *Ubi Arcano Dei* (1922) exalta o mundo católico a organizar-se em associações e a ser presença

---

<sup>36</sup> **Maria Carlos Semedo Ramos** é teóloga, com alguns ensaios publicados, na área da teologia bíblica e do lugar, nela, das mulheres. Começou a participar no Graal na sua cidade, Portalegre, desde a adolescência, e foi um compromisso para a vida. Tem vivido em contextos diversos, do Graal e profissionais: quer em Portugal (Continente, Madeira) quer em Moçambique, onde esteve vários anos e onde trabalhou com Joaquim Mabuiangue, um dos primeiros Monsenhores africano negro – a seu ver, um grande teólogo e pedagogo, consciente do significado de uma verdadeira aculturação da fé e com a profunda intuição dos caminhos para a cumprir –, e sobre quem escreveu um livro de homenagem que integra testemunhos de várias autoridades do país, de dentro e fora da igreja. O livro foi publicado *post-mortem*, em 2014, sob o título: *Monsenhor Joaquim Mabuiangue uma Vida a Várias Vozes*.

Neste momento, Maria Carlos Ramos integra a tripartida Equipa de Liderança Internacional do Graal.

transformadora do mundo, mediante iniciativas várias. É também nessa época que acontece o lançamento formal da Acção Católica.

Para o Papa, trata-se de 'recristianizar' a sociedade, nas suas diferentes dimensões e, ao mesmo tempo, desafiar os católicos a interessarem-se pelas questões sociais e políticas, sem, no entanto, se constituírem em movimentos ideológicos ou partidos políticos. Mais tarde, por ocasião dos 40 anos da *Rerum Novarum*, de Leão XIII, na encíclica *Quadragesimo Anno* (1931), Pio XI critica o socialismo e o capitalismo, como respostas político-económicas para os crescentes problemas sociais na Europa, reafirma o pensamento social de Leão XIII e explicitará a ideia da importância do envolvimento dos católicos nas questões sociais e políticas. Na *Quadragesimo Anno* podemos ler:

*Nós cremos que para conseguir este outro intento nobilíssimo, com benefício geral verdadeiro e duradouro, é necessária antes de tudo e sobre tudo a bênção de Deus e depois a colaboração de todas as boas vontades. Cremos também e por necessária consequência, que o mesmo intento se conseguirá tanto mais seguramente, quanto maior for a contribuição das competências técnicas, profissionais e sociais, e mais ainda da doutrina e prática dos princípios católicos por parte, não da Acção Católica (que não pretende desenvolver actividade meramente sindical ou política), mas por parte d'aqueles Nossos filhos a quem a Acção Católica admiravelmente forma naqueles princípios e no seu apostolado sob a guia e magistério da Igreja; da Igreja, que mesmo no terreno supra acenado, como em qualquer outro onde se agitem e regulem questões morais, não pode esquecer ou descurar o mandato de guardar e ensinar, que lhe foi divinamente conferido.<sup>37</sup>*

150

Assim, o desenvolvimento do pensamento social da igreja vai de par com a instituição, formação e organização dos seus fiéis, «sob a guia e magistério da Igreja», no que o Papa designou Acção Católica. Esta, dotada de 'competências técnicas e profissionais' e esclarecida e profundamente ciente das doutrinas da igreja, apresenta-se como factor

---

<sup>37</sup> [w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-i\\_enc\\_19310515\\_quadragesimo-anno.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-i_enc_19310515_quadragesimo-anno.html)

multiplicador junto dos seus pares (operários, estudantes, agricultores...).

Forma-se uma espécie de "milícia" que no seu quotidiano, na família, no trabalho ou no lazer influenciam as tomadas de decisão.

Estão lançadas as bases para uma unidade e uma militância católicas que se desejava que fosse motor de recristianização da família e da sociedade, que se desejava que influenciasse as diversas esferas sociais.

VER-JULGAR-AGIR será o método introduzido pelo cardeal Joseph Cardijn, fundador do movimento da Juventude Operária Cristã – JOC, que rapidamente será adoptado por todos os movimentos da Acção Católica e que, com João XXIII, na sua encíclica *Mater et Magistra*, publicada no dia 15 de Maio de 1961, será reconhecido formalmente como parte do ensino e prática sociais dos católicos<sup>38</sup>.

A intuição de que a igreja para cumprir a sua missão precisaria de dar vez e voz aos leigos, começa a ganhar uma expressão mais organizada mas, também, muito centralizada, sob a forma de "participação no apostolado hierárquico da igreja". A Acção Católica torna-se o modelo do associativismo católico, sobretudo em países latinos de tradição católica.

151

Na forma como está organizada, em núcleos paroquiais e diocesanos sob a supervisão de um Assistente Eclesiástico, e nas metodologias que desenvolve, a Acção Católica vai ter um papel fundamental na formação humana, política e religiosa de muitos leigos. Vai ser também o espaço, por excelência, para a criação e desenvolvimento de um corpo crítico de pensamento cristão assim como o ponto de partida para a recuperação das 'realidades terrestres' como lugar da realização da humanidade e como ponto de partida para interrogar os caminhos e as formas estabelecidos.

Nas décadas que se seguem, até ao Concílio Vaticano II, o mundo transforma-se radicalmente com os desenvolvimentos tecnológicos, que

---

<sup>38</sup> *Mater et Magistra*, # 236

revelarão a sua capacidade mortífera na II Grande Guerra com os horrores do Holocausto e da bomba atômica; o início da Guerra Fria e os processos de descolonização com a emergência de novos países denunciarão atrocidades humanas arcaicas e intoleráveis.

Com uma fisionomia do mundo em constante mutação, a igreja perde o seu carácter de 'igreja ocidental', dilata as suas fronteiras e passa a ter um carácter mais universal, agora verdadeiramente Católico. Nasce uma nova perspectiva no labor teológico, com um assento particular nos contextos vividos, na experiência - a singularidade e subjectividade são novos instrumentos epistemológicos. Nascem as teologias contextualizadas que reivindicam uma descentralização do *locus* teológico e procuram a compreensão de Deus a partir do existencial concreto, do 'tempo' e 'lugar' que ocupamos na história e no mundo. Estas teologias, nascidas sob uma grande influência das missões *ad gentes*, tornaram-se (e são) particularmente significativas para o acolhimento da diversidade pluralidade dentro da igreja.

152

Os leigos, em particular, despertam para a uma participação no mundo comprometida com a missão da igreja e abraçam o renovamento teológico e bíblico, a par com o movimento de renovação litúrgica, numa busca de uma nova compreensão e celebração da fé e de novas chaves de leitura do mundo e dos acontecimentos para encontrar novos paradigmas.

### **O Concílio Vaticano II: o concílio dos 'leigos'**

O conceito de 'leigo', apesar de tudo, era relativamente recente. Se na realidade, desde sempre, os leigos constituíam o corpo substancial da igreja e a razão de ser da igreja, do ponto de vista da conceptualização ou dos documentos da igreja, esta realidade fora ignorada durante séculos.

Ainda que a identidade do leigo seja definida pelo que não é, ou em contraposição ao que na realidade é, os padres conciliares fizeram um esforço notável para, nas fontes da Sagrada Escritura e da tradição, resgatarem a multidão dos cristãos e reconhecerem o seu papel. Veja-se a Constituição *Lumen Gentium*:

*Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Baptismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo. (LG #31)*

A Constituição revela uma nova concepção de igreja, subordinando toda a estrutura eclesial a uma comunhão e a uma vocação à santidade. O capítulo primeiro trata da igreja como gratuidade de Deus, como mistério.

O segundo apresenta a igreja como Povo de Deus - de resto a imagem mais elaborada bíblica e teologicamente em todos os documentos conciliares -, e os demais capítulos tratam, respectivamente, da constituição hierárquica da Igreja, dos leigos, da vocação universal à santidade, dos religiosos, da índole escatológica da Igreja e, finalmente, o capítulo oitavo apresenta Maria como sinal da igreja e paradigma da missão.

Os padres conciliares para descreverem a "multidão", os leigos, parece terem-se inspirado na definição da vida cristã feita por um autor desconhecido que escreve a Diagoneto, homem cativado pela fé cristã, do século II, que deseja saber em que é que os cristãos se distinguem dos outros homens e mulheres. Para aquele Autor, em tudo eles são iguais: «não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver...» sendo que «esperando contra a toda

esperança, acreditam» (Rom 4,18). Assim, de algum modo os padres conciliares descrevem os leigos na constituição *Lumen Gentium*:

*Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e actividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. (LG#31)*

De acordo com o documento conciliar, os leigos tem vocação própria: «a santificação do mundo a partir de dentro».

## **Desafios**

154

Com o envolvimento dos próprios leigos nessa busca de clarificação da sua identidade e do seu papel na igreja, o Concílio Vaticano II materializará a viragem que se fazia sentir, com a concepção, a definição, e o aprofundamento do conceito de 'leigo na igreja'. Este, havia nascido dos desafios da modernidade dos tempos, e a sua entrada na linguagem e práticas da igreja exigia uma reformulação de muitos aspectos doutrinários da catolicidade, de um modo muito particular no que se refere à eclesiologia, à moral e ao pensamento social da igreja.

Foram lançados os dados para um exercício que Maria de Lourdes Pintasilgo designou como "Imaginar a Igreja". Ou seja, imaginar a igreja a partir de uma nova visão:

*Imaginar a Igreja é tarefa dos cristãos na unidade fraterna do Povo de Deus estruturado através da existência do elemento hierárquico. Essa tarefa tem dois pontos de aplicação fundamentais: o da "Igreja-em-si" e o da "Igreja-para-o-mundo".*

*Imaginar a Igreja-em-si equivale a saber como é que os cristãos podem ser na Igreja parte activa, quais os caminhos que os ajudam a viver no Mistério de Deus vivo, quais as formas de reunião e celebração em que o Mistério pode ser adequadamente aprofundado e actualizado.*

*Imaginar a Igreja-para-o-mundo significa tomá-la como um todo e tentar ver como é que esse todo emerge da humanidade, onde coincide e onde se afasta do caminho dos homens, que mensagem traz ao mundo, que certezas e que esperanças lhe abre.<sup>39</sup>*

Ser testemunha da ressurreição e ter o Evangelho como chave hermenêutica dos *sinais dos tempos*, fora e dentro da igreja, foram sem dúvida as afirmações mais animadoras e mais provocadoras lançadas pelo *aggiornamento* do Concílio aos leigos:

*Cada leigo deve ser, perante o mundo, uma testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e um sinal do Deus vivo. Todos em conjunto, e cada um por sua parte, devem alimentar o mundo com frutos espirituais (cfr. Gál. 5,22) e nele difundir aquele espírito que anima os pobres, mansos e pacíficos, que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados (cfr. Mt. 5, 3-9). Numa palavra, «sejam os cristãos no mundo aquilo que a alma é no corpo».<sup>40</sup>*

155

O teólogo Batista Mondi ecoa a percepção que os católicos têm de si mesmos: “Nós não somos só interpretes do futuro, mas já os colaboradores do futuro, cuja força, na esperança como na realização, é Deus”.<sup>41</sup> A certeza de que o seu empenhamento é determinante na defesa do bem comum, na construção de uma sociedade mais justa e mais humanizada levará muitos cristãos leigos a comprometerem-se politicamente, a organizarem-se em associações com características muito distintas, a promoverem iniciativas de carácter social e humanitário.

---

<sup>39</sup> Maria de Lourdes Pintasilgo. 1980. *Imaginar a Igreja: Reflexões Ultrapassadas*. Lisboa: Ed. Multinova, 56.

<sup>40</sup> “Lumen gentium”, 38

<sup>41</sup> Batista Mondi. 1980. *Os Grandes Teólogos do Século Vinte*. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas. Vol. 2 . 196.

## **O Graal: os inícios**

Com a industrialização, surgia a questão operária, com as lutas entre patrões e trabalhadores. Era assim o início do movimento operário e da luta de classes. Mas por entre esses movimentos sociais, a questão das desigualdades desdobrava-se também entre operários-homens e operários-mulheres. As mulheres começam a clamar a igualdade nos direitos contratuais e de propriedade, rapidamente dando-se conta de que é no espaço público que se tecem as decisões e se molda o futuro que lhes é vedado.

O movimento das mulheres, no princípio do século XX, está em grande expansão, principalmente nos países do Norte da Europa. No período entre as duas grandes guerras, surgem diferentes tipos de organizações femininas. Umas de carácter mais local, outras de dimensão nacional, mas, quase todas, com representação e repercussão internacionais. Multiplicam-se e desdobram-se em eventos por toda a Europa.

156

São tempos novos que imprimem a exigência da participação das mulheres. Uma exigência que nem todos apreciam ou de que conseguem ver o alcance.

Para o padre jesuíta Jack van Ginneken (Holanda, 1877-1939), e apesar da abertura da igreja e dos apelos aos católicos para um maior envolvimento social, os leigos continuam a ter uma presença muito passiva dentro da igreja. As estruturas eclesiais são demasiado masculinas e fechadas, vivendo distantes da realidade das pessoas e sem responderem aos anseios do mundo.

No entendimento do padre jesuíta que imaginou e lançou o Graal, as mulheres têm um potencial evangelizador e transformador silenciado e desperdiçado pela igreja e pelas estruturas políticas. Com uma visão mais

radical Van Ginneken tem uma intuição: criar um movimento de mulheres e para mulheres - o Graal. Para Van Ginneken, é o tempo das mulheres:

*The present coming of age of women is an opportunity to launch that force. It is 'very simple' but never thought in this way in the Church.*<sup>42</sup>

*If women have in them such values there must be a way for women to be apostles in the Church. Such apostles in whom womanhood is developed and made fruitful, become a force in world.*<sup>43</sup>

Nesta sua percepção dos tempos, em vários momentos Van Ginneken irá criticar a igreja, pelo seu esquecimento e exclusão das mulheres, quer do ponto de vista do discurso quer nas práticas eclesiais. Num dos seus retiros sobre as mulheres na Bíblia, Van Ginneken em 1931, sublinha a presença das mulheres no movimento de Jesus e o seu papel nas primeiras comunidades cristãs. Para Van Ginneken as mulheres, ao acolherem em sua casa os Apóstolos, são pioneiras no primeiro esboço de igreja. Seja pela participação no ministério público de Jesus, seja pelo apoio aos Apóstolos, as mulheres tem um papel fundamental na igreja do seu início, que com o passar dos tempos lhe foi recusada, ao ponto de se tornarem completamente invisíveis e a igreja passar a ser uma estrutura exclusivamente masculina.

157

De modo muito radical (ainda para os nossos dias), Van Ginneken defende a reintrodução do diaconado das mulheres na igreja:

*Women should never want to become priests, but they may become a deaconess's which again does not mean that every woman should become one, but that the old ecclesiastical institution of deaconess's should be re-instituted in order to admonish the faithful and carry out what Christ said to Apostle: 'teach them to keep all that I have told you [...] what you should really become, if the Pope approves of it is deaconess's.*<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> Van Ginneken. 1931. "Retrit", # 22.

<sup>43</sup> *Idem.*

<sup>44</sup> Van Guinneken. "Conferences II PVG" 7, 2.

Mas se esta era uma matéria em que Van Ginneken via que a igreja tinha perdido os ensinamentos de Jesus, o apostolado tornou-se o seu *Leitmotiv*. As mulheres católicas, como as mulheres em frente ao túmulo vazio de Jesus, são enviadas e chamadas a dar testemunho da sua fé.

Sob a sua inspiração o Graal, desde o início, traçou como matriz da sua identidade: ser um movimento de apostolado, de mulheres leigas, liderado espiritualmente por mulheres, ao serviço da igreja mas não sob o controle de qualquer instância hierárquica da igreja. O Graal, para permanecer fiel ao seu carácter de movimento leigo, deveria manter a sua independência e iniciativa. Para isso era fundamental uma formação sólida, aberta e dialogante.

### **Um Movimento de Mulheres Leigas**

Margarite van Gilse, a primeira Presidente do Graal, que conheceu Jack van Ginneken na Universidade em que ele era professor e que, com ele, teceu a visão para o Graal como movimento de mulheres leigas, num artigo escrito em 1964, refere a dificuldade de compreensão e aceitação da singularidade do Graal por parte de alguma hierarquia da igreja. Pois... "mais um pouco e seriam freiras!", escreve Margarite:

*From the beginning we were always conscious that he meant us to be lay. I remember well in the 1930s being in Rome in regard to the Grail and I had an appointment with Cardinal Pizzardo. He said to me—you are not lay because you have a community life; you are all living in the same house; you pray together and go to Mass together, you eat your meals in common. You are living the life of a religious. I answered him: 'Our founder has founded us as lay, and to remain lay'. If all those things make us religious, then we will live*

*separately, we will not eat together, we will not pray together—but we will remain lay.*<sup>45</sup>

Frente a alguns clérigos, as mulheres do Graal serão sempre vistas como tendo, por um lado, uma excessiva 'vida religiosa' e, por outro, a ausência de um assistente eclesiástico. Talvez o terreno em que o Graal nasceu tenha talhado esse modo de ser e estar?

Os católicos holandeses viveram cerca de três séculos sem a presença da hierarquia da igreja no seu território, e os leigos eram o rosto da catolicidade num país que abraçou a reforma protestante.

Margarite van Gilse, no mesmo artigo, continua a traçar a ideia do Graal como movimento de leigos, onde as palavras-chave são *independência e iniciativa*:

*We should not be a lengthened arm of the clergy, or too dominated by the clergy. We should not get caught in the old traditional patterns—for then we would be entangled in “a wasp’s nest”. As lay people we should have an independence and initiative of our own.*<sup>46</sup>

159

A *independência* e a *iniciativa* como mulheres leigas, a afirmar-se não só nos trabalhos desenvolvidos pelo Graal e nas diferentes esferas da vida humana, mas também no trabalho desenvolvido dentro da igreja e com a hierarquia da igreja.

---

<sup>45</sup> Margarit van Gilse e Father van Ginenken. 1964. 8 Outubro. In Arquivo Graal. Portugal.

“Desde o início a ideia era que fôssemos leigas. Bem me lembro que, em 1930, estava eu em Roma, para ter uma conversa com o Cardeal Pizzardo sobre o Graal. Disse-me ele: ‘Vocês não são leigas porque têm uma vida em comunidade, vivem todas na mesma casa, rezam juntas e vão em conjunto à Missa, tomam as refeições em comum. Vivem uma vida religiosa. E eu respondi-lhe: ‘O Padre van Ginneken fundou-nos como leigas e como tal havíamos de permanecer.’ Se tudo nos faz parecer religiosas, então podemos mudar: viver sozinhas, não ter as refeições em conjunto, não rezar juntas. Mas leigas continuaremos a ser.’

<sup>46</sup> *Idem*. “Não devíamos ser um braço enfraquecido do clero, ou demasiado dominadas por este. Não deveríamos ficar nas malhas dos velhos modelos tradicionais – porque então ficaríamos metidas num ninho de vespas. Enquanto mulheres leigas, devíamos ter independência e iniciativas próprias.”

Movimentos como o Graal que reclamaram uma *independência* e tomaram *iniciativa*' acabam por ser vistos com alguma suspeita. Não se lhes põe em causa a dedicação, o empenhamento e o rigor em tudo o que fazem, mas... Há sempre um '*mas*', uma suspeita, que se prende com as competências doutrinárias e morais.

Em 1936 é o próprio Papa Pio XI que convida as líderes para uma audiência no Vaticano<sup>47</sup>. Era a tentativa final de converter o Graal na Acção Católica dos países da Europa Ocidental, que era de tradição maioritariamente protestante. Nessa altura, e para que tenha assento e representação entre os movimentos católicos, o Graal filia-se na Liga Internacional da Acção Católica. Mas terá sempre um problema: não tem assistente eclesiástico.<sup>48</sup>

A guerra não irá permitir aprofundadas discussões 'estatutárias'. O movimento que formava e movia multidões de raparigas, liderado por jovens mulheres, ficou reduzido a um pequeno grupo que se manteve unido, desejando manter-se fiel à inspiração primeira: um movimento de apostolado, de mulheres, de leigas. Um movimento cuja espiritualidade e formação são nutridas e conduzidas por mulheres.

160

Ainda que sob alguma suspeita, dado o carácter emancipado destas mulheres em relação ao controlo e às orientações da hierarquia, e dada a ausência de um assistente eclesiástico nomeado pela hierarquia, à excepção de Portugal (1957), Moçambique (1996) e Suécia (1996), mesmo assim o Graal começa o seu trabalho por iniciativa de bispos, em todos os outros

---

<sup>47</sup> Rachel Donders. 1983. "History of the International Grail 1921-1979". Ohio: Grailville.

<sup>48</sup> Não tendo encontrado outra definição, recorro àquela que comparece nos estatutos da Acção Católica Portuguesa. De acordo com estes, no artigo 96º, o assistente eclesiástico é: «o Delegado da Hierarquia que, junto da Acção Católica, terá por missão: a) manter e defender a integridade da fé, da moral e da disciplina da Igreja; b) formar, assistir e animar os associados da mesma Acção católica em ordem ao seu apostolado».

países onde está presente, nomeadamente no campo da formação de leigos, do trabalho ecuménico e de desenvolvimento comunitário.

O Graal espalhou-se durante e logo a seguir à guerra, pelos cinco continentes.

Na formação dos seus membros, o estudo, o aprofundamento e a actualização nas teologias, de par com uma vida de oração intensa, são entendidos como elementos fundamentais para a compreensão e a transformação do mundo. O lugar no mundo é o ponto de partida para dizer e celebrar o Mistério de Deus, para a desconstrução e a criação de novas linguagens e abordagens. O tempo, cada tempo, é o momento para "destruir e edificar, arrancar e plantar". O horizonte há-de ser, sempre, o Reino de Deus. **E a demanda, uma atitude a cultivar, ao jeito dos cavaleiros da lenda do santo Graal.**

O Graal, por altura do Concílio Vaticano II, tinha 40 anos de existência como movimento de apostolado leigo, de mulheres, e com forte dimensão internacional.

161

Em 1983, Rachel Donders, ex-Presidente Internacional do Graal, descrevia o sentimento geral que atravessou o Graal durante os anos que durou o Concílio:

*There may have been a tiny grain of self-congratulation in the joy they felt. Wasn't the Grail one of the movements which already held some advanced ideas, inspired by new theology? Didn't the Constitution on Liturgy - the first subject tackled by the Council - affirm what the Grail had been practicing for years? Wasn't the Movement already in the forefront - together with others - of renewal in the field of biblical spirituality, in the reading of the signs of the time?<sup>49</sup>*

---

<sup>49</sup> Rachel Donders, *idem*: “Pode ter havido um grãozinho de auto-contentamento na alegria que sentiram. Mas não era o Graal um dos movimentos que já na altura tinha ideias avançadas, inspiradas pelas novas teologias? E não era que a “Constituição sobre a Liturgia” – o primeiro assunto tratado no Concílio – afirmava aquilo que o Graal vinha já a celebrar e a viver há tantos anos? Não estava o Graal, tal como outros grupos, no rumo da renovação bíblica da espiritualidade, e da leitura dos sinais dos tempos?”

Um pouco por todos os países, o Graal, durante os anos do Concílio e os que se lhe seguiram, dedicou-se ao estudo, aprofundamento e divulgação dos documentos conciliares, fosse na formação directa de diferentes tipos de grupos de leigos, fosse na formação de seminaristas e padres, fosse através de publicações.

Internacionalmente muitas mulheres do Graal foram chamadas a colaborar com a hierarquia da igreja, em diferentes dioceses do mundo ou directamente no trabalho desenvolvido pelo Vaticano, em Roma, nos preparativos e acompanhamento do próprio Concílio: Alberta Lücker, da Alemanha, incorporou a Press Corps, em Roma; Dé Groothuizen, também alemã, foi convidada a fazer parte do Secretariado dos Bispos Africanos. Rachel Donders (Holanda) e Rosemary Goldie (Austrália), duas mulheres do Graal, estão presentes, entre as 23 mulheres que foram convidadas como 'auditoras'<sup>50</sup> durante o Concílio.

Rosemary Goldie, depois do primeiro Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos, em 1952, em Roma, tornou-se secretária executiva do Comité do Congresso. É nessa condição que irá ser convidada como auditora durante o Concílio Vaticano II, onde terá um papel fundamental no que concerne ao papel dos leigos e das mulheres na Constituição *Gaudium et Spes* e no Decreto *Apostolicam Actuositatem*. Ficaram conhecidas a sua coragem e a sua determinação, escondidas numa mulher de pequena estatura, quando desafiou os bispos a terem um diálogo sobre os leigos 'não paternalista', 'não clerical' e 'não jurdicista'. Ficará também conhecida, quase como anedótica, a resposta de Rosemary ao grande mestre da eclesiologia e da teologia do laicado, o padre dominicano Yves Congar, quando este sugere a introdução num texto conciliar de «uma elegante expressão comparando as mulheres à delicadeza das flores e aos

162

---

<sup>50</sup> O contributo destas mulheres está documentado e foi recolhido no recente livro de Adriana Valério, historiadora e teóloga, sob o título *Madri del Concilio*, a tradução portuguesa optou pelo título *As 23 Mulheres do Concílio*, das edições Paulinas.

raios de sol: “Padre – disse ela – deixe lá as flores. O que as mulheres querem da Igreja é que sejam reconhecidas como pessoas plenamente humanas”.»<sup>51</sup>

Rosemary Goldie, depois do Concílio irá trabalhar no Comité Permanente do Apostolado do Leigos. É assinalada como a primeira mulher a desempenhar um cargo administrativo na Cúria Romana.

O Cardeal Johannes Willebrand, pioneiro do ecumenismo e do diálogo inter-religioso dentro da igreja Católica, irá convidar Corinna de Martinie, da Itália, e Josette Kersters, da Holanda, para o assessorarem no Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, com sede no Vaticano.

Em Portugal, o Graal dava os seus primeiros passos mas nada impede as mulheres que o constituem de tomarem iniciativas, mormente nas Dioceses onde tem projectos de evangelização e desenvolvimento comunitário implementados: Portalegre e Castelo Branco, Coimbra, Porto e Lisboa. Desse período conciliar, o boletim *Igreja em Diálogo* é representativo do compromisso com a igreja, do Graal como movimento de apostolado leigo. Esse boletim, em bom rigor, um compêndio de Teologia Laical, resulta da constatação da necessidade de tornar acessível em Portugal o pensamento cristão re-nascente.

163

### ***O Futuro do Passado: participação de leigas e leigos na vida da igreja***

Maria de Lourdes Pintasilgo gostava de chamar aos arquivos do Graal *O Futuro do Passado*. Sempre me retive nesta nomeação, porque o mais normal seria os arquivos, pela sua natureza, pertencerem ao passado de um tempo a vir, passado do futuro, talvez. Mas a história é esse real

---

<sup>51</sup> Idem, pg 132

concreto onde Deus passa e se anuncia, e só há escatologia possível porque houve um passado que nos reinventa e recria, nos abre ao novo e nos projecta para lá de nós próprias.

E eis que chegámos ao Futuro do Boletim *Igreja em Diálogo* de há 50 anos.

### *Igreja-em-Diálogo?*

O título é forte, audaz, ainda hoje decalcado para várias outras iniciativas (mesmo fora dos contextos do Graal). O que agora surpreende é a ousadia de então, o facto de o sujeito dialogante ser a própria igreja. Ou não?

O que é improvável, hoje, num título como este, é que o sujeito 'igreja' tenha por trás um grupo de mulheres, ou um movimento de leigos. O mais esperado e provável é que uma paróquia ou uma diocese se assuma como o “sujeito' igreja”. Veja-se, a título de exemplo, o que encontramos no Google quando se procura 'igreja em diálogo': a página do Patriarcado de Lisboa, que tem um espaço aberto aos cibernautas, sob o mesmo título<sup>52</sup>, ou da Paróquia de Paranhos<sup>53</sup> que tem um espaço semelhante.

164

O título deste *Boletim* era ele próprio eco de um novo entendimento da identidade dos leigos na igreja, assumida e definida pelo Concílio Vaticano II, em particular na sua Constituição *Lumen Gentium* (LG) e no Decreto *Apostolicam Actuositatem* (AA).

Dizer "Igreja em Diálogo", em 1965, para Teresa Santa Clara Gomes e Maria de Lourdes Pintasilgo e para o próprio Graal que elas tinham começado em Portugal, era expressão de um tempo inaugural na igreja, da qual se sentiam “sujeito”.

---

<sup>52</sup> <http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?tem=178>

<sup>53</sup>

[http://paroquiadeparanhos.net/web2/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=230](http://paroquiadeparanhos.net/web2/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=230)

Como já referi anteriormente, de acordo com a constituição *Lumen Gentium*, os leigos têm vocação própria: «a santificação do mundo a partir de dentro».

É interessante constatar como as criadoras do boletim 'Igreja em Diálogo' têm, já nessa época, esta visão profundamente interiorizada. Partem de dentro do mundo, do tecido das suas vidas e das «condições ordinárias da vida familiar e social», para aí, com talentos que têm de ser fermento e «guiadas pelo espírito evangélico», darem «testemunho da própria vida pela irradiação da sua fé, esperança e caridade.»

Se passo em revista cada número, não consigo deixar de me surpreender com o rigor e o enorme trabalho que cada número envolve.

Na contracapa dos números de *Igreja em Diálogo* (daqueles que têm já formato A3), podemos ler os objetivos a que o Boletim se propõe: ser “um órgão de difusão e de divulgação do pensamento cristão contemporâneo, constituindo uma forma simples de 'selecções de teologia, espiritualidade e apostolado”, dando a conhecer, de forma sistemática, aspectos importantes do pensamento e da vida da igreja pós-conciliar.

165

Um outro traço que me impressiona neste Boletim, para além dos objectivos claramente formativos e informativos, é o espectro dos destinatários: "todos os cristãos", "grupos de estudo e discussão" e "todos os homens de boa vontade". Os destinatários denunciam claramente o desejo de diálogo com o mundo, a abertura ao seu tempo e às questões iminentes vistas sobre diferentes perspectivas.

Mas há ainda um outro elemento de surpresa: o modo como se classifica esta publicação: "um instrumento da Igreja que se quer pobre e servidora":

*todos os homens de boa vontade que nesta publicação modesta têm ao seu dispor um dos instrumentos da Igreja que se quer pobre e servidora de todos os homens.*

As palavras do Concílio parece pois terem sido levadas à letra:

*Os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e activa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra. Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, «segundo a medida concedida por Cristo» - Ef. 4,7 - (LG #33)*

Um grupo de mulheres leigas «pelos dons que lhe foram concedidos» e profundamente comprometidas com a sua fé entendem-se a si mesmas como «testemunhas e instrumentos vivos da missão da própria Igreja». De tal modo comprometidas com essa missão, que elas próprias são "instrumento". De tal modo uma igreja «que se quer pobre e servidora», que o seu trabalho é serviço da igreja.

Podemos dizer que este Boletim respira ele próprio as palavras do Concílio sobre os leigos e é - ele mesmo - resposta ao desafio vindo da igreja conciliar:

*Portanto, a eles (leigos) compete especialmente, iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor. (LG #31)*

Só nos primeiros anos de existência foi necessário incluir, o famoso *nihil obstat*, não em latim, mas em português esta declaração: “com licença da autoridade eclesiástica”. Após três anos, essa declaração foi eliminada, como publicação autónoma da hierarquia, já que a igreja é «antes de tudo, uma Comunhão, e não um critério externo de segurança doutrinal»<sup>54</sup>. E o Boletim é ele próprio sinal de Comunhão.

---

<sup>54</sup> Charles Moeller. 1965. "O fermento das ideias na elaboração da Constituição". In Guilherme Baraúna. 1965. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 163-169.

Não sei se é possível sentir a nostalgia de um tempo que não vivemos? Nesta publicação, com tudo o que ela encerra - e não foi com certeza inédito no mundo católico dos movimentos de leigos - , o que me toca é a tomada de iniciativa, a determinação, por parte destas mulheres do Graal na sua afirmação identitária de *ser* e *agir* a igreja. Um exemplo magnífico da tão questionada “autonomia dos leigos”.

Pergunto-me se é possível ter essa nostalgia, porque, não tendo vivido aquele tempo, este *boletim* apresenta-se-me como sinal da promessa inscrita no vigor dos documentos conciliares: a profecia por cumprir.

### **O passado com futuro - chamados a uma só esperança**

Com a emergência de novas realidades laicais, não necessariamente dentro dos padrões da Acção Católica, como tinha sido exemplo até ao Concílio, e não necessariamente vinculadas às estruturas paroquiais, levam a igreja-instituição a medir-se nas suas tomadas de posição e de decisão e a fechar-se ao diálogo intra-ecclesial.

167

As paróquias reorganizam-se com a preocupação de dar lugar aos leigos e cumprir as recomendações do Concílio: «entreguem-lhes confiadamente cargos em serviço da Igreja e dêem-lhes margem e liberdade de acção, animando-os até a tomarem a iniciativa de empreendimentos.», mas à medida que o tempo passa começa a haver sinais de algumas dificuldades de pôr em prática as recomendações conciliares.

Verifica-se que o papel dos leigos é cada vez mais executivo e menos de iniciativa. Começam a escassear os espaços reflexivos para actualizar e pensar globalmente a igreja frente às novas demandas do mundo. A família, a profissão, a cultura, a política vivida pelos leigos passa para a esfera da

vida privada, como diz Paola Bignardi , «[...] e não como um modo específico de contribuir para a missão da igreja».

Penso nas mulheres que conceberam e publicaram o boletim *Igreja em Diálogo*. Não eram teólogas, eram cristãs.

*Igreja em Diálogo* resultou do seu compromisso com a igreja e com o mundo. Foi uma iniciativa de mulheres cristãs que constatou, o que a hierarquia católica em Portugal não foi (nem é) capaz de fazer: não existe em Portugal literatura cristã capaz de formar e ajudar os cristãos a compreenderem e a viverem o Concílio.

Numa igreja em que mais de 90% dos fiéis são leigos, é sintomática a pobreza que se regista ainda hoje na produção de teologia do laicado, apesar de ter crescido significativamente o número de teólogos leigos.

A temática 'leigos' parece ter passado de moda.

Do trabalho teológico recente e consistente a que tive acesso, o que se refere aos leigos é do Cardeal Francis Arinze, natural da Nigéria, Prefeito Emérito da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, um favorito no último Conclave, que em 2013 publicou o livro *The Layperson's Distinctive Role* (Ignatius Press). Neste livro o Cardeal Arinze analisa criticamente e em detalhe aquilo que qualifica como "principais impedimentos" para uma maior e melhor participação dos leigos na vida da igreja.

Entre os impedimentos identificados por Arinze, gostava de referir alguns, com os quais concordo e que considero reais e preocupantes:

- a ignorância por parte de alguns clérigos e de alguns leigos sobre o que a igreja ensina sobre o apostolado dos leigos;
- a ignorância da teologia sobre a Igreja e sobre os diferentes papéis dos leigos, dos clérigos e dos religiosos;
- o medo por parte tanto de clérigos como dos leigos, quando os leigos são encorajados a "assumir seu próprio papel";

- o apostolado dos leigos visto como luta de poder entre clérigos e leigos;
- o apostolado dos leigos ser visto como autoridade paralela na igreja ou como uma ameaça para os clérigos;
- o medo revelado na mentalidade dos clérigos: "Os leigos não sabem teologia" ou, se os leigos têm formação teológica : "Esses vem para cá lançar a confusão!"

É óbvio que não podemos generalizar, estes ou outros impedimentos, a todos os contextos. Contudo, podemos dizer que de algum modo eles estão presentes no tecido da igreja e são, por isso, factores de enfraquecimento e empobrecimento, que fragilizam, desresponsabilizam e matam.

A esta lista de impedimentos gostava de acrescentar um dos traços que se prende com a autonomia dos leigos e que encontra grande entrave nas relações intra-eclesiais: a ausência de confiança na integridade espiritual e competência doutrinal dos leigos, a começar pelos clérigos mas também muito assimilado por um grande número de leigos.

169

A autonomia dos leigos, nos textos conciliares, fundamentou-se na 'autonomia das realidades terrestres': «sendo próprio do estado dos leigos viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do mundo.»<sup>55</sup> Por isso é estranho que essas mesmas 'realidades terrestres' não sejam elas mesmas instrumento para a compreensão da Palavra de Deus, na densidade e complexidade que o mundo encerra, nas relações interpessoais e nos dinamismos de cada tempo. É prejudicial à inteireza cristã e humana o dualismo entre as 'realidades terrestres' e as 'realidades espirituais'. É empobrecedor a igreja

---

<sup>55</sup> AA, 2.

não integrar a experiência e vivência espiritual dos leigos para o cumprimento da sua missão. É angustiante ver a espiritualidade dos leigos identificada com ‘devoção’, ‘piedade religiosa’ ou ‘consumo’ de sacramentos. É redutor e presunçoso pensar que a vida espiritual se esgota no modelo clerical.

Consola-me saber que Deus pensou e abençoou a diversidade antes de nós, que a desejou e a tornou Graça para cada um de nós.

E apesar de todos os impedimentos, acredito nos dinamismos internos da igreja e que as fronteiras traçadas se dissiparão na fidelidade ao Evangelho.

Profundamente, acredito:

«Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança;

um só Senhor, uma só fé,

um só batismo;

um só Deus e Pai de todos,

que reina sobre todos,

age por todos e permanece em todos.» (cfr. Ef 4, 4-6)



**PARA A**

**CONTRACAPA:**

**O Graal é um dinamismo espiritual partilhado por mulheres vindas de todas as situações de vida, de todos os continentes, etnias e culturas, que juntas procuram o Sentido mais fundo de se estar neste mundo.**

**Essa espiritualidade que procuram, enraizada no cristianismo, é fonte que as leva a reunir capacidades e energias para a transformação das sociedades que habitam em lugares mais alegre, onde seja bom viver:**

**no respeito pela vida de cada pessoa e a do Planeta,  
criando contextos e intervindo pelos direitos e deveres  
de mulheres e homens,  
pela justiça, a dignidade, a solidariedade,  
a igualdade de oportunidades para todos,  
cuidando a vida presente e futura na Terra.**

Endereços do Graal

em Portugal

no RESTO DO mundo